

127

# BIOGRAFIA E CIVISMO NO PROJETO EDITORIAL DA REVISTA EM QUADRINHOS *MIRIM*



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



## FRANCISCO DAS NEVES ALVES



# BIOGRAFIA E CIVISMO NO PROJETO EDITORIAL DA REVISTA EM QUADRINHOS *MIRIM*





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)  
António Ventura (Universidade de Lisboa)  
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)  
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)  
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Francisco Topa (Universidade do Porto)  
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)  
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)  
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)  
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)  
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)  
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)  
Maria Eunice Moreira (PUCRS)  
Tania Regina de Luca (UNESP)  
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)  
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# BIOGRAFIA E CIVISMO NO PROJETO EDITORIAL DA REVISTA EM QUADRINHOS *MIRIM*



- 127 -



UIDB/00077/2020



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



Lisboa / Rio Grande  
2026

## Ficha Técnica

Título: Biografia e civismo no projeto editorial da revista em quadrinhos *Mirim*

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 127

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: MIRIM. Rio de Janeiro, 22 out. 1941; 1º fev. 1942; 5 abr. 1942 e 27 maio 1942.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Junho de 2026

ISBN – 978-65-5306-098-2

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

## ÍNDICE

O Estado Novo e a biografia como estratégia de manifestação cívica / 9

A exaltação biográfica nas páginas da revista em quadrinhos *Mirim* / 19



O ESTADO NOVO E A BIOGRAFIA  
COMO ESTRATÉGIA DE  
MANIFESTAÇÃO CÍVICA

O projeto cívico do Estado Novo teve na exaltação aos denominados “vultos históricos” um de seus pontos altos, em uma prática que envolveu em larga escala o conteúdo biográfico. Personagens em sua grande parte dos tempos pretéritos, juntamente de algumas personalidades contemporâneas tornaram-se protagonistas das narrações textuais e imagéticas elaboradas diretamente pelo aparelho ideológico estado-novista e também pelos órgãos de comunicação que se afiliaram a esse projeto. Nesse quadro, a biografia era encarada como “um empreendimento de homologação seja do conhecimento adquirido, seja das ideias prontas sobre um homem, seja das relações entre um sistema político e a realidade”<sup>1</sup>. Nesse sentido, os enfoques biográficos pretendiam realizar a partir de certo personagem uma “revelação da essência da humanidade”, de modo que, ao invés “de descrever uma vida”, buscavam “reconstituir um ‘projeto existencial’”<sup>2</sup>.

Tal construção biográfica “assimilou a exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato”<sup>3</sup>. Realizava-se, desse modo, uma “biografia pública, exemplar, moral”<sup>4</sup>. Os personagens

---

<sup>1</sup> LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 175.

<sup>2</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

<sup>3</sup> PRIORE, Mary del. Biografias, biografados: uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 75.

<sup>4</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 169.

retratados, normalmente vinculados ao passado, tiveram suas existências elevadas a um panteão cívico, de maneira que a biografia trazia o destaque às “vidas dos grandes homens ilustres, compostos como espelhos de heroicidade e exemplaridade moral”<sup>5</sup>. Os registros biográficos relacionavam as ações de tais personalidades com as dos “ícones de outrora”, que teriam atuado como “vetores privilegiados” no devir histórico, no sentido de “incutir a veneração dos heróis da gesta patriótica”, com “a insistência num discurso moral exemplar”<sup>6</sup>.

Desse modo, em tal projeto “o discurso de celebração, nomeadamente a biografia, desempenha um papel determinante”, ao construir um “personagem memorável”, que viria a ser digno do “relato histórico”<sup>7</sup>. Nessa linha, “uma individualidade biológica socialmente instituída” passaria a agir “como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos”<sup>8</sup>. A abordagem do biográfico aparecia como essencialmente “preocupada com as peripécias e as vicissitudes dos grandes homens”, em um quadro pelo qual, o “drama histórico humano” é recuperado e ressaltado através do “peso das grandes decisões dos ‘heróis’” e no

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 59.

<sup>6</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 7.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 290.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190.

“rol fundamental das vidas dos grandes personagens na definição dos destinos daquele drama”<sup>9</sup>.

As biografias empreendidas nessa época traziam elementos constitutivos de várias tendências voltadas à construção do biográfico. Levava-se então em conta a perspectiva pela qual “durante muito tempo, da antiguidade à época moderna, o gênero biográfico teve por função essencial identificar”, prestando-se “ao discurso das virtudes” e servindo “de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras”. Tal conteúdo biográfico vinha a participar “de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que devem perpetuar-se”. Assim as construções de natureza biográfica inscreveram-se, “durante esse longo período, no respeito absoluto a uma tradição” que perpassou por “valores heroicos”, chegando a tomar “por modelo as vidas exemplares”<sup>10</sup>.

Na antiguidade clássica, a edificação biográfica voltava-se a “desenhar o retrato de personagens representativos dos valores esperados” dos homens públicos, bem como procurar “apreciar as qualidades e a glória” de governantes e ainda “revelar os traços de destaque de um caráter psicológico em sua ambivalência e complexidade, inaugurando o gênero da vida exemplar com tons moralizantes”. Ainda nessa época, havia por motivação “a ânsia de vencer

---

<sup>9</sup> ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 11.

<sup>10</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 123.

o esquecimento, a finitude da existência, e o cuidado de transmitir, imortalizar a ação humana a ser perpetuada na lembrança dos pôsteros na memória coletiva". Tratava-se também "de perpetuar pelos *exemplum* um certo número de virtudes morais". Mais, tarde, mormente nos tempos medievais, sobressaiu-se um olhar hagiográfico sobre a biografia, em um contexto pelo qual "a hagiografia é, fundamentalmente, um discurso das virtudes e institui o primado da lógica dos lugares sobre as notações temporais marginalizadas, inseridas na ordem do imutável". Tal versão hagiográfica "pressupõe o desaparecimento do santo e uma construção singular dos testemunhos de sua vida, com a ideia de mostrar que a própria lógica de sua existência sempre foi orientada pela intenção de sacrificar-se pelos semelhantes". Além disso, na hagiografia, "o caráter exemplar que prevalece tem por efeito congelar o tempo num retrato"<sup>11</sup>.

Mais tarde, já sob os auspícios da modernidade, passava a predominar a perspectiva da heroicidade, de maneira que "a noção de herói atravessa a história profana em vias de deschristianização", beneficiando-se "de uma transferência de sacralidade" e revisitando "a existência dos predecessores meio-homem, meio-deuses da antiguidade". Essa "referência histórica se instala no cerne do discurso histórico e se torna um recurso precioso no tecido da intriga romanesca". Nesse quadro, ocorre uma "valorização do herói", o qual "cristaliza em si uma simbolização coletiva", e cuja "existência é atestada pelo modo de enfrentar e vencer a adversidade ao preço de um sofrimento", que pode chegar mesmo ao "sacrifício que o herói aceita em defesa de sua causa",

---

<sup>11</sup> DOSSE, 2015. p. 124, 125, 128, 129 e 139.

demonstrando o “valor que o motiva como princípio transcendente”. Tais “biografias resultam de um processo de laicização tanto quanto de uma reivindicação de identidade de uma linhagem em sua inserção no espaço e no tempo”. A partir dessa tendência, “exuma-se o heroísmo à antiga, que busca a imortalidade no reconhecimento público” e, através da “capacidade de absorver os valores coletivos, de encarná-los num percurso singular, a vida dos indivíduos” passa a encerrar “um sentido maior que a mera equação pessoal”, vindo a conquistar “uma glória duradoura aos olhos de outrem, por meio do reconhecimento”. Era o império da “concepção da biografia como *magistral vitae*”<sup>12</sup>.

A partir do século XVII, “a narrativa biográfica se apresenta como veículo de uma farsa, de um simulacro da realidade, de uma estrutura imaginária do poder que surge como fato atestado, agora em processo de elaboração textual”. Em tal conjuntura passava-se a buscar, “no instante mesmo do acontecimento, as figuras que melhor cristalizem a identidade nova”. Com as revoluções, “concentrava-se a autodeclaração dos heróis nos mortos contemporâneos, os mártires, as vítimas da nova fé” e, “os dirigentes revolucionários sonham mesmo com um ensino da História que se reduza a simples galeria de retratos representativos dos novos valores”. O ato “heroico passa por expressão da providência”, de forma que “o indivíduo guindado ao *status* de herói é visto como uma encarnação de Deus no mundo cá de baixo”, ficando, inclusive, demarcado “um verdadeiro culto ao herói”. Nesse caso, o “herói” já tem tal

---

<sup>12</sup> DOSSE, 2015. p. 151, 152, 154 e 155.

condição desde o berço e a “sua vida está em perfeita consonância com a missão que lhe teria sido ‘consignada pela providência’”. Falava-se assim do “homem que pode”, que “cristaliza em si as possibilidades da perfeição política”, podendo ser elevado “ao patamar supremo da nação”, possibilitando a instauração de “um governo perfeito”<sup>13</sup>.

Durante o Século das Luzes, “a figura do herói sofre uma crise”, passando a predominar “o elogio dos grandes homens”, os quais poderiam prestar-se “a múltiplas encarnações” e encamparem em si diversas facetas e ocupações. Nessa linha, “o quadro matricial do grande homem é, ao mesmo tempo o quadro nacional, mas a doação à pátria traz em si uma mensagem que se pretende universalizante”. Além disso, ocorreria a “proliferação de relatos biográficos que tentam articular individualidade e exemplaridade”. Já nos Oitocentos, a biografia passava a ser considerada como “um bom suporte de ensino para as crianças” e “seu uso e utilidade seriam eminentemente pedagógicos”. Entretanto, a heroificação biográfica não se fez “ausente nesse século”, pois “a história experimenta um novo ímpeto com o discurso escolar da transmissão do patrimônio nacional e da vontade de afirmação da consciência nacional”. Nesse caso, cabia “aos historiadores apresentar às novas gerações em formação algumas figuras exemplares com que elas se identifiquem”, e “a biografia se torna um dos cadinhos do breviário nacional”<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> DOSSE, 2015. p. 158, 161, 162, 164 e 165.

<sup>14</sup> DOSSE, 2015. p. 166, 168, 169, 173 e 179.

Em tal época, “um verdadeiro deslocamento de sacralidade se opera e o martírio se transforma no martírio pela causa pátria”. Esse tipo de “sacrifício pressupõe a instauração de toda uma pedagogia da solidariedade nacional”, ocorrendo um retorno ao “modelo antigo da *Historia Magistrae*, da vida exemplar de quem verteu seu sangue e que lá está como figura simbólica da inscrição de uma dívida indefinida, contraída pela comunidade” para a qual “ele se sacrificou voluntariamente”. A partir de tal premissa, “a educação e a transmissão do passado são concebidas de maneira explícita, por seus responsáveis, como instrumentos que lembram a dívida das novas gerações para com seus ancestrais”. A chegada do século XX traria um certo reforço do processo pelo qual “o herói” cede, “pouco a pouco espaço ao grande homem”, o qual foi reforçado pelo “cruzamento de identidades segundo escalas mais restritas ou mais amplas, bem com a ânsia de pacificação das relações entre os países”. Ocorre à época também uma “passagem da glorificação de valores quase divinos no terreno militar à valorização das qualidades de inovação, criação e boa gestão política”, com a busca “de novas fronteiras”, sem deixar de lado “a velha identidade nacional”<sup>15</sup>.

De acordo com tal perspectiva, os órgãos de propaganda do Estado Novo e os veículos comunicacionais que acompanharam tal projeto tiveram um cuidado especial em providenciar e/ou estimular a produção de produções biográficas acerca de personalidades consideradas como exemplos de nacionalismo e civismo. Nelas eram ressaltados seus supostos valores heroicos,

---

<sup>15</sup> DOSSE, 2015. p. 179, 181 e 182.

os quais serviriam de “modelo”, por constituírem uma “vida exemplar”. O tom hagiográfico também aparece, com os atos de tais personagens sendo praticamente comparados a ações sacrossantas, surgindo como verdadeiros exemplos de virtudes morais. Tais sujeitos eram também apresentados na qualidade de heróis, capazes de sacrifícios pela causa pátria. Apareciam assim líderes guerreiros, cuja abordagem constituía uma oportunidade para o culto unipessoal. Alguns desses nomes foram mesmo associados ao elogio dos grandes homens, trazendo mais uma vez consigo a questão da exemplaridade e o vínculo ao despertar da consciência nacional<sup>16</sup>.

A grande preocupação estado-novista de exaltar tais figuras, construídas como exemplos de heroicidade, tornando-se modelos de conduta cívica, com ênfase ao público infanto-juvenil, levou o aparelho ideológico-cultural da ditadura a empreender um gigante esforço em prol de produzir material que ressaltasse essa heroificação de natureza biográfica. Tendo importado o modelo das histórias em quadrinhos para o Brasil, o Grande Consórcio de Suplementos Nacionais, como empreendimento empresarial e, posteriormente, encampado pelo governo, desempenharam bastante a contento essa função junto do público jovem que consumia suas revistas. Dentre os periódicos publicados por aquela empresa, a *Mirim* dedicou várias de suas seções e matérias avulsas para

---

<sup>16</sup> Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Uma cartilha infantil estado-novista e a personalização do regime através da biografia ilustrada do líder*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2021. p. 12-18.

enaltecer determinados “vultos históricos” e personalidades da contemporaneidade que serviram para contemplar tal projeto cívico<sup>17</sup>.

---

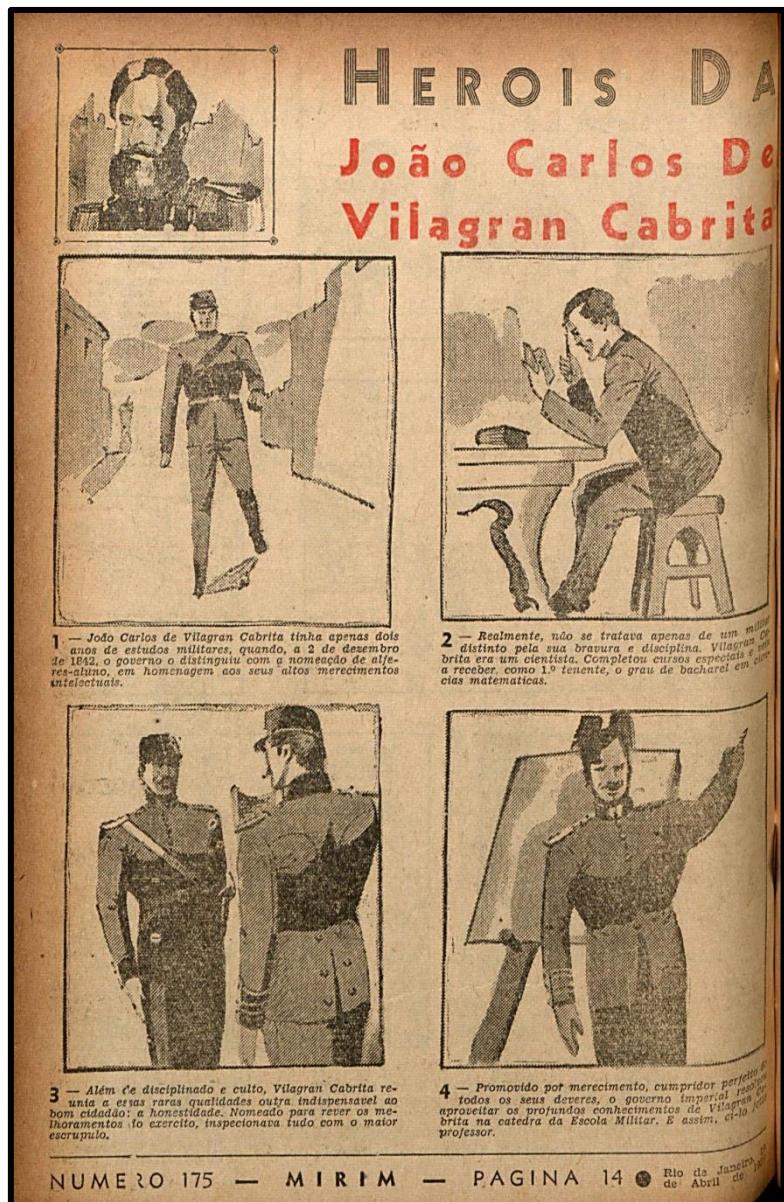
<sup>17</sup> A respeito das publicações Grande Consórcio e da *Mirim*, ver: ALVES, Francisco das Neves. O pan-americanismo e o Estado Novo na perspectiva das revistas em quadrinhos *Suplemento Juvenil* e *Mirim*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2026. p. 10-72.; GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos (1933-1964)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 17-117.; GOIDANICH, Hiron Cardoso & KLEINERT, André. *Enciclopédia dos quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 2014. p. 12 e 24-25.; MOYA, Álvaro de. História da história em quadrinhos. Porto Alegre: L&PM, 1986. p. 114-117.; VERGUEIRO, Waldomiro. *Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Petrópolis, 2017. p.36-41.; CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 10-11.; e WERNECK, Humberto. *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000. p. 151-153 e 192

A EXALTAÇÃO BIOGRÁFICA NAS  
PÁGINAS DA REVISTA EM  
QUADRINHOS *MIRIM*

A Guerra da Tríplice Aliança foi um dos fenômenos históricos que maior eco encontrou no projeto cívico estado-novista, sendo vários dos participantes do conflito internacional elevados àquilo que se construiu como um panteão dos heróis nacionais. Houve farta produção bibliográfica sobre tais personagens e a imprensa controlada e/ou vinculada ao plano governamental fez repercutir tal enfoque. *A Mirim* esteve fortemente articulada com tal iniciativa, como ao publicar algumas histórias em quadrinhos de natureza biográfica intitulados “Heróis da Guerra do Paraguai”. Nesse quadro, o primeiro militar exaltado foi João Carlos de Vilagran Cabrita, o qual foi homenageado por meio de diversas qualificações elogiosas como portador de “altos merecimentos intelectuais”, “militar distinto pela sua bravura e disciplina”, “disciplinado e culto”, tendo um comportamento marcado pela “honestidade”, “cumpridor perfeito de todos os seus deveres”, portador de “profundos conhecimentos”, “professor, estudioso e patriota”, “chefe de família amoroso” e tendo se batido “denodadamente”, nos combates do Paraguai, onde veio a perecer. O enaltecimento a Cabrita era demarcado ainda pela constatação de que “poucas vezes a natureza concede tantos predicados a um homem” e, mesmo depois de sua “morte gloriosa”, permanecera como um “grande homem”, cuja “memória está intacta no coração do Brasil”<sup>18</sup>.

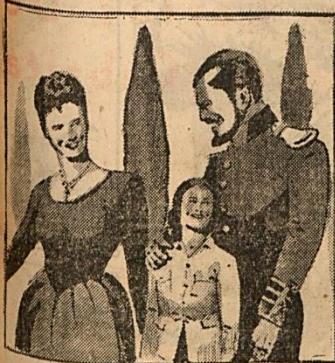
---

<sup>18</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 abr. 1939.



# GUERRA DO PARAGUAI

Texto do Professor Rafael Murilo ☆ Desenhos de Coutinho



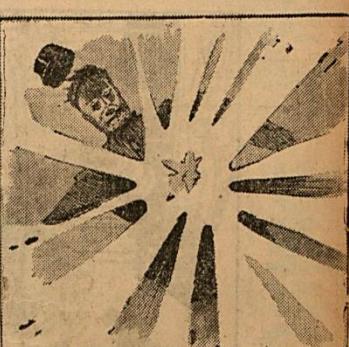
5 — Poucas vezes a natureza concede tantes prediletos a um homem. Esse professor, estudioso e patriota, era também um chefe de família amoroso, que se distraia com a sua esposa e filhos nas poucas horas de folga doméstica.



6 — Mas veio a guerra do Paraguai. Tenente-coronel Vilagran Cabrita desempenha postos de responsabilidade. É ele o comandante dos nossos batalhões, que se bateram denodadamente na ilha de Itapirú, cercada por mil paraguaios.



7 — Depois de porjada luta, o inimigo ficou destruído. Muitas perdas tinha havido em ambos os acampamentos. Vilagran Cabrita no embraço da vitória, solene entusiasmico viva à Patria estremecida: o Brasil!



8 — Entretanto, uma verdadeira desgraça o esperava. Tudo esbarra. O comandante Cabrita, recolhido a um navio brasileiro, redigiu a comunicação oficial da vitória. Subito, inesperadamente, uma granada inimiga explodiu no navio.

O corpo do grande homem ficou em pedaços, mas sua memória está intacta no coração do Brasil. Nascerá a 20 de Dezembro de 1820, e hoje, tantos anos após a sua morte gloriosa, existe um regimento com o nome generoso.

NUMERO 175 — MIRIM — PAGINA 15 • Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1939

A abordagem biográfica recaiu também sobre Jerônimo Francisco Gonçalves, cuja ação foi descrita desde a época estudantil, envolvendo a sua formação voltada à vida naval, vindo a ingressar na Marinha Imperial, na qual teria se voluntariado para ir lutar no Paraguai, atuando como “defensor do Brasil” e tendo uma ação decisiva em uma batalha, na qual tomou “uma atitude audaciosa”, desmantelando os canhões adversários. Ele viria a fazer carreira na Armada, de modo que, após ter demonstrado “extraordinária perícia” no cenário bélico, ele permaneceria a prestar “serviços ao Brasil”<sup>19</sup>. Outra personalidade enfatizada pela revista foi Luís Fernandes Sampaio, apontado como um “valente”, “rapaz forte”, “bom aluno”, hábil com as armas, “oficial imperturbável”, que se “alheava ao perigo”, tornando-se “o bravo major”, que foi morto na Guerra do Paraguai, enchendo “de luto o Brasil”<sup>20</sup>. Abordado desde a infância, Antônio Joaquim Rodrigues Torres foi visto como um “menino destinado a ser famoso”, tornando-se um jovem militar que se comportara de “maneira varonil”, que demonstrava “sempre emoção especial” frente ao pavilhão nacional, vindo a ter participação decisiva na guarnição de uma posição em terras paraguaias, na qual teria realizado uma “atividade assombrosa”, desafiando “a morte” e permanecendo a lutar, mesmo ferido, até que foi morto em combate, perecendo “como um leão” o “pequeno herói brasileiro”<sup>21</sup>.

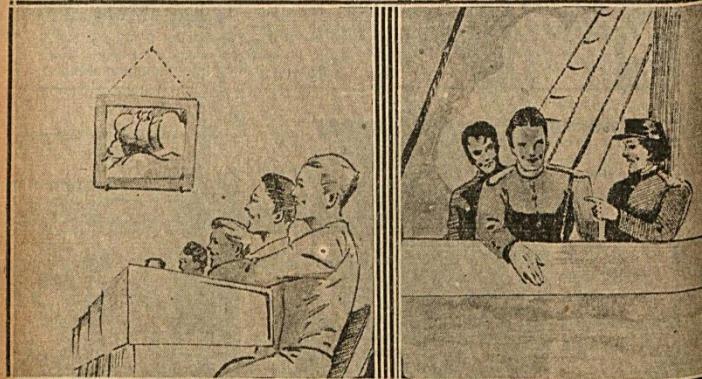
---

<sup>19</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 23 abr. 1939.

<sup>20</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 30 abr. 1939.

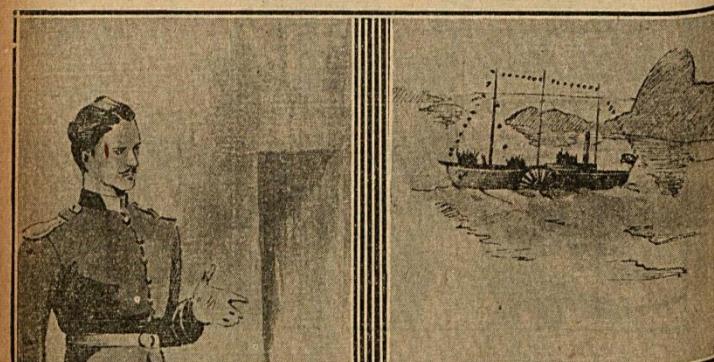
<sup>21</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 3 maio 1939.

# HEROIS DA Jeronimo Francisco Gonçalves



1 — No lar modesto do negociante João Francisco Gonçalves, na Bahia, vivia o menino Jerônimo Francisco Gonçalves, que, em 1851, feitos seus estudos, veio para o Rio de Janeiro, aos 16 anos, matricular-se na escola de marinheiros.

2 — Uma vez encopado em fofas as cadeiras, seguiu como guarda-marinha em longa viagem de instrução, tendo ensejo de confirmar suas aptidões para a vida de marinheiro, que iriam ter em breve brilhante oportunidade.



3 — Estalou a guerra do Paraguai. O tenente Jerônimo serviu no norte e veio logo para o Rio de Janeiro. Procurou o Ministro da Marinha a quem pediu com insistência que lhe desse um navio para tomar parte na luta.

4 — Estava em construção um pequeno navio para o regresso à mar. Não descansou o tenente Jerônimo enquanto não o viu pronto. Lançado ao mar, assumiu logo o seu comando o jovem oficial defensor do Brasil.

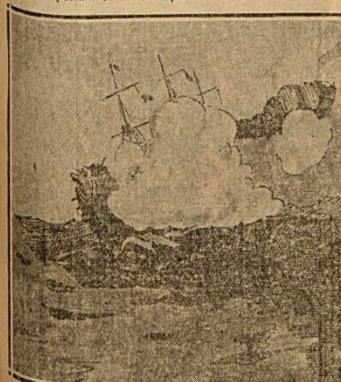
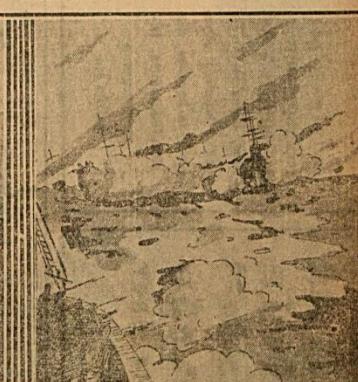
# GUERRA DO PARAGUAI

Texto do Professor Rafael Murilo ☆ Desenhos de Coutinho




**5** — No Paraguai, os conhecimentos náuticos de Jerônimo Gonçalves foram logo postos à prova. Batalhões paraguaios achavam-se em situações difíceis, na ilha de Itapuã. Da margem do rio, mil paraguaios bombardeavam a ilha e repetiam os ataques para cercá-la.

**6** — Houve uma reunião na esquadra brasileira, para estudar os meios de auxiliar os nossos patrícios. Muitos oficiais foram de opinião que, não se conhecendo o canal, a esquadra poderia encalhar e sofrer um grande desastre.

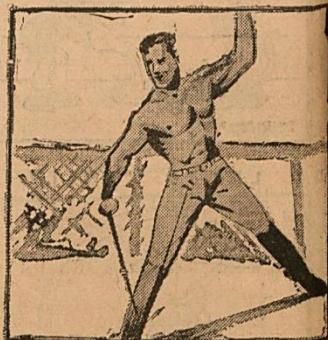
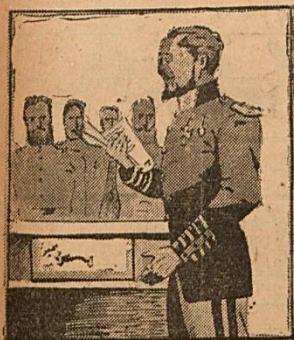
**7** — O tenente Jerônimo assumiu a responsabilidade de uma atitude audaciosa. Com o risco que o Ministro da Marinha lhe confiou, procurou e achou o canal, fundo entre a ilha e os paraguaios. Desmantelou os canais intímidos...

**8** — Toda a esquadra depois o seguiu. Ele abriu sózinho o caminho. E ainda continuou prestando serviços em operações de sondagem sob fogo paraguaio, para que os navios nossos de maior calado não se perdessem nos bancos de areia.

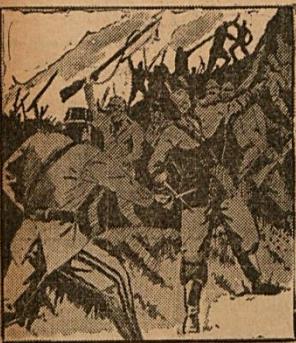
Depois de ter feito com extraordinária perícia a campanha do Paraguai, Jerônimo Gonçalves, já almirante, ainda prestou serviços ao Brasil, comandando a esquadra legal, no governo de Floriano, quando revoltosos bombardeavam a cidade.

NUMERO 176 — MIRIM — PAGINA 15 • Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1939

# HEROIS DA Luiz Fernandes Sampaio



**1** — Depois da vitória de Itapirá, o governo brasileiro recebeu uma comunicação oficial que dizia: "Honra e glória ao valente major Sampaio, companheiro nos perigos, como na gloriosa morte, do tenente coronel Góbris!"<sup>10</sup>



**3** — Em 1851 recebeu o seu batismo de fogo. Era tenente e seguiu para o sul, fazendo parte da chamada divisão auxiliadora. Esteve presente à grande batalha de Monte Caseros. Oficial imperturbável, alhejava-se ao perigo.

**2** — Quem era esse valente major Sampaio? Vamos contar sua vida. Era um rapaz forte que, na Escola Militar, além de bom aluno, sempre se distinguiu nos exercícios físicos. Manejava habilmente a espada e a bayonete.



**4** — Aproveitando devidamente seus serviços, o governo brasileiro o enviou a Montevideu em missão especial e logo em seguida o nomeou instrutor da primeira classe da escola de tiro da província do Rio Grande do Sul.

NUMERO 178 — MIRIM — PAGINA 28 • Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1930

# GUERRA DO PARAGUAI

Texto do Professor Rafael Murilo    ★ Desenhos de Coutinho

5 — A maneira como o tenente Sampaio deu desempenho a essa comissão foi de tal fôrma elogável que o Presidente da Província fez questão de mandar chamar para apresentar seus cumprimentos e agradecimentos.

6 — Em 1863, tendo regressado ao Rio de Janeiro, Luiz Fernandes Sampaio mereceu outra tarefa de comando. Deveu-lhe o comando de uma das fortificações que defendem a entrada de nossa barra, a fortaleza de Lages, feita numa pedra.

7 — Marchando para os campos do Paraguai, quando se tornou inevitável a guerra por causa das ameaças de Lopez, o major Sampaio lutou sempre na primória linha. Tomou parte relevante no combate da Ilha do Dapirá.

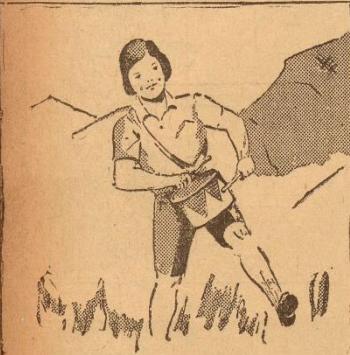
8 — Após a conclusão da batalha, quando os combates paraguaios pareciam inelutavelmente silenciosos, Sampaio veio felicitá-lo ao tenente-coronel Cabrita, no pequeno navio em que este se achava. Aí, um tiro inesperado o feriu para sempre.

Luiz Fernandes Sampaio, "o bravo major", era carioca; nasceu no Rio de Janeiro á 8 de Setembro de 1828, dia de Nossa Senhora da Conceição. Sua morte de surpresa, junto a outra vítima, o coronel Cabrita, encheu de luto o Brasil.

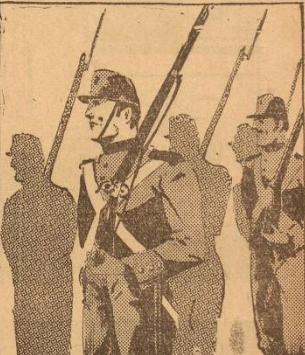
NUMERO 178 — MIRIM — PAGINA 29 • Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1939

# HEROIS DA Antonio Joaquim Rodrigues Torres





**1** — Em Porto das Caixas, município de Itaboraí, na terra fluminense, nascia um menino chamado Antônio Joaquim, que sempre gostava de brincar com tambores e cornetas. Foi em Itaboraí que nasceu o escultor Joaquim Manuel de Macedo. Esse menino também estava destinado a ser famoso.



**2** — Adolescente ainda, assentou praça no batalhão de engenheiros e ali mesmo fez seus estudos na escola de aplicação. Em dezembro de 1884 chegou ao quartel uma notícia de grande sensação: rompera a guerra do Paraguai. O recruta de engenheiros ia embarcar para o sul no dia de Natal.



**3** — Uma vez a bordo, a manete varonil como envergava sua farda aquela soldadura de guerra desparecia e aparecia a de todos. O cadete Rodrigues Torres demonstrava sempre emoção especial quando fiasse continencia à bandeira do Império, que se erguia no mastro do navio-transporte.



**4** — No campo de luta, o cadete Rodrigues Torres tomou parte na conquista de uma ilha que fica em frente ao forte Itapirú. A ocupação foi feita à noite, silenciosamente, de modo que, pela madrugada, os paraguaios vieram com surpresa a bandeira brasileira na ilha próxima.

NUMERO 179 — MIRIM — PAGINA 12 • Rio de Janeiro, 3 de Maio de 1939



Uma criança nascendo a bordo de um navio era o mote para a abordagem de outra personalidade militar, Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, que, desde cedo, teria querido seguir “a carreira das armas” e, atingindo sua meta, ingressou no conflito contra o país guarani, onde atuou “com a maior bravura”, mantendo-se em seu comando, apesar de ferido e, depois, participou da Batalha Naval do Riachuelo, atuando como um “comandante calmo e heroico”, vindo a participar de outros combates e chegando a ser dado como morto, o que, posteriormente, foi desmentido, de modo que ele teria continuado a servir “ao Brasil, mesmo depois de anunciada a sua morte”<sup>22</sup>. Filho de um militar, Teotônio Raimundo de Brito teria sido preparado desde tenra idade para seguir a carreira do pai, ingressando precocemente na Armada, até que chegava o seu “grande momento”, quando o “moço oficial” embarcava para o Paraguai de onde “iria voltar coberto de louros”, atuando na guerra com “sangue frio imperturbável”, para, depois do confronto bélico, continuar “a servir ao Brasil com dedicação e energia”<sup>23</sup>. Outro personagem destacado foi Henrique Francisco Martins, militar condecorado que seguiu para “a demorada Guerra do Paraguai”, na qual participou de batalha em que manteve sua guarnição “eletrizada pelo exemplo de seu jovem comandante”, embora acabasse por morrer “no posto de honra”<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 14 maio 1939.

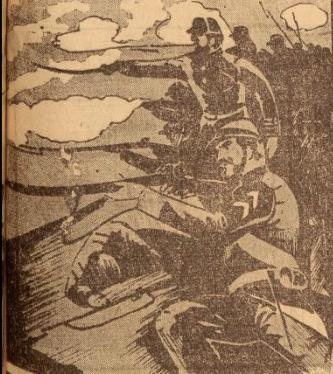
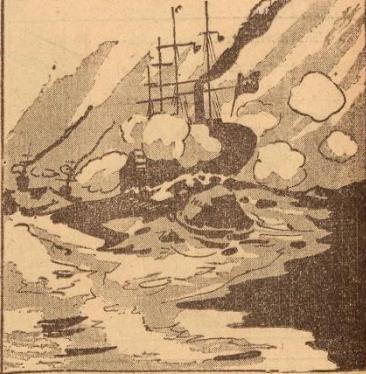
<sup>23</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 maio 1939.

<sup>24</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 21 maio 1939.



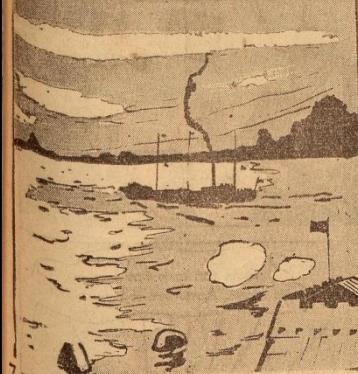
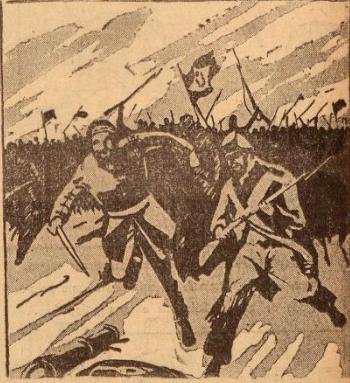
# GUERRA DO PARAGUAI

Texto do Professor Rafael Murilo ★ Desenhos de Pacheca

5 — Era capitão, quando, na guerra do Paraguai, teve  
ordem de atacar Páisandú, fortaleza considerada  
impresável. Guimarães Peixoto cumpriu a ordem com a  
maior bravura, pois foi ferido e mutilado no inicio do  
combate, tendo, porém, permanecido sempre no comando.

6 — Promovido e condecorado, passou-se para bordo da  
“Jequitinhonha”, onde iria tomar parte na maior  
batalha naval da América do Sul: Riachuelo. O papel de  
Guimarães Peixoto foi um dos mais destacados. Na noite  
de, bombardeada, atacada por três navios, a “Jequiti-  
nhonha” não se rendeu.

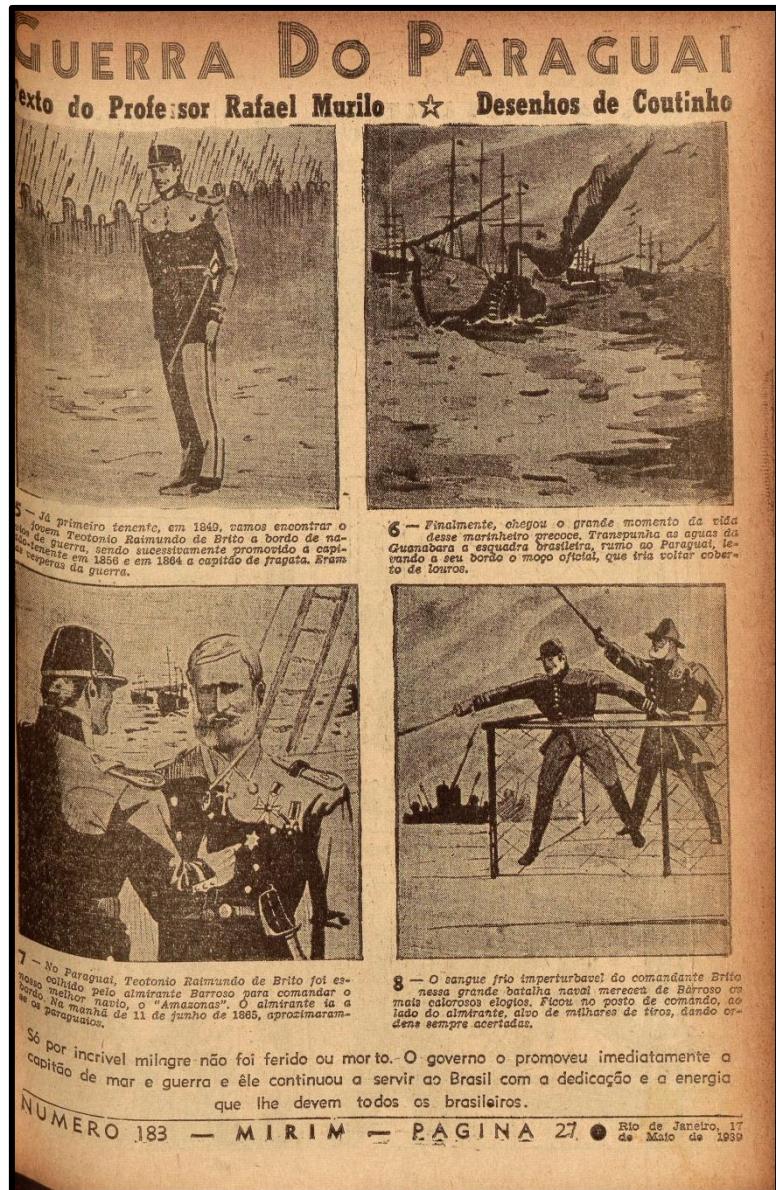
7 — Oficiais e soldados tinham prazer em servir sob as  
ordens desse comandante calmo e heróico. Todos  
correram a desempenhá-lo. Ele levou o seu batalhão para  
bordo da “Ipiranga” e passou vitoriosamente diante  
de fortificações de Cuevas e Mercedes, subindo sem-  
pre o Rio.

8 — Desembarcando em território paraguaio tomou  
parte em outras batalhas. No combate de Estero  
Bellaco foi ferido por quatro balas e por um fogute. Co-  
berto de pólvora e sangue, deram-no como morto. A Ca-  
mara dos Deputados, a 13 de junho de 1866, chegou a  
lamentar a sua morte.

Sabe-se mais tarde que os companheiros do intrepido major Guimarães Peixoto o tinham  
salvo no meio do fogo, tratando-o com desvelo e resultado. E o glorioso mutilado, coberto  
de cicatrizes, ainda serviu ao Brasil, mesmo depois de anunciada sua morte!

NUMERO 182 — MIRIM — PAGINA 21. • Rio de Janeiro, 14  
de Maio de 1939

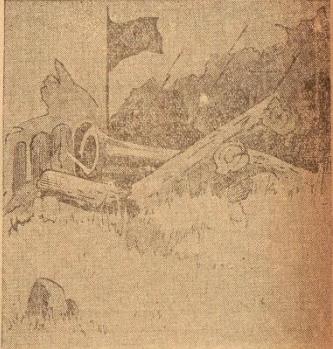






# GUERRA DO PARAGUAI

Texto do Professor Rafael Murilo      Desenhos de Coutinho

**5** — Para subir o rio Paraguai, era necessário passar pela excelente fortaleza de Painsala. Enquanto a esquadra realizava cerrado bombardeio, Henrique Martins desembarcou e assentou em terra dois canhões brasileiros.

**6** — Construiu uma trincheira em torno dos canhões. Sendo visitado pelo tenente Freitas, disse-lhe: — "Freitas, consegui muito desta guarnição; nenhum homem se protege nas trincheiras quando ve a bala inimiga!". Todos eram intrepados!




**7** — E' que a guarnição dos dois canhões estava eletrizada pelo exemplo do seu comandante. Henrique Martins, ao perceber o tenente Martíns fuzilando sempre de pé, a pisto descoberto, dando ordens, animando, encorajando todos.

**8** — Mas um dia, teve o pressentimento de que ia morrer. Quando o canhão disparou, os soldados estavam abrindo fogo por meio de morteiros, que se põem de longe. A cada disparo, o tenente Martíns bradava. — "E' aquele que tem de matar-me!"

Infelizmente, eram reais os seus pressentimentos. No instante em que, junto a uma de suas pegadas, se inclinava para ajustar uma pontaria, sua cabeça foi decepada por certeira granada inimiga. Morreu no posto de honra.

NUMERO 184 — MIRIM — PAGINA 19 Rio de Janeiro, 21 de Maio de 1939

A abordagem biográfica no formato de quadrinhos foi dedicada também a Francisco José de Lima Barros, com ênfase à sua formação escolar, na qual “foi aprovado com distinção”, vindo a despertar “a admiração dos mestres pelo seu conhecimento”, posteriormente, embarcou para a guerra, na qual “deu provas de valor”, vindo a perecer na Batalha do Riachuelo e entrar “para a galeria dos heróis imortais do Brasil”<sup>25</sup>. A abordagem da vida de Francisco Antônio de Vassimon já iniciava durante sua carreira militar, em que teria dado provas de “seu amor à Marinha”, ao passo que, na guerra, deu “provas de grande impetuosidade”, vindo a morrer em combate<sup>26</sup>. Outra descrição apresentava um cearense de origem pobre, Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, que entrou para a vida castrense por julgar que “a pátria estava acima de tudo”, para, mais tarde, “defender heroicamente o nome do Brasil” na guerra, na qual deu “o exemplo de valor” e retornou “respeitado e admirado”, vindo a tornar-se “um dos vultos notáveis do Brasil”<sup>27</sup>. Bonifácio Joaquim de Santana, por sua vez, foi definido como “um brasileiro que morreu por causa do seu imenso amor ao Brasil”, como militar “forte, calmo e bravo”, distinguindo-se na guerra “pelo seu arrojo e sangue frio”, realizando “prodígios e bravura e de técnica militar”, vindo “o grande marinheiro” a morrer “por excesso de coragem”<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 24 maio 1939.

<sup>26</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 28 maio 1939.

<sup>27</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 31 maio 1939.

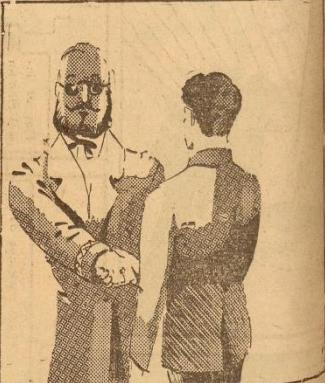
<sup>28</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 4 jun. 1939.

# HEROIS DA Francisco José de Lima Barros





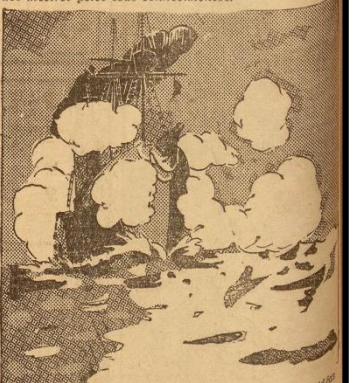
**1** — Contava 10 anos de idade o menino Francisco José de Lima Barros, natural da cidade do Rio de Janeiro, quando em 1857, seu pai matriculou-lo no Colégio Pedro II. Frequentou esse tradicional estabelecimento de ensino com muito aproveitamento.



**2** — Querendo entrar para a marinha e não tendo ainda idade legal em vez de aumentar sua idade, enganou um ano. Prestou então seu exame, nos quais foi aprovado com distinção, tendo despertado a admiração dos mestres pelos seus conhecimentos.



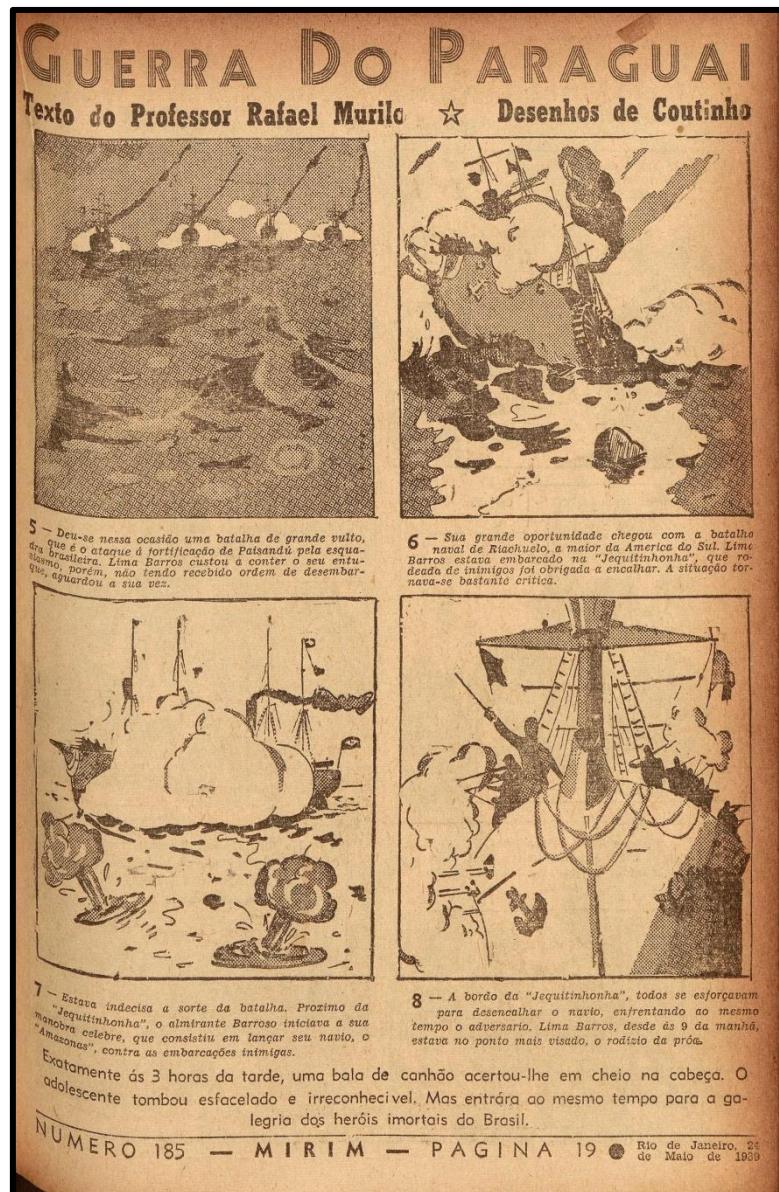
**3** — Em 1865 foi promovido a guarda-marinha e iniciou assim, praticamente, a vida que tanto desejava. Embarcou para a Europa, em viagem de instrução. Tudo lhe sorria. Mas, ao voltar, em 1864, o Brasil foi arrastado à guerra contra o Paraguai.

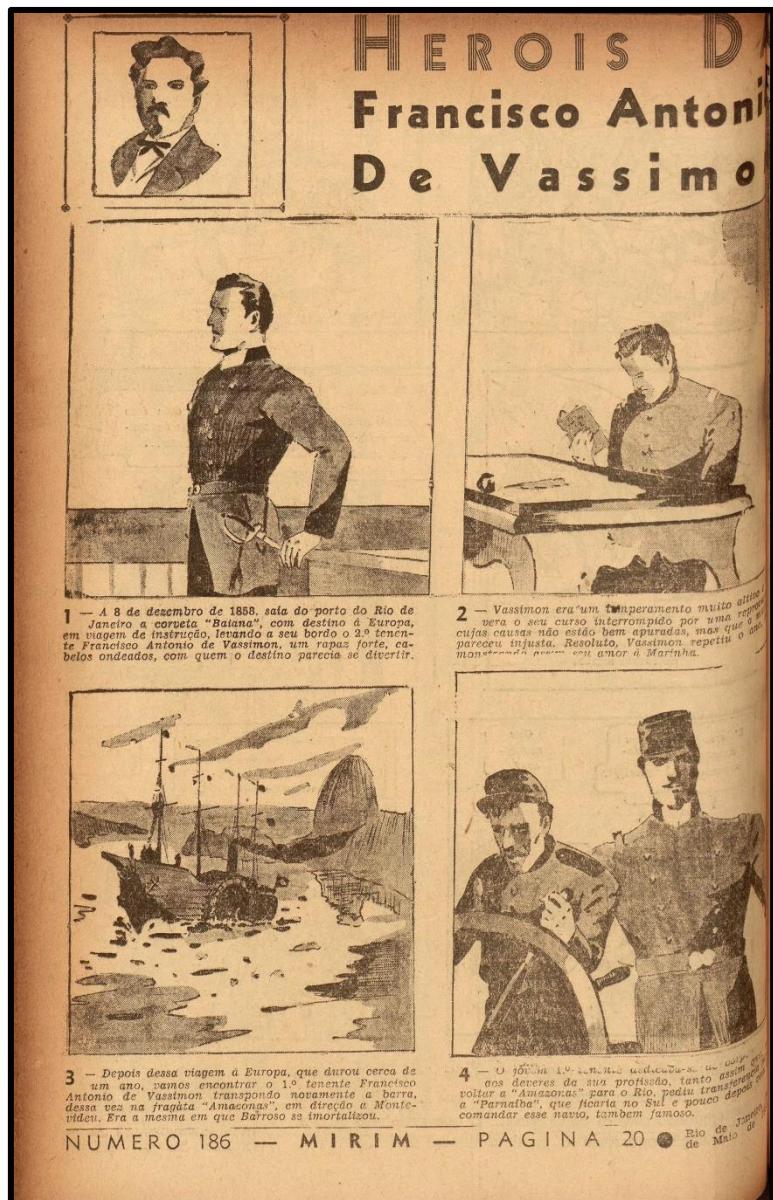


**4** — Austero, apesar da idade, o jovem oficial tinha suas próprias e costumava adotar como seu lema: "Nunca pedir, nem rejeitar serviços". Mandaram-no na expedição "Barana", para as primeiras operações militares no Estado Oriental, e ele logo deu provas de valor.

**NUMERO 185 — MIRIM — PAGINA 18**

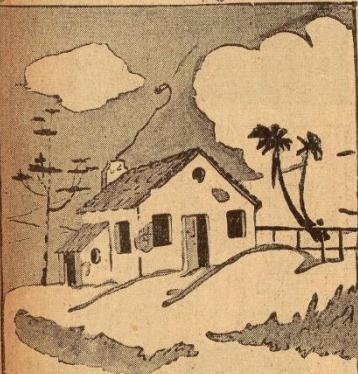
Rio de Janeiro  
de Maio de 1938







# HEROIS DA Antonio Tiburcio Ferreira de Souza


**1** — Ha uma cidade no Ceará, no alto da montanha, linda e branca como um pêssego. Chamou-se Vicosse e, em 1837, era a única vila da província. Aí nasceu, nesse dia, o menino Antônio Tiburcio, filho de Francisco Ferreira de Souza e dona Margarida Ferreira de Souza. Era um menino muito pobre.

**2** — Estudioso, o menino cearense apenas podia querer a escola primária. Quando lhe perguntavam o que ele necessitava, respondeu sempre: "Quero ser general". E assim, todos os dias, quando os outros meninos brincavam, ele parecia ser contra o menino pobre; num dia triste, reu seu pat.

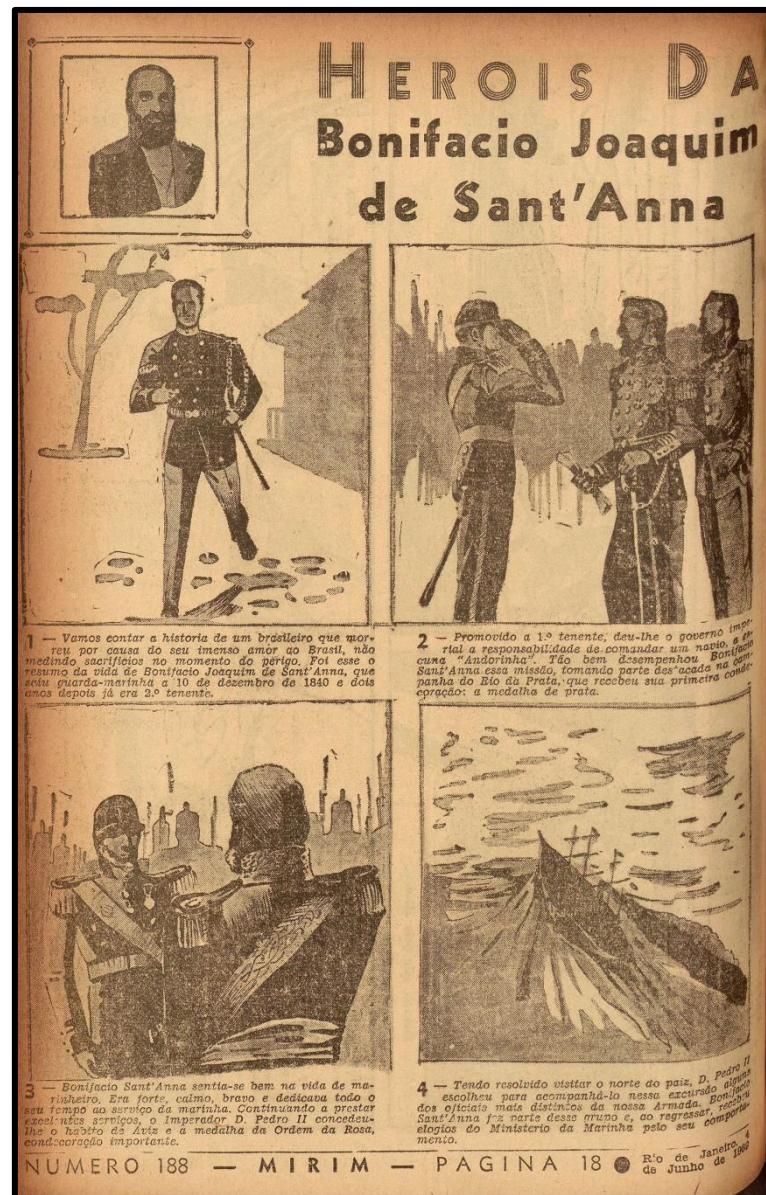


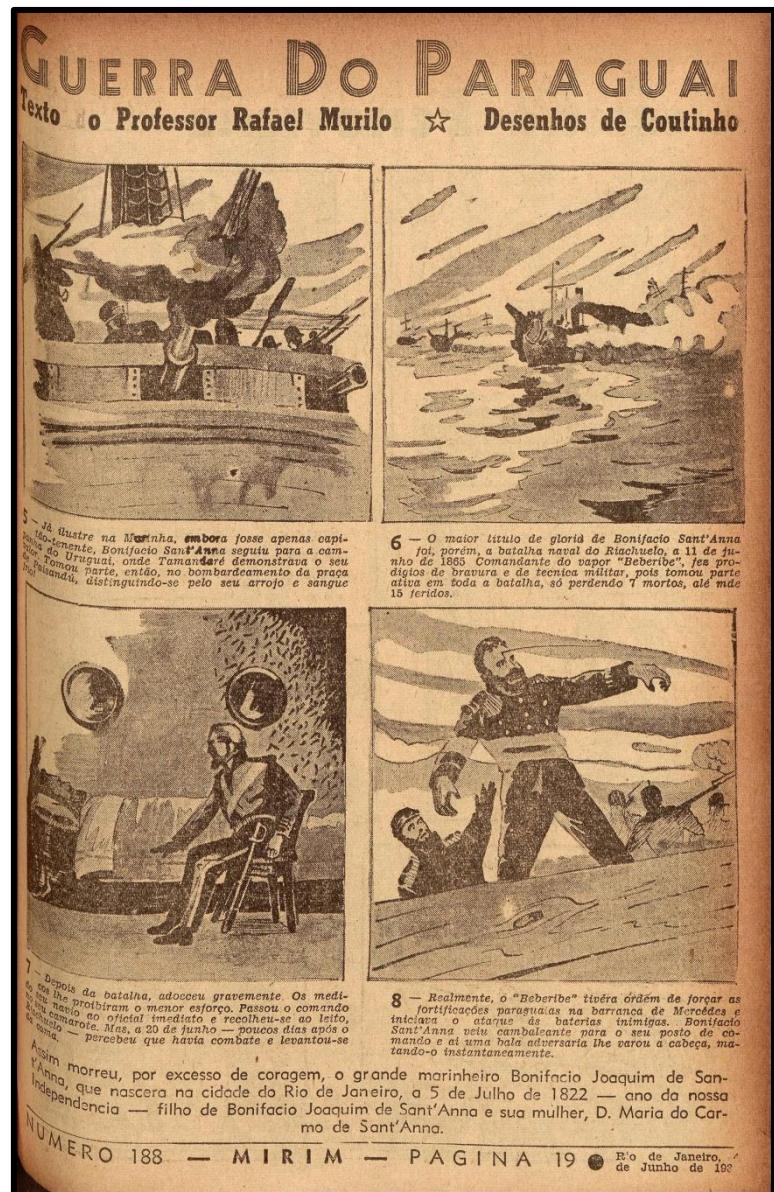

**3** — Sua mãe, clara, pediu-lhe que não procurasse a vida militar. Embora muito bom filho, Tiburcio pediu-lhe perdão, respondendo que a Pátria estava acima de tudo. Conformou-se a pobre senhora e o filho, cheio de alegria, jurou bandeira num corpo de linha que tinha sede em Fortaleza, capital.

**4** — Vindo para o Rio de Janeiro, aos 15 anos, sem dinheiro sendo o seu soldo, Tiburcio estudou matemática, contraiu família e em 1857 era 2º tenente do famoso Exército Brasileiro.

NUMERO 187 — MIRIM — PAGINA 14 • Rio de Janeiro  
de Maio 1911







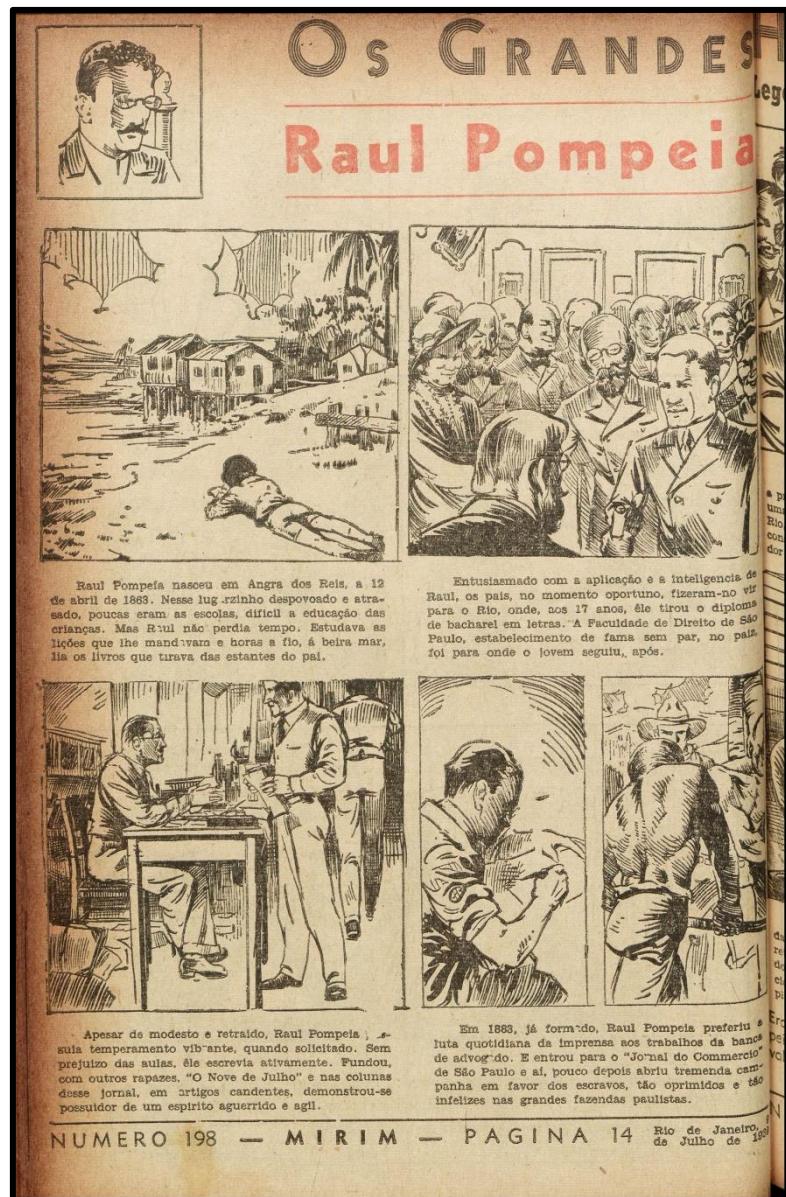
Outra seção voltada à exaltação biográfica em quadrinhos desenvolvida pela *Mirim* foi a intitulada “Os grandes homens do Brasil”, destinada a enaltecer personalidades de diversos setores da vida brasileira. O primeiro personagem em destaque foi o escritor fluminense Raul de Ávila Pompeia, com a abordagem de sua vida escolar até a formação universitária, na qual começou a militar na imprensa, mostrando “um espírito aguerrido e ágil”, vindo a alinhar-se à causa abolicionista e depois à republicana, tornando-se “uma pena de respeito”, além de tornar-se um servidor público “operoso e exemplar”, mantendo-se “sempre fiel às suas convicções” e “escrevendo trabalhos de grande valor”<sup>29</sup>. Outro escritor, o maranhense Henrique Maximiano Coelho Netto, foi o protagonista de mais uma abordagem da revista, sendo descrito como desde cedo interessado pelos estudos e, chegando ao ensino superior, “desenvolveu ainda mais as tendências para a literatura e para o jornalismo”, passando a lutar pela abolição da escravidão e, como literato, atingiu notável “fama”, tornando-se um “notável romancista brasileiro”<sup>30</sup>. O primeiro civil a ocupar a Presidência da República, Prudente de Moraes, foi colocado em ênfase pelo periódico, descrito como “estudioso” e adepto da “austeridade” e da “prudência”, tendo se batido pela causa republicana como deputado, e, com a mudança na forma de governo, tornou-se senador, para depois ocupar o cargo de Presidente, época em que “não mudou seus hábitos simples e invariáveis” e sua atuação serviria para que figurasse “com justiça na galeria dos nossos grandes homens”<sup>31</sup>.

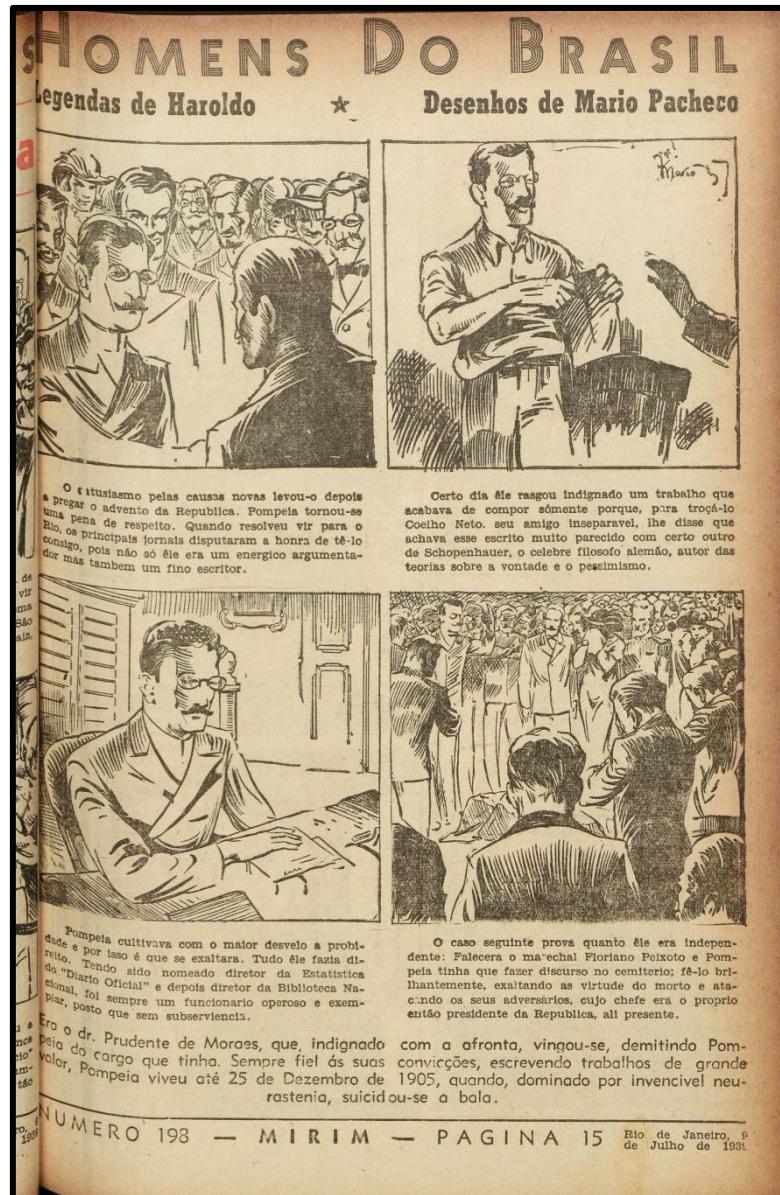
---

<sup>29</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 9 jul. 1939.

<sup>30</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 12 jul. 1939.

<sup>31</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 16 jul. 1939.







**HOMENS DO BRASIL**

Legendas de Rafael Murilo - ★ Desenhos de Mario Pacheco

Em 1883 foi estudar Direito na Faculdade de São Paulo. A convivência com Raul Pompeia, Augusto de Lima, Raymundo Corrêa, Valentim de Magalhães e outros futuros escritores, desenvolveu ainda mais em Coelho Netto as tendências para a literatura e para o jornalismo.

Netto não chegou a se formar. Precisava ganhar a vida. Fez uma viagem a Recife e voltou para o Rio, onde, em 1885, entrou para a "Gazeta da Tarde", jornal de boêmios, onde os redatores jantavam em companhia do diretor, que não tinha dinheiro para pagar ordenados.

Ao lado de Patrício, Coelho Netto entrou com entusiasmo na campanha abolicionista. Escreveu e falou com frequênci a favor da libertação. A noite, em companhia de abolicionistas, auxiliava a fuga de escravos. Quasi todos iam para uma fazenda então existente no Leblon.

Os primeiros livros de Coelho Netto foram publicados com o pseudônimo de Anselmo Ribeiro. Continuando sempre a escrever romances, ganhou em pouco tal fama que, ao fazer uma viagem ao Maranhão, os estudantes desatrelaram os cavalos de seu carro e o carregaram em triunfo.

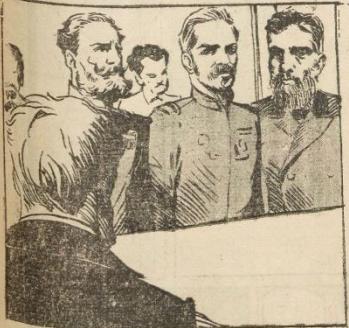
Só um autor da língua portuguesa escreveu tantos livros como Coelho Netto: Camilo Castelo Branco. Homem de bem, pai de família extremosa, o notável romancista brasileiro faleceu há pouco, em sua casa, na esquina da rua Guanabara, com a atual Coelho Netto, antiga rua do Rozo.

NUMERO 199 — MIRIM — PAGINA 15 Rio de Janeiro, de Julho de 1951



# HOMENS DO BRASIL

Leyendas de Rafael Murilo    ★    Desenhos de Mario Pacheco




**5** — Quando essa Constituinte elegeu o primeiro Presidente e o primeiro Vice-Presidente da Republica (o Marechal Doodoro e o Marechal Floriano), foi Prudente quem lhes deu posse. O juramento de posse foi feito diante de uma mesa alta que está hoje conservada no Museu Historico.

**6** — Todos admiravam a compostura, a honestidade, a simplicidade de Prudente, de modo que poucos anos depois ele foi eleito para suceder a Floriano, seu competidor. O Ministro da Justica, dr. Cassiano do Nascimento, transmitiu-lhe o governo, em nome de Floriano.




**7** — Na Presidencia da Republica, Prudente não mudou seus hábitos simples e lavoraveis. Todas as manhãs, às 7 horas, ia para o banho morno, com roupa e um boné de seda preta. Entretanto, como o Paço do Itamarati fosse feio, mudaram a sede da Presidencia para o Catete, onde ainda atualmente se encontra.

**8** — Nessa época houve um acontecimento triste, que é a chamada "Guerra dos Canudos", contra sertanejos fanáticos da Baia. Prudente foi receber a expedição que acabava de vencer os fanáticos, quando um cão, pertencente ao Batalhão, mordeu-lhe. O Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt, morreu. Prudente acompanhou a pé o seu enterro.

O Dr. Prudente de Moraes nunca teve boa saúde. Esses abalos e os esforços que fez para bem servir o Brasil acabaram de esgotá-lo. Ele chegou mesmo a deixar temporariamente a Presidencia. Morreu em 1902, devendo figurar com justiça na galeria dos nossos grandes homens.

NUMERO 200 — MIRIM — PAGINA 23 Rio de Janeiro  
da Julho de 1902

Escritor e político fluminense, Alcindo Guanabara também figurou na seção “Os grandes homens do Brasil”, com destaque para sua vocação jornalística que teria despertado desde cedo, passando a exercer tal profissão, além de filiar-se aos movimentos abolicionista e republicano, tornando-se jornalista, escritor prolífico e parlamentar, constituindo “alta inteligência”, vindo a ser um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras<sup>32</sup>. O militar Antônio Carlos Mariz de Barros também figurou no segmento de personalidades da revista infanto-juvenil, que se dedicou desde jovem à Marinha, sendo “estudioso e disciplinado”, vindo a dar provas de um “heroísmo pessoal” e marcando sua carreira “por grandes feitos” e a morrer no teatro de operações da Guerra do Paraguai<sup>33</sup>. O poeta fluminense Luiz Nicolau Fagundes Varela esteve dentre os relacionados pela *Mirim*, com especial atenção à sua formação escolar, havendo referência à sua inteligência, ao seu veio poético e à sua vida desregrada, vindo a deixar “uma rica bagagem de versos”<sup>34</sup>. Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena, militar, político e diplomata mineiro, com participação ativa no processo de emancipação brasileira, foi outro dos destaques da publicação, sendo descrito como “espírito culto, ativo e empreendedor” e “grande patriota”, mormente na causa da independência nacional<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 jul. 1939.

<sup>33</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 23 jul. 1939.

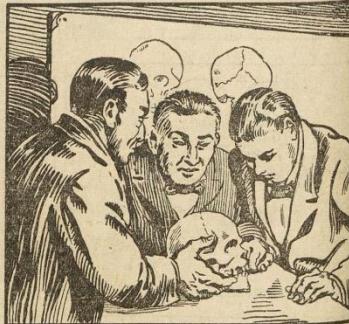
<sup>34</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 26 jul. 1939.

<sup>35</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 30 jul. 1939.

**Os Grandes**

**Alcindo Guanabara**





**1 —** O menino era inteligente, mas dava trabalho. Quando a professora pensava que ele estava fazendo a conta passada no caderno ou outro trabalho qualquer, ia surpreendê-lo rabismando artigos para juntar dinheiro. Um dia, o menino se esqueceu. Assim, o Alcindo conseguiu passar nos exames, quando deixando o Colegio Paixão, em Petropolis, veiu apresentar-se nas bancas do Colegio Pedro II.

**2 —** O nome dele era Alcindo Guanabara; nasceu em Magé, na então província do Rio de Janeiro, a 19 de Julho de 1865, ano do começo da guerra do Paraguai. Eram seus pais os professores Manoel José da Silva Guanabara e Joaquim da Silva Guanabara. Eles queriam que o filho fosse médico, e para que esse objetivo fosse alcançado, fizeram-no entrar para a Escola de Medicina.

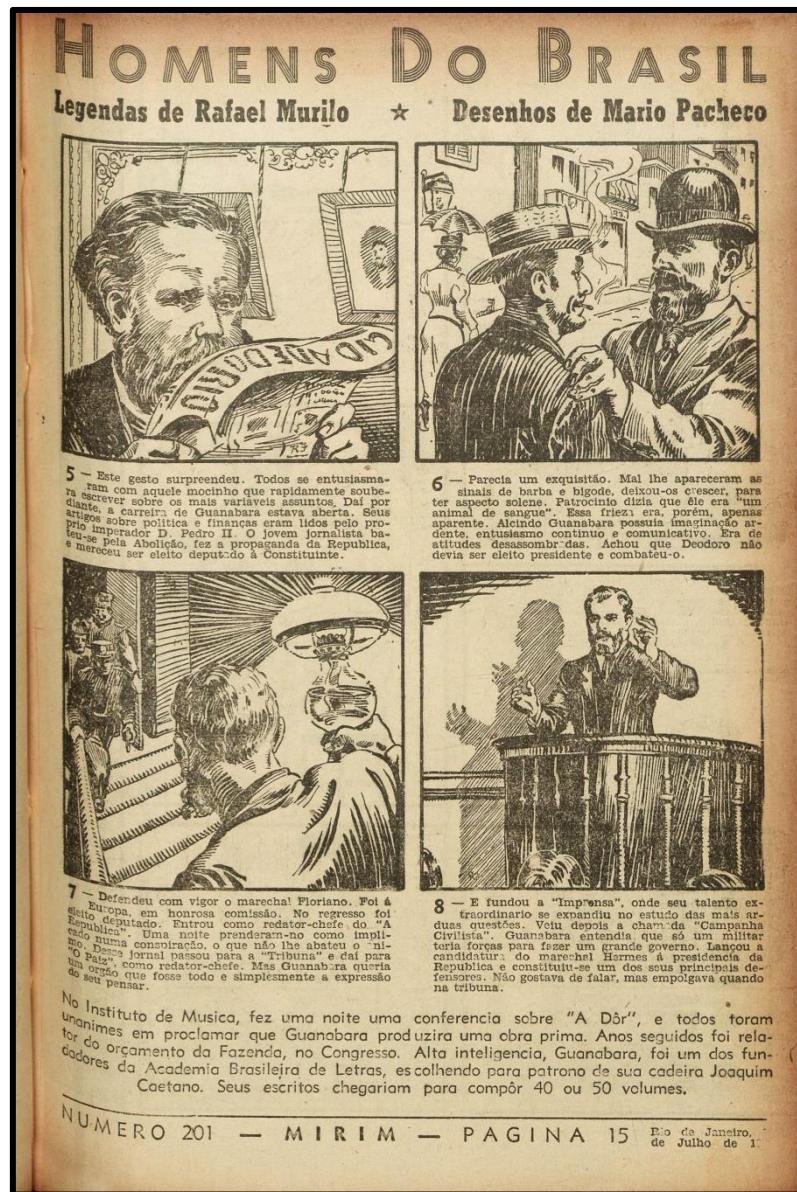



**3 —** Alcindo ficou ai algum tempo apenas; não passou do 1º ou 2º ano. Só queria ser uma coisa: jornalista. Aos 18 anos subiu a escada da redação do "Cidade do Rio" e pediu um emprego ao diretor. Este, o João Patrício, olhou para o candidato de cima para baixo, e para experimentá-lo confiou-lhe uma modesta seção: fazer a "Mala de São Paulo" com as notícias desse Estado.

**4 —** Patrício era um desordenado. Quando tinha dinheiro dava celas nababescas aos seus auxiliares; quando não tinha, deixava-os sem vinten. Estas eram as ocasiões mais frequentes. Um dia Patrício passou a fazer uma pequena viagem, seu amigo Serpa Bandeira, outro. Os redatores combinaram "fizêam 'parede' pará o jornal não sair. Guanabara pegou a pena e sózinho escreveu todo o jornal!

IUMERO 201 — MIRIM — PAGINA 14

Rio de Janeiro, 19  
de Julho de 1939



# Os Grandes

## Comandante Mariz e Barros

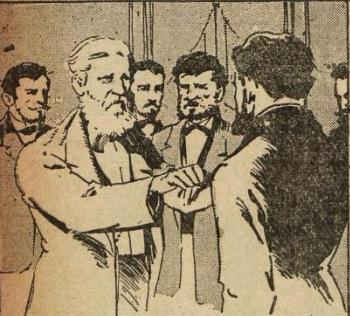




**1** — Antonio Carlos de Mariz e Barros, nascido a 7 de março de 1855, na cidade do Rio de Janeiro, frequentou bons colégios e a 14 de junho de 1849 assentou praça de aspirante. Um amigo lhe disse: — "Então, já és aspirante?" Ao que ele respondeu: — "Prisioneiro, não! Esta farda pode ser o primeiro forro da farda de um almirante!"



**2** — Estudoso e disciplinado, Mariz e Barros fez com destaque todo o curso da Escola Naval. Rapidamente foi subindo os postos da carreira. Reconhecendo seu valor como marinheiro, o Governo lhe deu o comando de navios e o mandou fazer longas viagens, à Europa, no Pacífico, ao cabo da Boa Esperança, à ilha da Trindade.



**3** — O jovem oficial continuou a ser sempre aprovado. Fez uma viagem de estudos ao Amazonas e escreveu um relatório muito bem feito. Querendo distinguí-lo, o Imperador, Pedro II o escolheu para receber, em sua chegada, a Medalha da Rosa. Mariz e Barros foi muito apreciado pelo monarca, que, em recompensa, o condecorou com o hábito da Ordem da Rosa.



**4** — Não seria essa a única medalha do comandante Mariz e Barros. Pouco depois ele recebeu a cruz da Legião de Honra, por ter salvo uma barca francesa encalhada na Ilha do Lago. Mas o seu heroísmo pessoal ficou ainda mais patente quando ele se jogou ao mar, vestido, para salvar uma escrava na ponta de Itapuã.

UMERO 202 — MIRIM — PAGINA 14 Rio de Janeiro 23 de Julho de 1939

# HOMENS DO BRASIL

Legendas de Rafael Murilo    ★ Desenhos de Mario Pacheco

**5** — Admirado e estimado por todos, casou-se com d. Raquel Sofia Teixeira. Continuava sua vida na Marinha, sempre marcada por grandes feitos. Comandando a camboneira "Campista" viu o seu suspeito. Pensou que fosse um corsário e foi abordá-lo com toda determinação. Era um navio de guerra inglês e a guarnição levantou vivas à sua coragem.

**6** — Quando veiu a campanha do Uruguai, Mariz e Barros foi logo mandado para a luta. Tomou parte, com maior destaque, na primeira passagem de Paracatuí. Diante da morteira, avistou que todos os fados não podia a calma. Uma bala lhe arrebatou o binóculo. Ele disse: "Leve-me o binóculo, mas não me tire os olhos!"

**7** — Rompeu a guerra do Paraguai. Mariz e Barros, depois de muitos combates, foi ferido. Uma granada acertou-lhe a estrumeira a perna mís-  
ta. Vários oficiais do couraçado "Tamandaré" e a grande partida do forte de Itapirú, no Passo da Patria. O almirante Tamandaré e o ministro Francisco Gurgel vieram visitá-lo.

**8** — Mariz e Barros, porém, não precisava de con-  
forto. Sabendo que ia ser amputada sua perna,  
comportou-se de maneira extraordinária. Recusou o  
cloroformo e disse: — "Prefiro um charuto aceso.  
Podem cortar!" E realmente, ficou ruminando o char-  
uto, enquanto o médico cumpría o seu triste dever!

Mas o brilhante oficial perdera muito sangue e seu estado foi se agravando. A meia noite de 28 de Março de 1865, Mariz e Barros chamou pela esposa, pelos filhos, recordou a cidade onde nascera e exclamou ao medico, Dr. Carlos Frederico: — "Mande dizer a meu Pai que eu soube sempre honrar o seu nome". — Vinte minutos depois expirava.

NUMERO 202 — MIRIM — PAGINA 15 Rio de Janeiro  
2 de Julho de

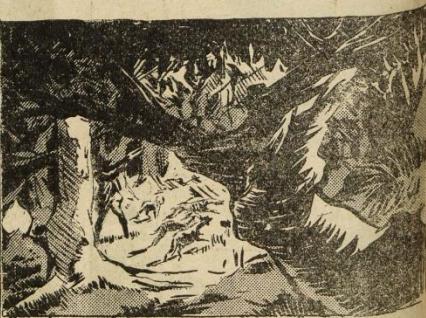


## Os Grandes FAGUNDES VARELLA



1 — Santa Rita era em 1841 uma prospera fazenda do município de Rio Claro, na então província, hoje Estado, do Rio de Janeiro. No dia 15 de agosto, o filho de donos da propriedade, dr. Emílio Fagundes Varella, e sua esposa, d. Emilia, quando, no dia 17, esta deu à luz uma linda criança que recebeu o nome de Luiz Nicolau.

2 — O dr. Emílio fazia uma carreira de magistrado no interior e freqüentemente morava na cidade. Luiz Nicolau teve assim, desde a primaria idade, vida errante. Seus melhores estudos elementares são os ter quando a pequena família foi morar em Angra dos Reis, onde vivia então um mestre escola de grande valor, José de Souza Lima.



3 — Pouco depois, nomeado juiz de direito em Catuí, Estado de Goiás, para ali partiu também Luiz Nicolau. A viagem, nessa época, era longa, fatigante, difícil, porque não havia ainda estradas de ferro. Cavalos e burros é que eram os veículos. Mas Luiz Nicolau gostava da natureza, que lhe produziu impressões inspiradoras.

4 — No interior goiano Luiz Nicolau repartiu o tempo entre as caçadas e excursões pela mata e os estudos do latim, que o seduziam. Tempor depois, estava freqüentando as aulas do curso secundário em Petrópolis, donde se passou para Niterói, para iniciar os estudos filosóficos sob a direção do dr. João Cândido de Deus e Silva.

# HOMENS DO BRASIL

Legendas de Rafael Murilo      Desenhos de Mario Pacheco

5 — Este, um austero desembargador aposentado, logo descobriu no discípulo tendências poéticas. Achava isso um sítio. Os poetas levavam sempre vidas miseráveis. E sempre que podia diziam Luis Nóbrega doido: "Deixa de bobagens, rapaz. Não dá para isto. Nunca serás bom poeta! Mas o nosso herói não se cansava nem desanimava.

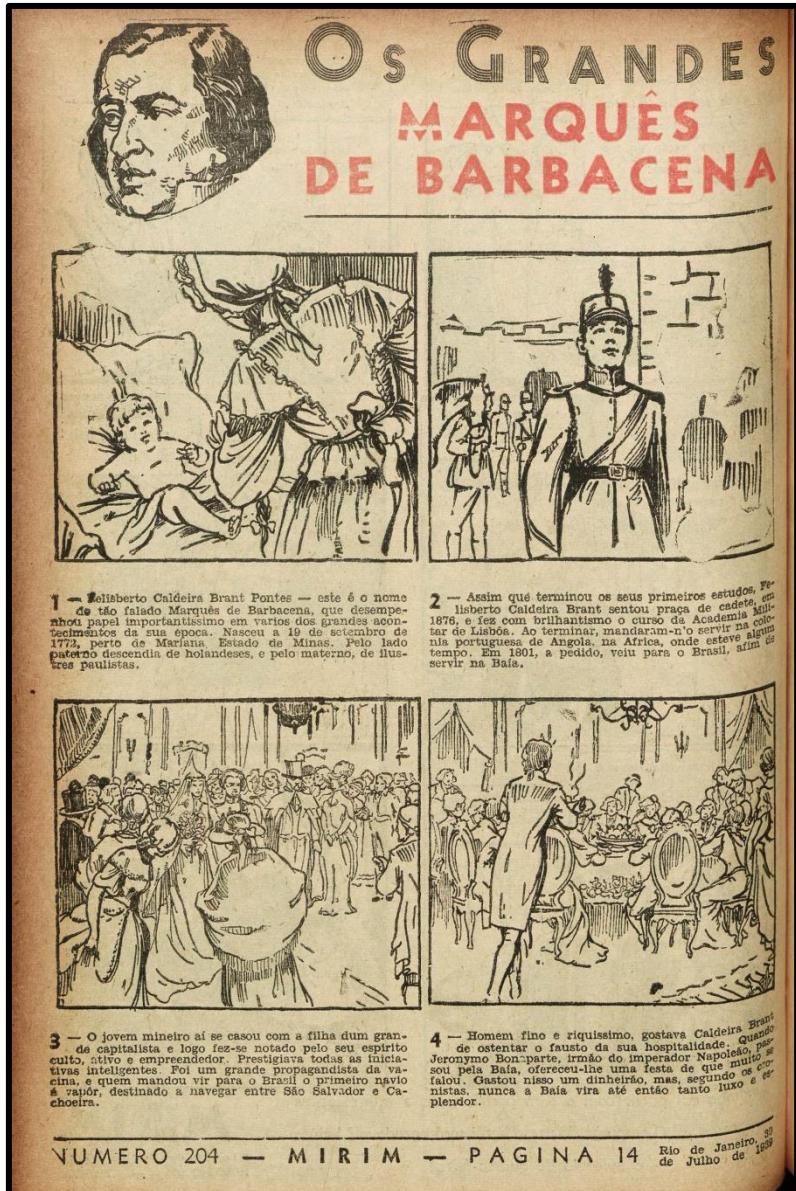
6 — Um dia levou ao mestre uns versos de Camões, com a sua assinatura, e os versos seus, como se fossem de Camões. E pediu: "Mestre, se é fraco, que talvez deles trabalhos o senhor acha melhor?" O desembargador olhou para as assinaturas, e não teve dúvida. Disse que os versos que tinham o nome de Camões eram sublimes, e os outros, péssimos.

7 — Toda a gente soube do case e divertiu-se. Em 1862 Fagundes Varela matriculou-se na Academia de Direito de São Paulo. Era muito inteligente, mas vadão. Ia interessar-se fazer versos e farrar. Inventou funambulismo, companhia de teatro, e andando acima e abaixo, conheceu uma moça de circo de grande formosura, Alice Lourenço. Casou-se.

8 — Mezes depois um filho. O poeta viveu uma época de quieta felicidade. Mas a criança pouco durou. Fagundes ficou como louco e, a conselho do pai, partiu para Pernambuco, em 1865, deixando a mulher na fazenda de Rio Claro, dono. Em Recife continuou o rapaz a vida degradada. De repente chegou-lhe a triste notícia: Alice morrera!

Alucinado, ele voltou ao Rio. Não queria saber de nada. Vivia como bicho, pelo mato. Só tempos depois que se consolou um pouco, virando a casar de novo com uma prima, que lhe deu três filhos. A 28 de Fevereiro de 1875 morreu, deixando uma rica bagagem de versos, em que principalmente foram cantados os encantos das nossas florestas.

NUMERO 203 — MIRIM — PAGINA 15 Rio de Janeiro, 2º de Julho de 193.



**HOMENS DO BRASIL**

Legendas de Haroldo + Desenhos de Mario Pacheco

5 — Mais adiante, Caldeira Brant adiantou grandes somos ao almirante Popham, que passava pela Baía de Buenos Aires. Grande patriota, Caldeira Brant escondeu os seus sentimentos favoráveis à independência do Brasil. Perseguido pelas suas idéias, emigrou para a Inglaterra.

6 — E ai tudo evidenciou pela causa da nossa emancipação política, incurvando as simpatias do governo inglês e contrariando oficialmente os marinheiros ingleses que vieram servir o Brasil. Foi ele quem sugeriu idéia de contratar lord Cochrane para comandar a esquadra brasileira que tão valentemente se bateu contra a dominação portuguesa.

7 — Proclamado o Império, Caldeira Brant teve grandes polêmicas. Andou pela Europa promovendo o reconhecimento da nossa independência. Foi ministro de Estado. Em 1824 recebeu o título de Visconde de Barreiros e o de Marquês. No ano seguinte foi mandar as tropas que lutavam contra argentinos e uruguaios na Guerra Cisplatina.

Mas levou-a a bom termo. D. Pedro I recebeu com festas sensacionais e grande agradecimento a Princesa Amélia de Leuchtenberg. E o notável diplomata, apesar da campanha de alguns inimigos sobre a questão das despesas dessa viagem, continuou sua fulgurante carreira, até quando morreu, a 13 de junho de 1841, cidadão digno de sua grande pátria.

8 — Sua estrela empalideceu um pouco, com o resultado da batalha de Ituzinga e fizeram-na voltar a Rio, onde D. Pedro I, então viúvo da boa imperatriz Leopoldina, havia iniciado de ir procurar entre as princesas da Europa, uma que fosse formosa e quizesse ser sua esposa. Barbacena gastou mazees na sua esplêndida tarefa, a mais difícil de todas.

NUMERO 204 — MIRIM — PAGINA 15 Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1908

O escritor cearense José de Alencar também figurou na seção especial da revista, sendo descrita a sua vida desde a época escolar, quando teria sido “excelente aluno”, vindo a formar-se advogado, embora “sua grande inclinação” fosse “a literatura”, tendo iniciado “pelo jornalismo”, até chegar ao ápice de sua carreira, “manejando a pena com elegância, profundo conhecimento da língua e grande sensibilidade”, vindo a constituir “uma vida brilhantíssima”<sup>36</sup>. Outro escritor, o carioca Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac compôs a lista de “grandes homens” do periódico, sendo apontado que ele estaria dentre “os vultos que mais serviços cívicos prestaram ao Brasil”, além de ser qualificado pela “grande inteligência” e pelo “brilho do seu talento”, tendo desenvolvido significativo trabalho intelectual, além da constatação de que “ninguém como Bilac soube pregar o civismo” e “levantar o patriotismo da mocidade brasileira”<sup>37</sup>. Mais um Presidente da República esteve dentre os relacionados do segmento biográfico do periódico, era de Campos Sales, definido como um “forte e resistente republicano e abolicionista”, vindo a conquistar “prestígio notável”, que o fez chegar ao primeiro ministério republicano, ao senado, ao governo paulista e à Presidência, de modo que teria se tornado um “grande brasileiro”<sup>38</sup>. Um indígena, Martim Afonso Arariboia, também compôs o quadro de destaques da publicação, por ser “um índio forte e valente”, que auxiliara os portugueses na resistência à invasão do território brasileiro por parte dos franceses<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 2 ago. 1939.

<sup>37</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 9 ago. 1939.

<sup>38</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 16 ago. 1939.

<sup>39</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 set. 1939.

# Os Grandes

## José de Alencar





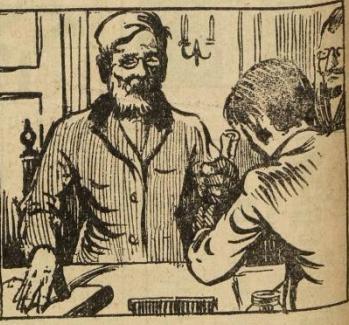
**1** — Mecejana é uma das regiões mais afamadas do Ceará, pelo pitoresco das suas serras, pela salubridade do seu clima. Ai é que nasceu, em 1829, José Martiniano de Alencar, filho do senador do mesmo nome e de dona Anna de Alencar, senhora de grandes virtudes. José entrou cedo para a escola, e foi sempre excelente aluno.



**2** — Certa noite, na grande casa da família, estavam todos dos chorando. "Que aconteceu?" Perguntou assustado o padre Carlinhos, que chegava de visita. O pai de Amanda, o moreno, respondeu devagar: "O padrinho e outros e outros e desatou a rir estrondosamente. Compreendera tudo. O "pai de Amanda" era o personagem do romance...



**3** — ...que José de Alencar estava lendo para os outros! Essas leituras produziam funda impressão no espírito do pequeno cearense e predisponham-lhe o espírito para o gênero literário em que mais tarde ele seria mestre. Aos 17 anos, em 1846, nosso herózinho, que era de pequena estatura, seguiu para São Paulo.



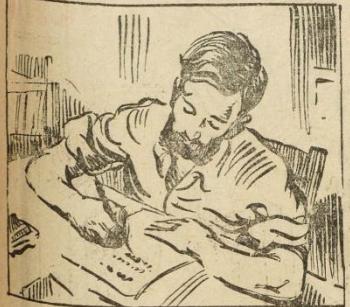
**4** — Ai estudou os dois primeiros anos de Direito: 2<sup>o</sup>, fô-lo em Olinda, em 1848. Após curta visita à família, regressou à São Paulo, onde em 1850 se diplomou bacharel. No ano seguinte estava no Rio, para exercer a advocacia. Sua grande inclinação, no entretanto, era a literatura. E começou pelo jornalismo.

**NUMERO 205 — MIRIM — PAGINA 14**

Rio de Janeiro, 2  
 de Agosto de 1939

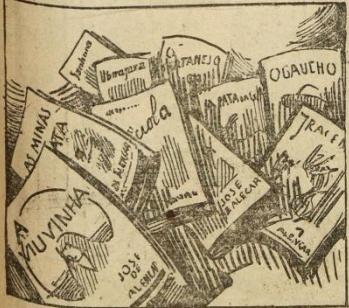
# HOMENS DO BRASIL

Legendas de Haroldo      Desenhos de Mario Pacheco




**5** — Trabalhou bastante tempo no "Correio Mercantil", passou pelo "Jornal do Comercio", e em 1856 assumiu a direção do "Diário do Rio de Janeiro". Ao final desse ano houve ideia de oferecer um presente de Natal aos assinantes da folha. Alencar escreveu às pressas "Cinquenta Minutos" e publicou em folhetins.

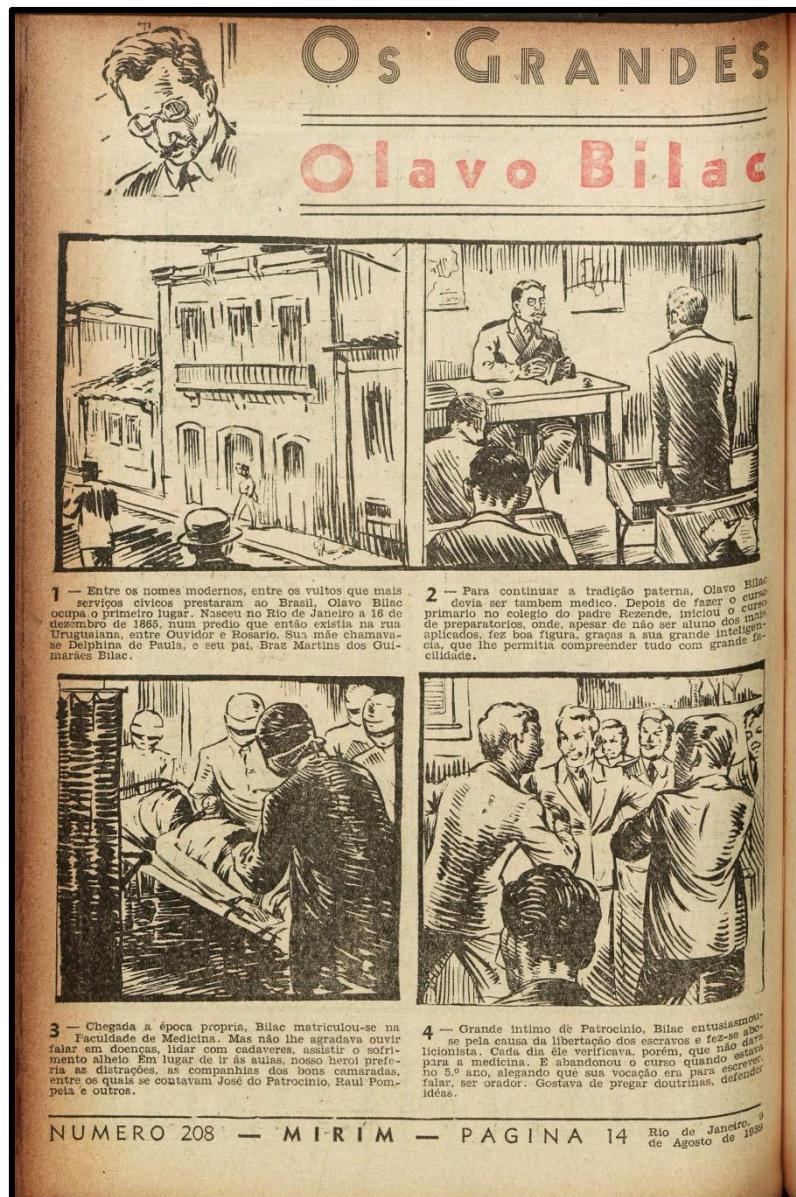
**6** — O trabalho, que não trazia o nome do autor, foi tirado em avulso e agradou muito. Alencar animou-se, e em 1857 lançou "O Guarany", que conquistou sucesso completo, e recebeu a maior das consagrações quando algum tempo depois Carlos Gomes apresentou na Itália sua grande ópera, tirada desse romance.



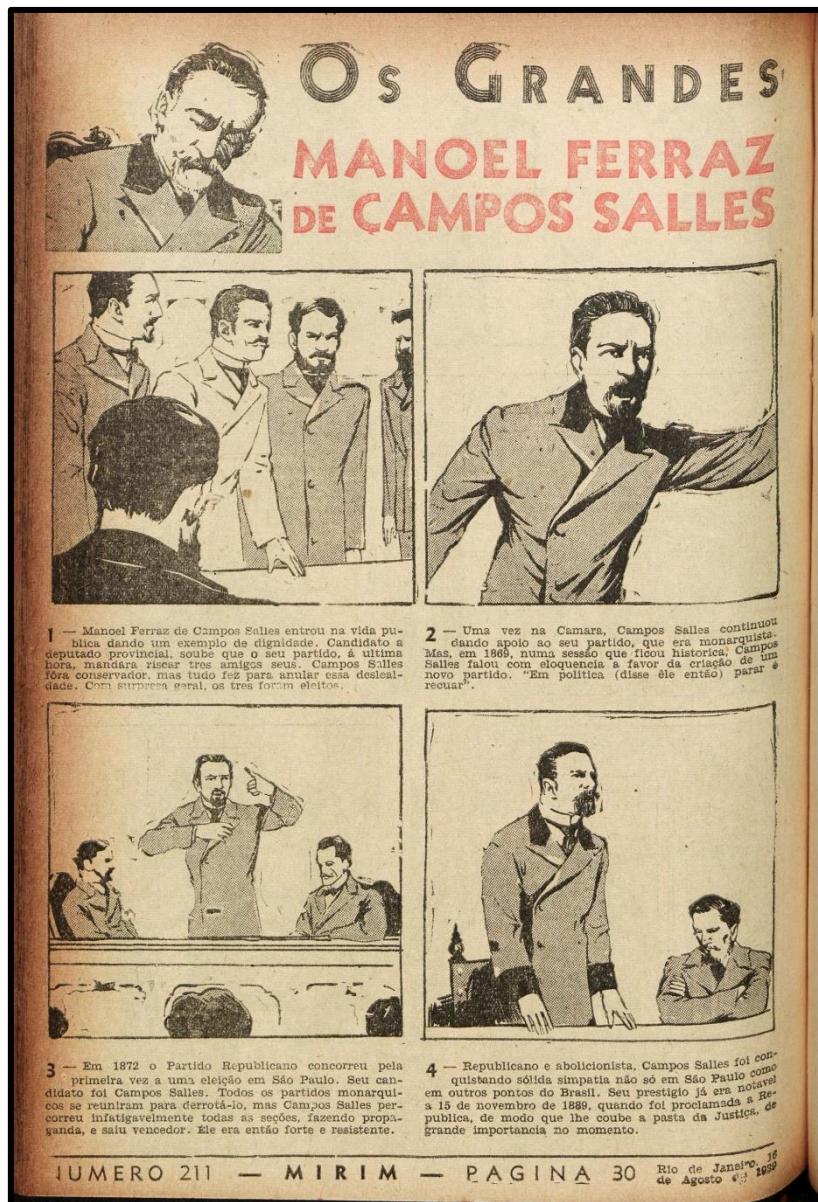

**7** — A seguir, o escritor aplicou-se à literatura dramática, que preciosos admiradores tinha e com pequenos intervalos apresentou seus outros trabalhos, entre os quais "A Viúvinha", "As Minas de Prata", "Lucíola", "Olá", "Iracema", "O Gadinho", "A Fata da Gazeia", "O Sustanejo", "Ubirajara" e "Senhora".

Esse título foi aliás uma refulcente conquista da prodigiosa força de vontade de Alencar, que antes fôra timido e indeciso no falar. Pelo peso das suas argumentações políticas na imprensa, o grande escritor chegou a ocupar lugar no parlamento. Morreu em 12 de Dezembro de 1877, após uma vida brilhantíssima.

NUMERO 205 — MIRIM — PAGINA 15 Rio de Janeiro,  
de Agosto de 1936







**HOMENS DO BRASIL**

Legendas de Murilo      ★      Desenhos de Mario Pachec

5 — Ministro, senador e depois presidente de São Paulo, Campos Salles procedeu sempre tão bem que o povo o elegeu presidente da República, em substituição a Prudente de Moraes. Antes de tomar posse, o grande brasileiro fez uma viagem oficial à Europa, afim de tratar dos interesses financeiros do Brasil.

6 — A posse do presidente Campos Salles foi a mais concorrida e a mais festiva até então havida. Vários países europeus mandaram navios especialmente, e a oficialidade assistiu a solenidade do compromisso de Campos Salles. Jornalistas de Paris e de Londres mandaram longas notícias desse acontecimento.

7 — Começando a dirigir o Brasil, Campos Salles soube orientar muito bem as nossas relações com as repúblicas vizinhas. Fela primeira vez um Chefe de Estado vnu visitar o Brasil. Foi o general Julio Roca, presidente da Argentina, que chegou a 8 de agosto de 1899. Um dos números da recepção foi uma festa veneziana na enseada do Botafogo.

8 — No começo do século atual, o Brasil estava lutando com muita falta de dinheiro. Campos Salles aumentou os impostos. Uma comissão de negociantes procurou protestar, falando até em revolução. Campos Salles respondeu: "Protestem, se não protestam, os impostos serão decretados. Não posso obrigar ninguém a ser patriota, mas posso obrigar a cumprir a lei."

Depois de deixar a presidência, suas opiniões eram sempre muito respeitadas, principalmente em matéria de Direito Constitucional. Esteve apontado de novo para a presidência. Faleceu em 1915, tendo nascido em 1841, em Campinas, filho de D. Anna Cândida Salles e Francisco de Paula Salles. Em 1865, casara-se com D. Anna Gabriella de Campos Salles.

NUMERO 211 — MIRIM — PAGINA 31 Rio de Janeiro.  
de Agosto de 11

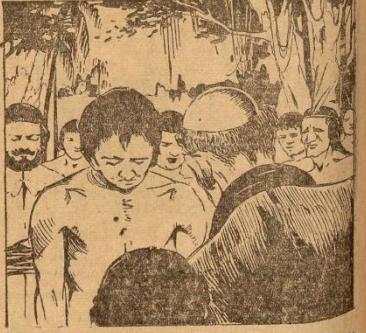
**Os Grandes**  
**Martim Affonso**  
**Araibóia**





**1** — Os selvagens brasileiros da tribo "terminião" conheciam uma cobra esverdeada, de cabeça escura, que vivia à beira da água e aninhalava tempestade por meio de um grunhido especial. Davam-lhe por isso, o nome de "araí" (tempo, mala tempestade) e "ból" (cobra), ou seja, "cobra da tempestade".

**2** — Segundo o hábito corrente entre os seus companheiros, um "índio" forte e valente teve de escolher o seu nome. Escolheu o nome dessa cobra e ficou saindo Araibóia. Quando os franceses invadiram o Rio de Janeiro em 1808, comandados por Villegagnon, Araibóia reuniu seus companheiros para combate-los.

**3** — Estacio de Sá veiu expulsar os franceses e fundou a cidade do Rio de Janeiro, a 1º de março de 1808, junto ao Pão de Açucar. Araibóia esteve sempre ao seu lado. No ataque geral aos franceses, contudo, com grande bravura, Araibóia vêcia, quis partir para junto de sua família, da qual estava separado quatro anos. Os portugueses pediram que ele ficasse.

**4** — Araibóia recebeu então a doação de umas terras do outro lado da Guanabara. Nelas se estabeleceu Araibóia com seus companheiros, surgindo a aldeia de São Lourenço e, com o correr dos tempos, Niterói. Amigo dos jeuitas, Araibóia se batizou, tomando o nome de Martim Affonso.

NUMERO 225 — MIRIM — PAGINA 14

Rio de Janeiro, 17  
de Setembro de 1939

**HOMENS DO BRASIL**

Legendas de Murilo      ★      Desenhos de Mario Pacheco

**3** — Mas os franceses, que tinham fugido para Cabo Frio, animaram os tambois a vir atacar os "terminados", companheiros de Araibóia. A aldeia de Araibóia foi violentamente assaltada, mas o seu chefe, sempre na frente da luta, conseguiu repelir os invasores.

**6** — Zangado com isso, Araibóia propôs um ataque aos franceses. Era governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa da Sá, que concordou. Na tentativa para tomar uma nau francesa o governador caiu ao mar e foi Araibóia quem o salvou.

**7** — Com o governador geral do sul do Brasil, d. Antônio Solms, passou-se um fato que revela o temperamento de Araibóia. Sentando-se numa cadeira e cruzando as pernas diante do governador, este o observou pela atitude. Araibóia respondeu que tinha as pernas comandadas de trabalhar para o rei e retirou-se.

**8** — Conseguiram acalmá-lo e ele continuou apesar disso trabalhando pelos portugueses e pelo desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro. Já velho, teve seu túmulo na baía de Guanabara, pois morreu afogado, ao que parece perto da ilha do Mocanguê. Era uma grande perda para os portugueses.

Na em Niterói um busto de Martim Affonso Araibóia. Sua origem humilde não impediu que o rei de Portugal lhe concedesse também muitas homenagens, como o hábito do Ordem de Cristo, o posto de capitão-mór de sua aldeia, além de um pagamento anual. Araibóia mereceu tudo isso.

NUMERO 225 — MIRIM — PAGINA 15      Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1930

O médico, sanitário e epidemiologista paulista Oswaldo Gonçalves Cruz compôs igualmente o rol dos “grandes homens”, o qual, graças a um “cérebro privilegiado”, concluiu o curso de Medicina bastante jovem, passando a clinicar e atuar nas “pesquisas científicas”, estudando na França e tornando-se “microbiologista de mérito”, o “insigne médico” teve um papel fundamental no combate aos males epidêmicos<sup>40</sup>. Um escritor da época colonial também fez parte da lista organizada pela *Mirim*, o poeta mineiro José Basílio da Gama, sendo colocadas em evidência as várias fases de sua existência, entre dificuldades e crises, mas com destaque para o seu papel intelectual que o teria consagrado como “um grande épico”<sup>41</sup>. O jornalista, político e escritor maranhense Humberto de Campos Vera igualmente integrou o elenco de personagens colocados em evidência pela revista, aparecendo a referência à sua infância e juventude marcadas pelos poucos recursos financeiros até começar a escrever seus primeiros versos e atuar no jornalismo, vindo a deslocar-se para o Rio de Janeiro, com “um cérebro já perfeitamente aparelhado para as lides do espírito”, vindo a exercer também funções parlamentares, atingindo “a popularidade” que “veio como um turbilhão” e ocupando um lugar na Academia Brasileira de Letras<sup>42</sup>. O segundo Presidente da República, Floriano Peixoto foi outro personagem em destaque, com ênfase à sua infância, à carreira militar e à chegada à Presidência, havendo o realce à sua “escrupulosidade” e “honestidade”<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 24 set. 1939.

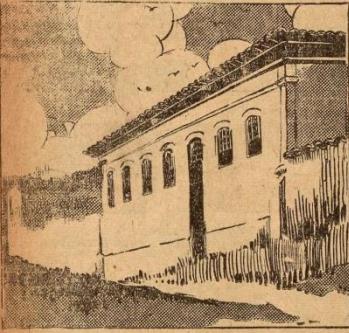
<sup>41</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 18 out. 1939.

<sup>42</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 nov. 1939.

<sup>43</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 nov. 1939.



# Os Grandes OSWALDO CRUZ




**1** — O dr. Bento Gonçalves Cruz, ao lado da moçoilada esposa, d. Amália, estava iniciando sua carreira médica, em Pirenópolis, no interior de São Paulo. Profissional comum, a sorte logo lhe sorriu, proporcionando-lhe bem estar e verdadeira alegria de viver, que ainda mais forte se tornou quando ao casal nasceu o primeiro filho, Oswaldo.

**2** — Foi isto a 5 de agosto de 1872. Mais tarde, e ainda em Pirenópolis, d. Amália teve outras duas crianças, e afim de preparar a educação conveniente da esperançosa prole, um belo dia o dr. Gonçalves se mudou com os seus para o Rio, indo morar no bairro do Jardim Botânico. Ali nasceram mais três menininhos ao Oswaldo, que muito se alegrou.




**3** — Par sobre uma capa de seda, ele guardava um escravo afeitado que sabia agendar. E, por isso, ainda um certo desprezo, o que ao qual conseguiu fazer todo os seus estudos com boas notas e com rapidez, completando o curso médico em apenas quatro anos e recebendo o diploma de médico aos 20 anos de idade, em dezembro de 1892.

**4** — Pouco antes de falecer o dr. Bento e o jovem mesmo no entanto na vida prática, recebeu o passado encargo de substituir o pai na sua clínica numerosa. Oswaldo não se intimidou. Atirou-se ao trabalho. Um ano depois casava-se com a virtuosa d. Emilia da Fonseca, que muitas vezes teve de ir buscar o esposo no seu pequeno laboratório do porão da casa.

NUMERO 228 — MIRIM — PÁGINA 22

RIO DE JANEIRO 26  
de Setembro de 1883

# HOMENS DO BRASIL

Legendas de Murilo      Desenhos de Mario Pacheco

**5** — E' que o futuro criador da medicina experimental no Brasil tinha uma paixão louca pelas pesquisas científicas. O sabio professor Francisco de Castro, que o seu mestre na Faculdade, aconselhou-o a ir especialmente para Paris, e tanto fez que um dia Oswaldo partiu para Paris. Estudou com o celebre professor Kreux, do Instituto Pasteur...

**6** ...e com outras sumidas, andou por varios países, e quando regressou á pátria, tres anos mais tarde, era um homem de muitos talentos. Tinha-se então em 1900 a febre amarela devorando os cangaceiros, em Santos, ameaçava invadir o Rio. O prefeito carioca era então o dr. Cesario Alvim e este imediatamente tomou medidas energicas.

**7** — Chamou o dr. Sales Guerra, seu amigo íntimo, e por indicação deste incumbiu Oswaldo Cruz de fundar em Manguinhos um instituto para a fabricação de soro e vacinas contra os pestes. Com o valor dos seus estudos em Paris, e pô-lo em prática em Manguinhos, transformou-o em amigos devotados todos os que porco a pouco ele ia chamando para formá-los ao seu lado. Fora, porém, inumeros eram os desentendentes.

**8** — Nessa época, quasi ninguem acreditava que o mosquito é que transmitem a febre amarela. Trocava-se de Oswaldo Cruz por afirmar isso. E foi um fegana formidavel quando o presidente Rodrigues Alves o nomeou diretor da Saúde Pública. Mas o jovem sabio venceu, extinguindo a febre amarela no Rio e em outros Estados. O governo, em 1908, mudou o nome do Instituto de Manguinhos para Instituto Oswaldo Cruz.

Informado da homenagem, o insigne medico respondeu, entre sério e sorridente, ao amigo que o procurara: "Não tenho nada com isso. Meu nome não é Oswaldo Cruz". Com efeito, como homenagem ao pai, Oswaldo sempre se assinara Gonçalves Cruz. Cercado de au-reola universal, Oswaldo Cruz faleceu a 11 de Fevereiro, em Petrópolis, vendo o instituto por ele fundado nas culminâncias do conceito de todo o mundo científico.

NUMERO 228 — MIRIM — PAGINA 23 · Rio de Janeiro 24  
de Setembro de 1932



# Os Grandes

## BASILIO DA GAMA



1 — Corria o ano de 1740. Na grande casa de residência do capitão-mor Manoel da Costa Vilas-Bôas, em São José do Rio das Móres, Minas, reinava a lufa-lufa. As visitas chegavam apressadas. Entravam presentes. Tudo porque d. Quiteria, a esposa do capitão-mor, acabava de ter uma criança.

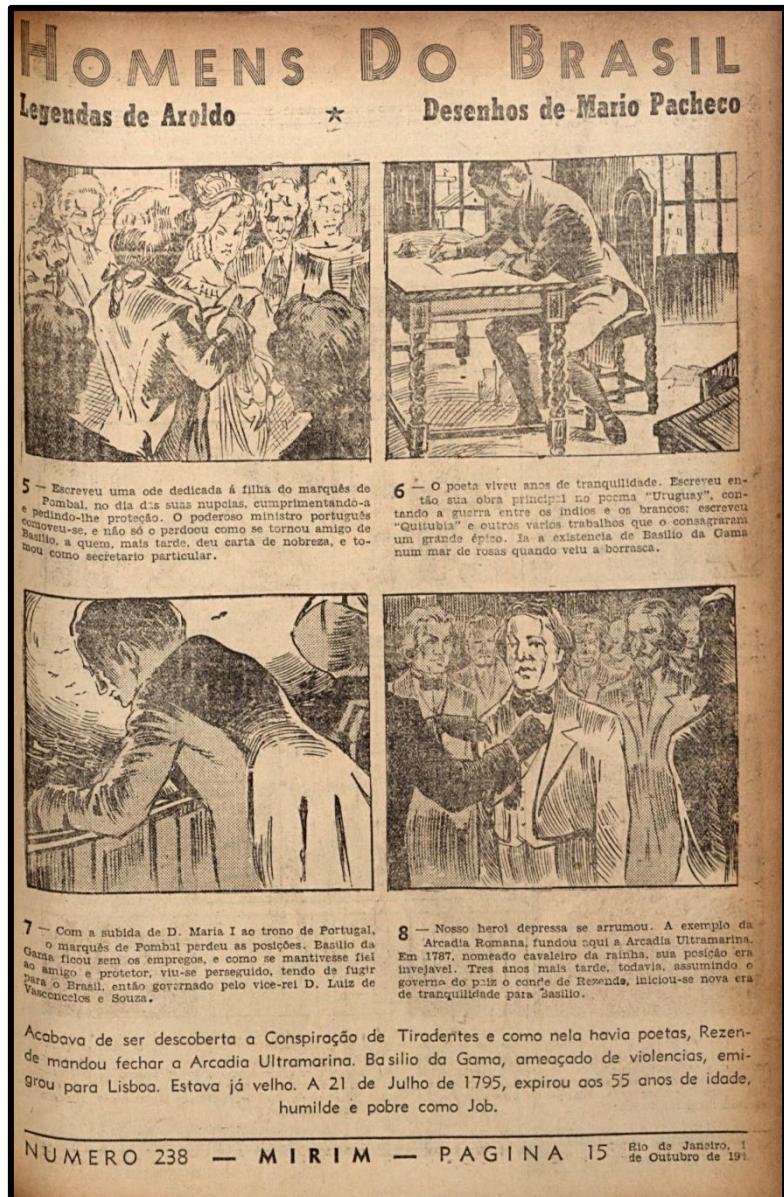
2 — José Basílio da Gama, o recém-nascido, teve em volta do berço todas as homenagens. E uma infância confortável. A morte do pai, quando ele não contava ainda 15 anos, transformou, porém, completamente o seu destino. Ficaria inteiramente pobre, e o mandaram para o Rio, destinado à Companhia de Jesus.



3 — José fez-se noviço. Mais tarde, passou para o Seminário Episcopal de São José. Depois seguiu para Portugal, e daí para Roma. Suas qualidades literárias valeram-lhe ser admitido membro da Arcadia Romana, em 1763. Parece ir tudo bem, quando, inopinadamente ele resolveu regressar ao Brasil.

4 — As autoridades da época odiavam os jesuítas, e, denunciado como tal, José Basílio da Gama foi preso ao chegar e enviado num navio de guerra para Portugal, onde o condenaram a ir para a África. Que fazer para livrar-se de tão duro quanto injusto castigo? O infeliz teve uma inspiração.

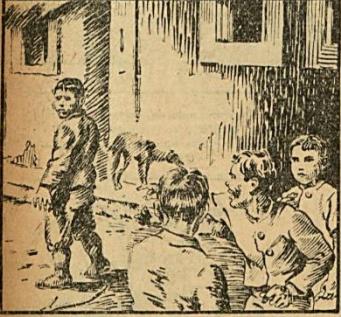
NUMERO 238 — MIRIM — PAGINA 14 Rio de Janeiro, 18 de Outubro de 1939





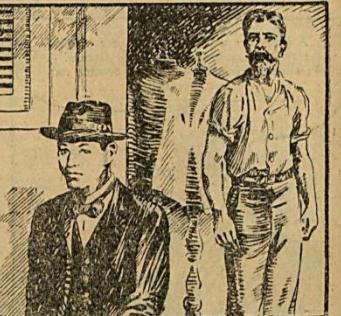
# OS GRANDES

## HUMBERTO DE CAMPOS




**1** — O menino tinha o coração bondoso, mas como era de pele de corpo, atarracado, seu companheiro Francisco trazia dele o desejo de ficar desconfiado e ter roupas maus. Nasceu a 25 de outubro de 1886, em Miritiba, uma vila obscura, de duas ruas apenas, sobre o rio Perí, no Maranhão. A família era pobre, mas não maninhava ambições e vivia tranquila.

**2** — Um dia, porém, o sol, que fôr trazer da saude na capital, apareceu. Em Miritiba não era possível uma humilde viver ganhar dinheiro. E ela partiu para a capital, com a filha e o filho, que se chamava Humberto de Campos. Hospedaram-se em casa do tio Brasil, que ficava muito contente quando os sobrinhos, desembalados, recitavam para ele ouvir.

**3** — Depois da pequena demora, a família seguiu para Parnaíba, no Piauí, onde devia fixar residência. Aos 8 anos, Humberto começou a estudar. Primeiro com sua mãe, depois na escola pública. Com o pouco dinheiro deixado pelo marido, viúva comprou uma pequena casa. Humberto entrou nela e plantou no quintal com toda a pompa um cajueirinho.

**4** — Passou para a escola particular da "mestra" Marocas. Aos 11 anos entrou como aprendiz numa oficina de relógio. Não se aguentou e foi despedida. Voltou aos estudos e, pressionado por seu avô, ganhou dinheiro, quando saía da escola ia servir de caixero numa loja. Da vez em quando trabalhava num tirografia. Um dia leu "Os rufios do Capitão Grant", de Júlio Verne. Gostou e sonhou com viagens.

NUMERO 252 — MIRIM — PAGINA 12 Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1939

# HOMENS DO BRASIL

Texto de Miranda      ★      Desenhos de Rodolfo

**5** — Seu desejo era sentar praça no Exército e ver o Rio de Janeiro. Partiu apenas para a capital do Maranhão, com a experiência de ser fotografado no "Jornal da Manhã". Depois de um mês arrejou um lugar num armazém. Aos 16 anos nadou mais era senão simples calçador. E nem neste posto se sustentou. Despedido, retornou à casa materna, em Parnaíba. Ai leu uns sonetos de Coelho Netto. Deslumbrou-se.

**6** — Para elíc, naquele momento, fazer versos era fácil. Imdo a "O Progresso", seu diário, sol hincava tocado a menina", escreveu ele descrevendo sua primeira produção. Trabalhava no emprego de dia. A' noite, lia, estudiava, escravia. Falava-se então muito na Amazônia, onde um quilo de borracha era vendido por 200000. Partiu para o Pará. Progrediu, venceu. Chegou à redator do melhor jornal.

**7** — Nessa função Humberto de Campos foi surpreendido por um motim político, em consequência do qual seu jornal, "A Crítica", fechou. Foi imediatamente afastado, e saiu o rumo do Rio, trazendo um livro de versos, "Poeira", e um cérebro já perfeitamente aparelhado para a lide do espírito. Os jornais e os círculos literários cariocas receberam de braços abertos o jornalista-escritor-poeta que chegava.

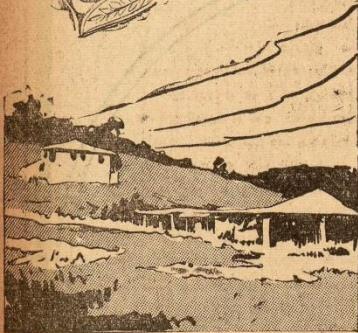
**8** — As crônicas de Humberto de Campos tinham milhares de leitores. Seus livros faziam sucesso. A popularidade veio como um turbilhão. A Academia Brasileira de Letras fez do escritor um dos seus membros, em 1920. Admiração especializou-se no "Conselheiro XX", o ilustre maranhense lançou livros de crônicas que o povo devorava com o maior prazer.

Foi eleito deputado pelo seu Estado e chegou quasi às raías da prosperidade. Depois veio a revolução de 30, que demitiu os deputados, e uma doença insidiosa que transformou o alegre "Conselheiro XX" num Humberto de Campos melancólico, amigo dos desarraigados, infeliz como estes, escrevendo sempre para poder viver, até quando morreu, a 5 de Dezembro de 1934.

NUMERO 252 — MIRIM — PAGINA 13 Rio de Janeiro, 19 Novembro de 1935

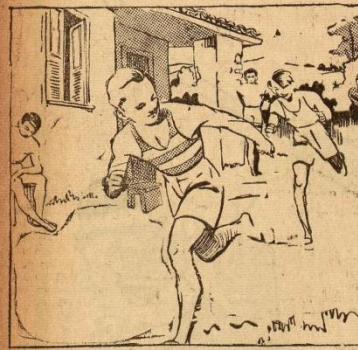
# Os Grandes

## Marechal Floriano Peixoto


**1** — O brasileiro que deu nome a capital de um Estado (o de Santa Catarina), tem uma estatua na Avenida Rio Branco e chegou a Presidente da Republica, nasceu pobre, muito pobre. Seus pais tiveram dez filhos. Ele foi educado por um tio e padrinho que o tratava com todo desvelo.

**2** — Sua infancia passou-se na fazenda desse tio, o coronel José Vieira de Araújo Peixoto. Chamava-se "Enterreno do Bichão Grandes", e ainda hoje existe em Ipoco, Estado de Alagoas. Ali começou seus estudos com um professor particular, progredindo bastante desde as aulas primarias.




**3** — Quando, aos 18 anos, entrou para a carteira militar, Floriano Peixoto era um rapaz de extraordinaria musculatura, tirando sempre o primeiro lugar em ginastica. Estudante alegre, tinha jeito para a pintura e sempre pre escolhia para pintar os panos de boca do teatro.

**4** — Pouco antes da Guerra do Paraguai, estava Floriano dando instrucao a uns recrutas, em Bagé, Rio Grande do Sul. Deu ordem: apontar! Depois ordem de fogo! Era só um exercicio e não devia haver balas nos fuzis, mas, por engano, todos estavam embalados. Floriano, em frente à tropa, escapou milagrosamente.

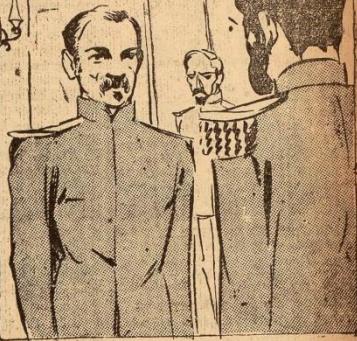
NUMERO 261. — MIRIM — PAGINA 2 ★ Rio de Janeiro 10 de Dezembro de 1939

# HOMENS DO BRASIL

Texto de Rafael Murilo      Desenhos de Pacheco



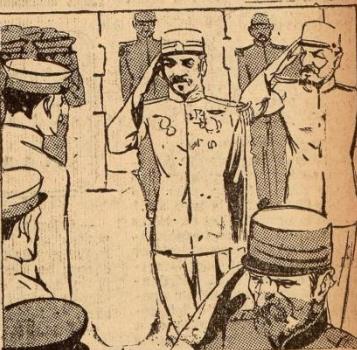
5 — Toda a guerra do Paraguai, do primeiro ao ultimo dia, teve a participação desse grande brasileiro. No dia em que Solano Lopez foi surpreendido pelas tropas brasileiras e morto em combate, Floriano estava presente. Foi testemunha, portanto, do fim da luta.



6 — Regressando ao Brasil, foi promovido a coronel e a general. Veio a propaganda republicana. Deodoro convidou-o para tomar parte no movimento. No dia 15 de novembro, deram ordem a Floriano para atacar os republicanos e ele respondeu: — "No Paraguai eu ataquei adversários; aqui são meus irmãos".



7 — Ministro da Guerra, Senador, Vice-Presidente da Republica, teve de assumir a Presidencia, por causa da renúncia de Deodoro. Era um homem tão escrupuloso que recebendo uma proposta para vender uma fazenda sua, respondeu: — "Volte depois que eu deixar a Presidencia".



8 — Apesar dessa honestidade, Floriano tinha inimigos políticos. Houve uma grande revolução contra o seu governo. Floriano defendeu a ordem com tal energia que ficou chamado o "Maréchal de Ferro". A mocidade das escolas se apresentou para defendê-lo e fazia grandes manifestações quando ele ia visitar as fortalezas, sob as balas dos rebeldes.

Esgotado pelos seus esforços na Guerra do Paraguai e no governo, Floriano Peixoto adoeceu gravemente e morreu pouco depois. Seu corpo embalsamado esteve exposto durante um mês na Igreja da Cruz dos Militares e diante dele desfilou quasi toda a população carioca. Era a ultima homenagem do Brasil a um grande filho.

— MIRIM — PAGINA 3 NUMERO 261

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1939

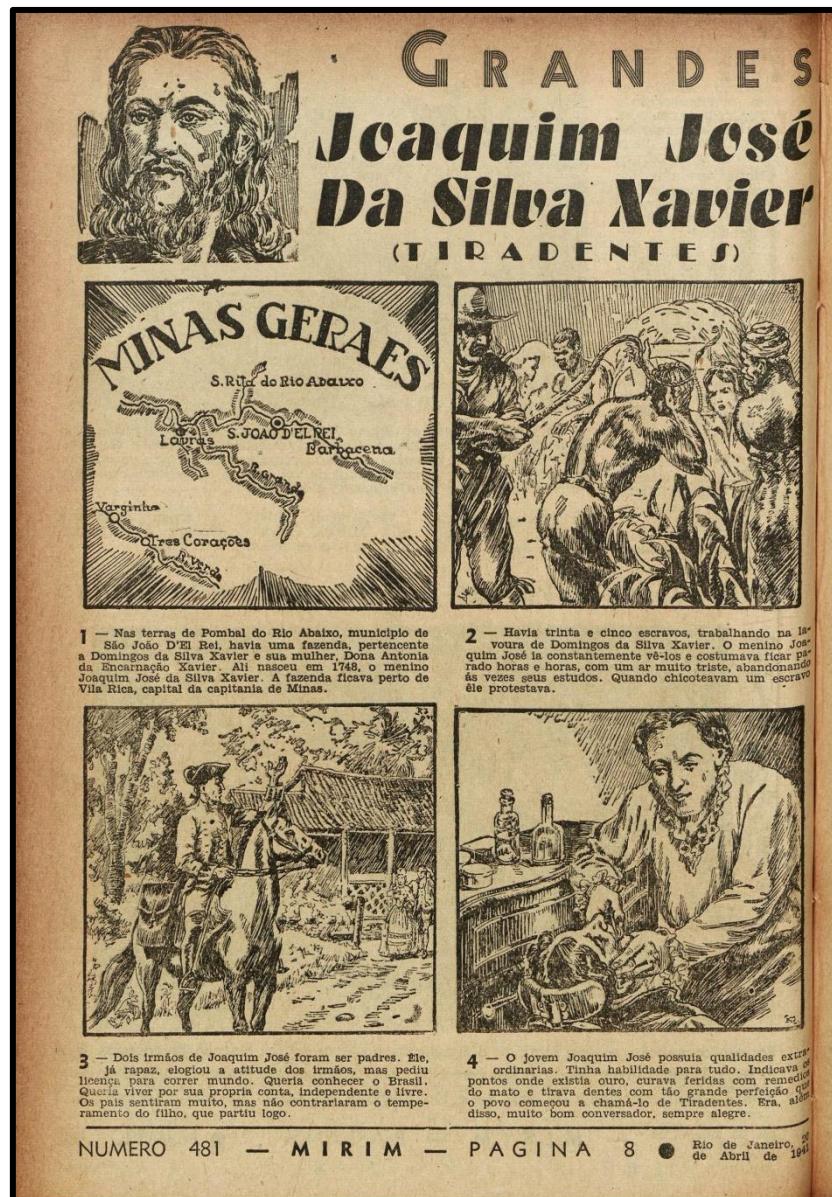
Primeiramente publicada no formato de livro, com o objetivo de mostrar em quadrinhos o papel de “homens heroicos”<sup>44</sup>, *Mirim* trouxe aos seus leitores uma amostragem desse rol, ao editar a seção “Grandes figuras do Brasil”, mantendo a feição de uma exaltação de cunho biográfico. José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, elevado à categoria de “herói nacional” à época da implantação da República, foi um dos personagens destacados, sendo-lhe atribuído um espírito libertário desde a juventude, ao opor-se às sevícias aplicadas aos escravos, vindo a ser qualificado como detentor de “qualidades extraordinárias”, tendo “habilidade para tudo”, além de ser “muito bom conversador”, estando “sempre alegre”, vindo a ingressar na vida militar, pois algo em seu “íntimo” dizia que ele “precisava lutar pelo Brasil”, passando a defender o ideal emancipacionista, razão pela qual foi condenado à forca, de maneira que seu comportamento na prisão e no suplício conduziu-o à condição de ser “um dos maiores brasileiros”<sup>45</sup>. Outra das personalidades foi o “famoso bandeirante” Fernão Dias Paes Leme, o qual se tornaria “uma das grandes figuras da nossa história” em expedições pelo interior do país, nas quais escrevera “uma epopeia de sacrifícios intensos”, vindo a tornar-se um “grande sertanista”<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 mar. 1940.

<sup>45</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 20 abr. 1941.

<sup>46</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 20 abr. 1941.



# FIGURAS DO BRASIL

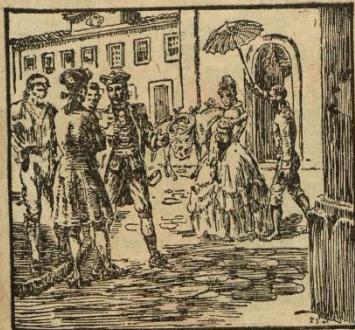
Legendas Do Prof. Rafael Murilo    ★    Desenhos De Rodolfo



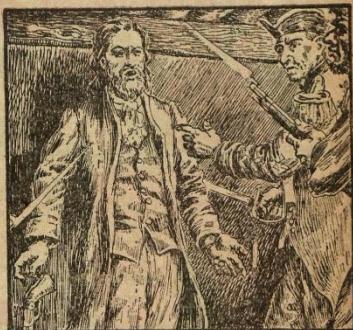
5 — Depois de levar por algum tempo essa vida de aventura, Tiradentes quis ser soldado. Alguma coisa lhe dizia no íntimo que ele precisava lutar pelo Brasil. Suas qualidades o elevaram rapidamente ao posto de alferes. Outros, porém, com pouco merecimento, chegaram à capitão, e essa injustiça lhe doía.



6 — Querendo melhorar de vida, o alferes Tiradentes juntou dinheiro com sacrifício e comprou um sítio ao pé da Rocinha Negra (freguesia de Simão Pereira). Quando começou a construir sua casa a cavalo para o Rio de Janeiro, onde, logo que chegou, propôs ao governo o aproveitamento da água dos rios.

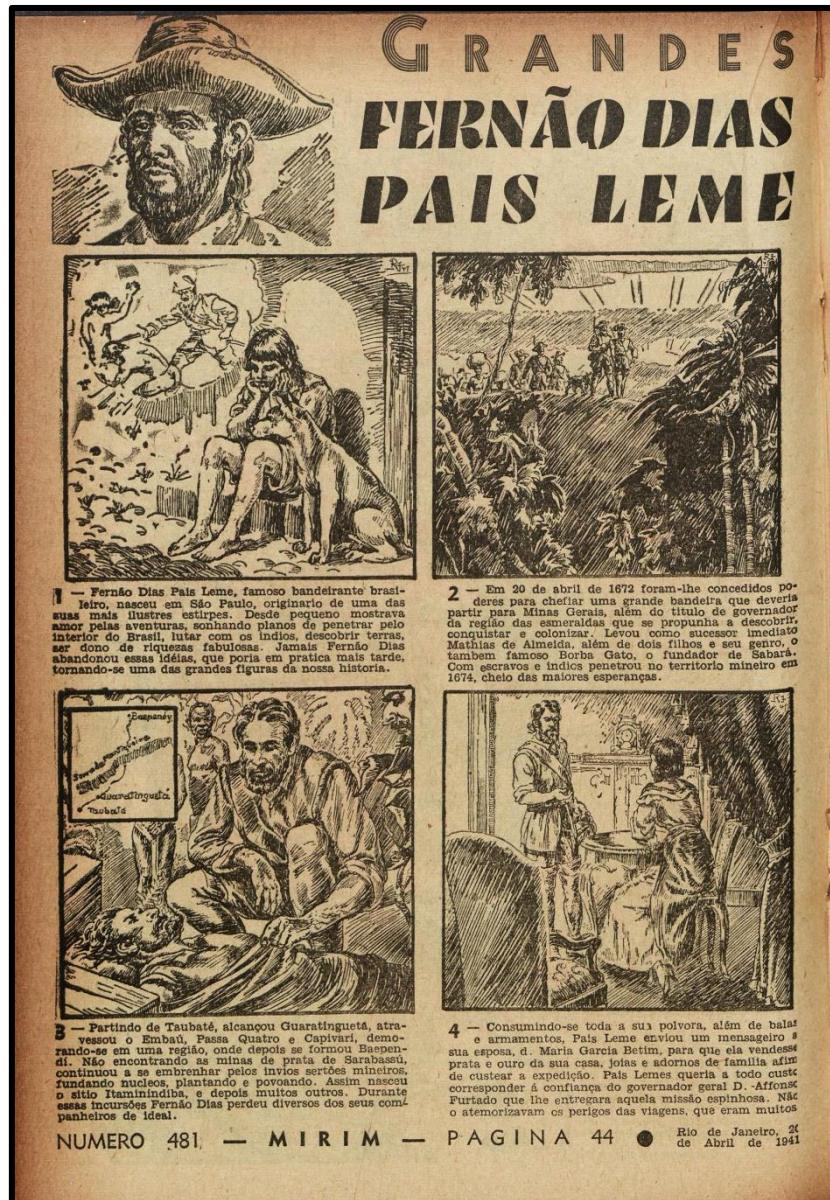


7 — Recusado o seu projeto, voltou a Vila Rica impressionado com o atraso do Brasil, simples colônia de outro país. Não tínhamos água, luz, instrução, liberdade e no entanto éramos fortes, numerosos e ricos. Encontrou outras pessoas com as mesmas idéias e começou a falar francamente a favor da Independência.



8 — Os companheiros de Tiradentes eram homens de valor, mas não tinham a coragem. Ele se ofereceu para vir a convencer os soldados do Rio de Janeiro a tomar parte na revolução libertadora. Aqui, foi denunciado e preso no sótão de uma casa. Tiradentes ainda chegou a puxar sua garrucha, mas viu que eram muitos e se entregou.

Processado por ter promovido uma conspiração contra Portugal, caminhou para a forca no dia 21 de Abril de 1792, calmo e valente. Declarou antes que, se o soltassem, viria tentar de novo a Independência do Brasil. A maneira como se comportou na prisão e no suplício torna Tiradentes um dos maiores brasileiros.



# FIGURAS DO BRASIL

Legendas De Americo Palha      ☆      Desenhos De Rodolfo



**5** — Enquanto ele penetrava cada vez mais nas terras mineiras, tramava-se a sua morte, numa conspiração chefiada pelo próprio filho, José Dias Pais. Os conspiradores reuniram-se no reino das flores. Desse modo, por um dia que não ouviu, este revelou um grande chiste a trama sinistra. Fernão Dias vai, então, sozinho ao lugar da reunião e se certifica da verdade dolorosa, não podendo sopitar a sua justa indignação do pai.



**6** — No dia seguinte, mandou prender os culpados, interrogou-os demoradamente, ficando patente a culpariedade de José Dias Pais. Era um momento amargo para o velho chefe. Mas, era necessário um correctivo exemplar. E, assim, o velho chefe, que já dominava o dever que lhe era imposto. E, depois de obter a confissão do chefe da conspiração — seu próprio filho — mandou enforçá-lo à vista de todo o arraial.



**7** — Fernão Dias fundou o sertão que é hoje o município de São João del Rei, cunhos que é o sertão distrito de S. Caetano, em Queluz. Em Sabará, fundou um terceiro arraial que tornou o nome de Sumidouro. Ali demorou quatro anos, fazendo extensas plantações. Continuando a subir, saiu no Itambé, nos rios Itamarandiba e Arassauai, até chegar nas nascentes do rio Pardo. Avançando mais alcançou a lagoa de Vapassu.



**8** — Ai foi assaltado por uma infecção maligna. Seu orgulhoso e não podia mais resistir aos tempestades da Jornada. O velho lindoso, que dominava tanto as terras para o Brasil, escrevendo uma epopeia de sacrifícios intensos, teve de ceder. Não podendo regressar a São Paulo, como desejava, Pais Leme retirou-se para a sua fazenda do Sumidouro, dissolvendo a sua bandeira, depois de sete anos de ineguáveis dificuldades.

Rio de Janeiro, 20 — MIRIM — PAGINA 45 • NUMERO 481  
de Abril de 1941

O jornalista e político Antônio da Silva Jardim também foi teve seu espaço na galeria de “Grandes figuras do Brasil”, sendo considerado como “um dos apóstolos maiores do ideal republicano”, ao realizar várias viagens para divulgar seu ideário antimonárquico, além de ter sido qualificado com os epítetos de “insigne tribuno”, “glorioso republicano”, “caráter puro”, “inteligência nobre”, “grande brasileiro” e “uma das glórias mais puras” na “história da propaganda republicana”<sup>47</sup>. Também esteve entre as personalidades destacadas o médico e escritor Laurindo José da Silva Rabelo, que buscara encaminhar sua vida em direção à religião e, posteriormente, às armas, voltando-se finamente à medicina e a escrita, atuando como “um poeta de tristezas e desventuras”, tornando-se ainda “orador fulgurante”, poeta apreciado e professor culto<sup>48</sup>. O escritor Olavo Bilac, que já havia sido homenageado pela revista na seção voltada aos “grandes homens”, também foi incluso na lista de “grandes figuras”, sendo reproduzida a história em quadrinhos editada anteriormente, dessa vez com o acréscimo da alcunha de “paladino do serviço militar”<sup>49</sup>. Outra homenagem recaiu sobre José do Patrocínio, conceituado como “o maior jornalista do Brasil”, tendo utilizado as “centelhas ardentes” de seus artigos e “arrebatadora eloquência”, em prol da causa abolicionista, tendo recebido “homenagens de herói” por ocasião do 13 de Maio de 1888<sup>50</sup>. Aluísio Azevedo foi mais um dos personagens inclusos na listagem, qualificado como “o escritor que tinha ambição e venceu”, atuando como jornalista e romancista<sup>51</sup>.

---

<sup>47</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 15 maio 1941.

<sup>48</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 14 set. 1941.

<sup>49</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 15 dez. 1941.

<sup>50</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 20 jan. 1942.

<sup>51</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 28 jan. 1942.

**GRANDES  
SILVA  
JARDIM**

**1** — Silva Jardim foi um dos apostólos maiores do ideal republicano. Tribuno arrejado, foi um espírito verdadeiramente revolucionário na fidelidade aos seus princípios. Na tribuna, sua palavra espantava aos próprios republicanos. No período de 1880 a 1889, Silva Jardim manteve acesa a fogueira da propaganda, sem temer qualquer violência do governo imperial.

**2** — Nascido em Capivari, antiga província do Rio de Janeiro, a 18 de agosto de 1868, Silva Jardim formou-se em direito em 1883. Indo para Santos, ali realizou o primeiro comício republicano, a 28 de fevereiro de 1888. Em Campinas, fez uma conferência na presença do chefe de polícia, compadre do Conde d'Eu. Em Santos, fez outro comício diante dos oficiais do couraçado "Báia".

**3** — Percorreu Silva Jardim, em menos de um mês, vinte e sete cidades. Tendo recebido um conto de réis, de negócios de advocacia, exortou os "Comerciantes e burgueses a não comprarem". Visitou o interior de Minas e de São Paulo, sempre recebido com vibração pelo povo. A semente republicana estava lançada com ardor pelo moço fluminense, cujos sucessos repercutiram fortemente no Rio.

**4** — Em S. João d'El-Rey, num banquete oferecido pelo Partido Republicano, seus inimigos lhe apedrejaram a casa. Foi ele quem, em comício, apresentou a sugestão de se mudar o nome da cidade para Tiradentes. Em Ouro Preto, então capital de Minas Gerais, jogaram uma pedra sobre ele, quando falava. Mas o tumulto não o acovardou. Continuou a falar, entre o delírio da multidão.

NUMERO 492 — MIRIM-Mensal

PAGINA 2 — Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1941

# FIGURAS DO BRASIL

Legendas De Americo Palha      ★ Desenhos De Rodolfo

5 — No momento da pedrada, em Ouro Preto, reboou um formidável trovão. Silva Jardim exclamou então: "Vejam! Vêem! O céu nos fala! Que é que é? É a injúria da pedrada, abafando com o trovão o grito de 'Arranca'". Não se pode descrever o efeito dessas palavras do insigni tribuno. Francisco Glicério dizia que a palavra de Silva Jardim "deixara a falsa na fogueira que iria consumir o trono".

6 — Sua primeira conferencia no Rio de Janeiro foi um triunfo completo. A mocidade das escolas superiores senhoras e o povo aplaudiram alto para passar o apelido de "Mestre de Flores". Foi na sede da Sociedade Imperial de Ginástica. Ao mesmo tempo iniciou na "Gazeta de Notícias" intensa campanha jornalística. A ele, disse Saldanha Marinho: — "Tu és o diabo, menino! Abraça este velho".

7 — A 18 de junho de 1889 seguiu para o Norte, no mesmo vapor em que viajava o Conde d'Eu, com espanhola dos membros do gabinete e de todos os políticos do Império. Na Bahia, houve sérios tumultos. No Recife, Silva Jardim foi recebido estrondosamente, desenrolando-se grande aceno popular em vista da atitude da polícia. Mas não restaram o propagandista. Do Recife dirigiu-se ao interior pernambucano.

Silva Jardim foi um caráter puro, uma inteligência nobre. José do Patrocínio, por ocasião da sua morte, escreveu: "Bela sepultura o vulcão! Extraordinário o destino do grande brasileiro. Até para morrer converteu-se em lava!". O nome de Silva Jardim está, assim, intimamente ligado à história da propaganda republicana no Brasil, no qual ele é uma das glórias mais puras.

8 — A 15 de novembro de 1890 foi proclamada a República sem que Silva Jardim tomasse parte das celebrações preparatórias. Não o convidaram. Com a vitoria, não mereceu nada. Desgostoso com a ingratidão dos companheiros, embarcou para a Europa em outubro de 1890. Foi em julho de 1891, visitando o Vesuvio, na Itália, que pereceria do vulcão. Assim morreu o glorioso republicano.

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1941 — MIRIM-Mensal — PAGINA 3 — NUMERO 492

# GRANDES Laurindo Rabelo

**1** — No ano de 1826, a 3 de julho, nasceu no Rio de Janeiro aquele que devia ser mais tarde o poeta Laurindo Rabelo, patrono da cadeira n.º 26 da Academia Brasileira de Letras. A casa dos pais era humilde, eis, uma criança moreninha, de pouca saúde. Sua infância foi cheia de tropeços.

**2** — Sem recursos para estudar, Laurindo foi internado no Seminário, onde tomou as ordens menores. Devia ser padre. Tempos depois, após um curso brilhante, associou aos seus amigos que ia estrear como orador sacro. A última hora, porém, veio uma ordem superior cassá-lo, dando-lhe a autorização.

**3** — As autoridades eclesiásticas haviam sido informadas por intrigantes que Laurindo não possuía fé profunda nos dogmas da Igreja e se ostentava-nos festa. O menino exaltava-se e bradava: "Serei soldado e seu príncipe far, destruirrei guerra a toda a humanidade!" E lá se matriculou na Escola Militar.

**4** — Mas também a carreira das armas exige devotamento, torneira disciplina. Laurindo, muito pilhado, é proposto para o dia e daqui a pouco compunha poesias sacras que feriam como dardos. O comandante da Escola acaba zangando-se e mandando o incorrigível cadete servir como soldado, na tropa.

NÚMERO 548 — MIRIM-Mensal — PAGINA 4 — Rio de Janeiro, 14 de Setembro de 1911

# FIGURAS DO BRASIL

Legendas De Miranda Bastos ★ Desenhos De Mario Pacheco

5 — A severidade do castigo deu motivo a protestos e pedidos, graças aos quais Laurindo foi apenas desligado, indo, então, tentar a carreira médica. Faz o 1º ano e o segundo. Depois os recursos faltaram completamente ao humilde estudante, que teve de interromper sua terceira carreira.

6 — Arranjou emprego num jornal, impressionando bem aos chefes. Sua pena é vibrante e ativa! Uma lástima que se perdesse tal inteligência! A conselho de um amigo influente, Laurindo Rabelo, que havia conseguido seu curso médico. A cidade acolheu o recém-chegado, conferindo-lhe o apelido de "Bocage brasileiro".

7 — Laurindo viveu, então, sua melhor época. Publicou suas "Trovas", lançou várias outras produções. Formando-se médico, voltou ao Rio, casou-se, iniciou carreira na profissão. Um amigo influente arranjou-lhe um lugar de cirurgião do Exército. Era um ordenado garantido, o futuro assegurado.

Mas o modo de escrever de Laurindo Rabelo era doido e irônico. Seus últimos anos de vida foram orador fulgurante, poeta apreciado e professor especial; tão depressa melancólico, como morrerase apagados. Após haver se distinguido como culto, faleceu no Rio a 11 de Setembro de 1864.

Rio de Janeiro, 14  
de Setembro de 1941 — MIRIM-Mensal — PAGINA 5 — NÚMERO 548



# GRANDES Olavo Bilac

## O Paladino Do Serviço Militar



1 — Entre os vultos que mais serviços civicos prestaram ao Brasil, Olavo Bilac ocupa o primeiro lugar. Nasceu no Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1850, num prédio que então existia na rua Uruguaiana, entre Ouvíador e Rosário. Sua mãe chamava-se Dolina de Paula, e seu pai, Braz Martins dos Guimarães Bilac.



2 — Para continuas a tradição paterna, Olavo Bilac dirigiu-se ao colégio do padre Resende, iniciou o curso dos preparatórios, onde, apesar de não ser aluno dos mais aplicados, fez boa figura, graças à sua grande inteligência, que lhe permitia compreender tudo com grande facilidade.



3 — Chegada a época própria, Bilac matriculou-se na Faculdade de Medicina. Mas não lhe agradava ouvir falar em doenças, lidar com cadáveres, assistir o sofrimento alheio. Em lugar de ir às aulas, nosso rapaz preferia as companhias dos bons camaradas, entre os quais estavam Patrocínio, Raul Pompeia e Coelho Neto.



4 — Grande íntimo de Patrocínio, Bilac entusiasmou-se pela causa da libertação dos escravos e fez-se abolicionista. Cada dia, ele verificava, porém, que não dava para a medicina. E abandonou o curso quando estava no quinto ano, alegando que sua vocação era escrever, ilustrar, ser orador. Gostava de pregar doutrina.

NÚMERO 591 — MIRIM-Mensal — PAGINA 4 — Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1941

# FIGURAS DO BRASIL

Legendas De Miranda Bastos      ★ Desenhos De Mário Pacheco

**5** — Ainda que penalizado, o dr. Braz concordou com a vontade do filho e mandou-o para São Paulo, em cuja Faculdade de Direito se matriculou Bilac. Em poucos dias o novo aluno se impôs à estima de todos os colegas, pelo brilho do seu talento, como pelo seu gênio folgazão, o que não o impedia de estudar.

**6** — Um belo dia o nosso Bilac sentiu que se abriam as portas da Fortaleza do Rio velha, embora, abandonando o curso de Direito no 2º ano. Dedicou-se, então, seriamente ao jornalismo e escreveu umas dezenas de apelados artigos contra o marechal Floriano, o que lhe valeu ser preso e recolhido à Fortaleza da Lage.

**7** — Ao recuperar a liberdade, Bilac partiu para Minas, afim de evitar perseguições. E ai escreveu suas interessantes "Crônicas Novelas". Nos tempos que se seguiram viajou à Europa e, sugerido por Visconde das cidades que conheceu, defendeu o projeto de remodelação do Rio, facilitando a grande obra do Prefeito Passos.

**8** — Bilac preocupava-se muito com o elevado grau de analfabetismo do nosso povo. E com um ardor só próprio dos grandes patriotas pregou, com a sua paixão ardente e a sua pena eloquente, o desenvolvimento do ensino primário. Escreveu vários livros escolares, revelando-se tão excelente didata quanto mavisso e perfeito poeta.

Ninguem como Bilac soube pregar o civismo; ninguém como ele soube levantar o patriotismo da mocidade brasileira. Elegeram-no "príncipe dos poetas brasileiros", levaram-no para fundador da Academia Brasileira de Letras. Sua morte, em 28 de dezembro de 1918, foi uma grande perda para o Brasil, que tanto podia ainda esperar de tão dileto filho.

Rio de Janeiro, 15  
de Dezembro de 1941 — MIRIM-Mensal — PAGINA 5 — NÚMERO 591

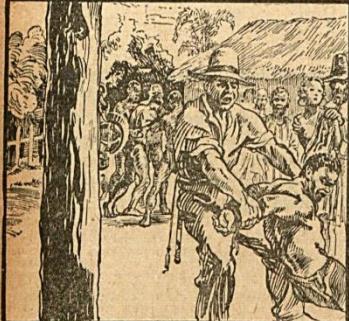


# GRANDES

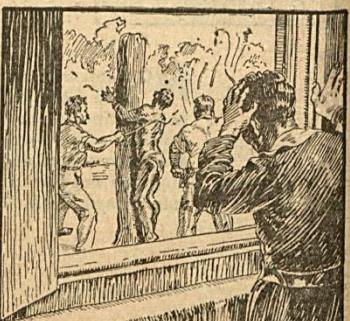
## José do Patrocínio

*O Maior Jornalista Do Brasil*

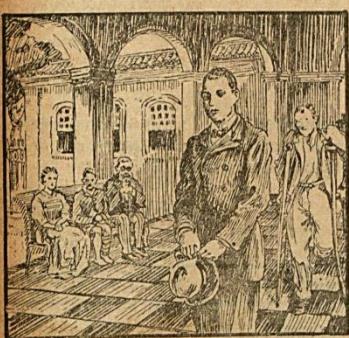
Faleceu a 25 De Janeiro De 1904



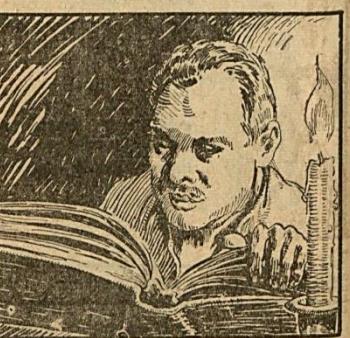
1 — Os pobres negros eram trabalhadores e submissos, mas a severidade dos feitores transformava em crime as mais leves faltas. — E todos os dias, no terreiro da fazenda, repetia-se a cena dolorosa: escravos eram amarrados a pés nus e submetidos a duros castigos, sob o olhar indiferente dos que tinham a suprema vontade de ser criaturas livres.



2 — Zezinho, na qualidade de filho do dono da fazenda, tinha ali regalias especiais, quando apartava para passar umas temporadas, de quando em quando. E, como ninguém, sofría diante daqueles quadros de violência, que nas suas velas, corria também o mesmo sangue das suas veias. Sua mãe, a negra Justina, que lhe dera o ser a 8 de agosto de 1854.



3 — Não podendo insurgir-se contra essa prática de espancamento, que era um hábito, o menino, um belo dia, em 1868, lavrou contra ela o seu mais solene protesto: deixou Campos, a terra do seu nascimento, abandonou a fazenda paterna, e foi tentar a fortuna na Corte. Subiu as escadas da Santa Casa e disse: "Chamem José do Patrocínio e preciso trabalhar".



4 — Deram-lhe um lugar de aprendiz, na farmácia. Ali o jovem começou a vida, aos 14 anos. Seguindo de elevar-se, estudava nas horas vagas. Da Santa Casa passou para a república duns estudantes amigos. Continuou a estudar e, apesar de mil tropeços, realizou seu primeiro objetivo: formou-se farmacêutico. Para sustentar-se, dava aulas de curso primário.

NÚMERO 607 — MIRIM-Mensal — PAGINA 4 — Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1942

# FIGURAS DO BRASIL

Legendas de MIRANDA BASTOS      ☆      Desenhos de RODOLFO

5 — Casou-se. Fez-se jornalista. Começando por um lugar sem importância, na "Gazeta do Notícias", em 1877, em pouco recebeu o cargo de escrever a crônica política. Em 1880, iniciando o plano que lhe daria suprema ambição da sua existência, dedicou-se a escrever em favor da extinção da escravatura. Seus artigos eram centelhas ardentes, que a todos entusiasmavam.

6 — Precisando de mais espaço para transbordar as suas ideias, comprando com o auxílio do sogro, a "Gazeta da Manhã", transformando-a num dos periódicos mais populares da causa abolicionista. Patrocínio tornou-se o comandante da propaganda popular. Na tribuna, na praça pública, onde quer que fosse necessário, ali estava ele com sua arrebatadora eloquência.

7 — Agitada nas ruas por um titã dessa envergadura, conduzida no Parlamento, na Corte como em todas as Províncias, por patriotas destemidos, a causa tornou-se vencida. A 13 de maio de 1888, pela princesa Isabel, então na Alemanha, foi assinada a lei Áurea. E Patrocínio recebeu homenagens de heróis.

8 — Seu nome vibrou em milhares e milhares de boas. Merecia um repouso. Mas não o tomou. Boêmio por profissão, estava sempre entre amigos. Animou a política do Brasil, com o cair das suas críticas. E isto lhe deu em resultado, em 1892, ser um dos que o Marechal Floriano deportou para Cucui.

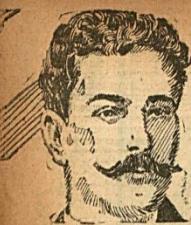
De volta do penoso exílio, prosseguiu na oposição. Foi um destemido. Para não ser preso, viveu, meses, escondido, sem ir à rua. Dedicou-se ao problema da navegação aérea e construiu um balão. Morreu pobre, numa casa de subúrbio, a 25 de janeiro de 1904, enquanto escrevia um artigo para jornal.

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1942 — MIRIM-Mensal — PAGINA 5 — NÚMERO 607

# GRANDES

## Aluísio Azevedo

O Escritor Que Tinha Ambição e Venceu



1 — Eram dois irmãos, Artur e Aluísio, este dois anos mais novo que aquele, pois nasceria a 14 de Abril de 1858, em São Luís do Maranhão. O pai, Davi Gonçalves de Azevedo, era vice-consul de Portugal. Seus vencimentos, porém, não eram grandes, de sorte que dona Emilia, a mãe dos meninos, tinha de fazer economias, para que a casa não sofresse falta de coisa alguma.

2 — Artur tinha a mania do teatro. Inventava peças, improvisava palcos e realizava pequenas representações. Aluísio, já se vê, era o seu principal colaborador. O sr. Davi tinha grande experiência da vida e repetia sempre que a arte era muito boa... para as pessoas morrerem de fome. Artur foi ser caixero de venda. O irmão teve depois o mesmo destino.

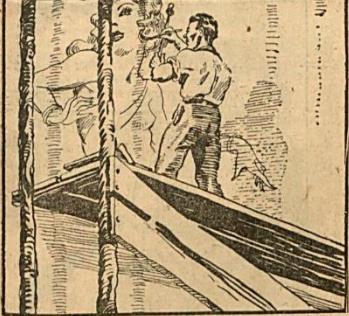


3 — Nem um nem outro se conformaram com tão modesto destino. Não ambicionavam a riqueza que valves adquirissem por trás dum balcão. Queriam era dar largas ao espírito. Artur conseguiu subir; obteve, anos após, um cargo público. Aluísio, que sempre manifestara grande vocação para o desenho, foi tomar aulas com um velho professor italiano, de nome Trabuzy.

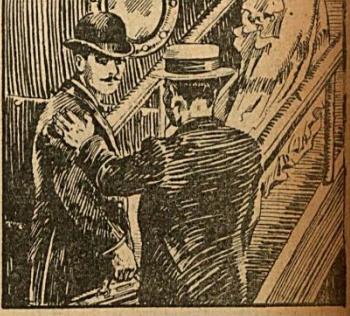
4 — Quando, em 1873, Artur veiu para o Rio, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo sentiu enorme vócio. À custa de grandes esforços, também ele subira um pouco: tornara-se magnífico caricaturista, adquirira boa instrução. Ganhava a vida como professor. Escrevia também e os amigos diziam que seu talento literário era grande.

# FIGURAS DO BRASIL

Legendas de MIRANDA BASTOS      ★ Desenhos de RODOLFO



5 — Entusiasmado com as notícias que Artur mandava do Rio, Aluísio resolveu seguir-lhe os passos. Em 1876, aos 19 anos, estava na capital do Brasil. Estreou como caricaturista no "Figaro" e no "Miqueleiro". Pintou um pano de boca para o teatro Gláucio. Fez alguns cenários. E iniciou o curso da Escola de Belas Artes, que aliás não completou.



6 — Parecia ir tudo bem, quando sucedeu um acontecimento doloroso. O pai dos rapazes faleceu. Aluísio partiu para o Maranhão, afim de pôr em ordem os negócios da família. Foi isto em 1879 e, até 1881, ficou ele na Província, colaborando em jornais, escrevendo livros. Em 1880, apareceu o primeiro, "Uma lógroma de mulher". Em 1881, surgiu "O Mulato".



7 — Com o dinheiro ganho em "O Mulato", Aluísio voltou para a Corte, resolvido a abandonar de vez o pincel, para dedicar-se à literatura. Mas as dificuldades dos homens de letras no Brasil de então eram muitas. O rapaz viu-se na contingência de voltar para o comércio.



8 — Em dado momento, seus amigos o viram transformado na pessoa de um gerente de hotel. Nada abatia o ânimo de Aluísio que, em 1895, entrou para a carreira consular, sendo nomeado vice-consul em Vigo, Espanha. Daí passou para o Japão, Argentina e Bolívia e, já como consul, para a Inglaterra, Itália e Paraguai.

Rio de Janeiro, 28  
de Janeiro de 1942 — MIRIM — PÁGINA 25 • NÚMERO 611

Na seleção de seus “vultos”, a *Mirim* dedicou especial atenção aos representantes da intelectualidade, ou seja, os “homens de letras”, como eram à época conhecidos. Dentre eles esteve Joaquim Maria Machado de Assis, homenageado com sua efígie apresentada na capa, junto de imagens que refletiam a relevância da leitura na formação da juventude, sendo o intelectual descrito como “garoto pobre do morro”, que “chegou a ser o maior escritor brasileiro” e com a constatação de que “imitar o exemplo de trabalho e persistência de Machado de Assis é engrandecer a pátria em que nascemos”<sup>52</sup>. Na forma de quadrinhos, o escritor, educador e jornalista José Veríssimo Dias de Matos também esteve dentre os exaltados pelo periódico, apresentado na condição de “figura ilustre da Literatura Brasileira” e descrito como “talento”, “espírito culto e ponderado”, “modesto e afável, apesar de ceremonioso”, vindo a se impor, “tal a competência dos seus trabalhos como escritor e a serenidade dos seus julgamentos como crítico”<sup>53</sup>. Ainda no formato de quadrinhos foi enfatizada a figura do poeta Antônio Frederico de Castro Alves, com a indicação de que “a abolição da escravatura foi a sua glória”, sendo ele “o poeta dos escravos”, “o cantor dos oprimidos”, “o nosso maior poeta social”, “o mais alto vulto do romantismo brasileiro” e “o herói da nossa história”; o escritor era ainda identificado na infância como “menino muito desembaraçado, inteligente” que “depressa granjeou um grande círculo de admiradores” e, nessa época, “seus versos eram já considerados obras de fino valor”; já na juventude, “abraçou a

---

<sup>52</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 28 jun. 1939.

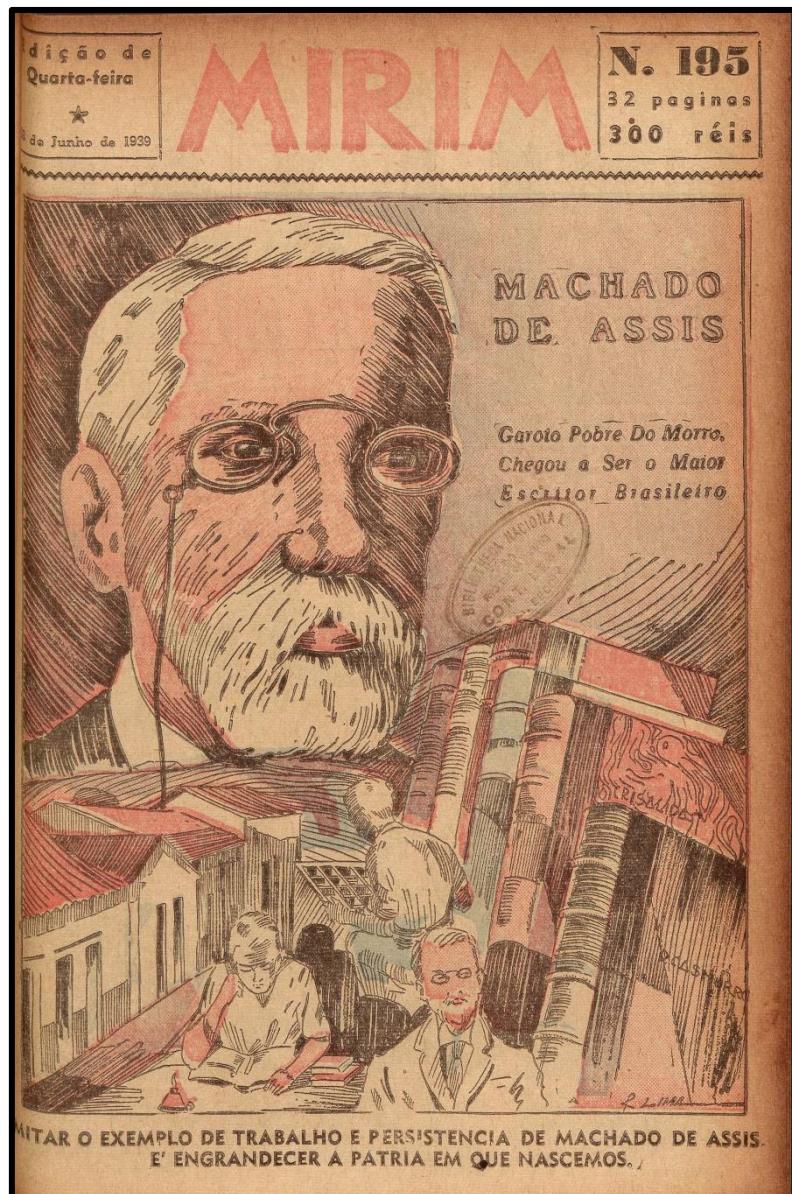
<sup>53</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 1º fev. 1942.

causa dos desditosos negros, que passou a defender com todo o ardor da sua lida maviosa" e "a pureza dos seus versos lindos"; além de abolicionista, era destacado por seu republicanismo, mantendo a partir de tais princípios o seu "entusiasmo patriótico", passando a atrair "para a causa da redenção dos escravos simpatias preciosas e poderosas"; seu falecimento dera-se "em pleno apogeu duma gloriosa carreira, privando o Brasil de seu maior épico e os escravos do seu mais harmonioso poeta"<sup>54</sup>. O escritor Raul de Ávila Pompeia, homenageado anteriormente na seção "Os grandes homens do Brasil", teve sua história em quadrinhos republicada, acompanhada da constatação de que sua atuação equivalera a "uma pena brilhante a serviço de um caráter exemplar", comemorando-se naquela data "o aniversário de seu nascimento"<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 15 mar. 1942.

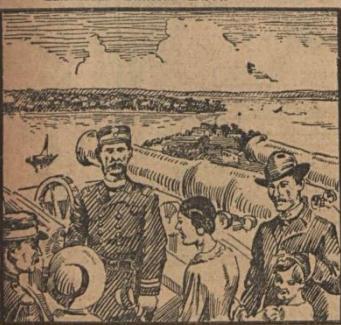
<sup>55</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 12 abr. 1942.



# FIGURA ILUSTRE

## José Veríssimo

Faleceu No Dia 2 De Fevereiro De 1916


**1** — Óbidos era, em 1854, um lugarejo bem pequenino. Mas, orgulhoso, pela sua grande situação estratégica, por ficar situado num terreno elevado, no ponto, então considerado mais estreito do rio Amazonas, no Estado do Pará. Óbidos acabava de inaugurar sua fortaleza, e a imponência dos canhões desta enchia de vaidade os habitantes.

**2** — Entre estes conviam-se, em 1857, o dr. José Veríssimo de Matos e sua esposa, d. Ana Flora Dias de Matos, aos quais, a 8 de Abril, se veio juntar um filho, que recebeu o nome de José. José, assim que aprendeu a ler, foi continuar os seus estudos em Manaus, depois em Belém. A seguir, mandaram-no para o Rio, onde ficou até os 19 anos.




**3** — Com essa idade, seu organismo franzino não resistiu às variações do clima carioca e ele adoeceu gravemente, sendo forçado a retornar ao seu Estado. Submetido a sério tratamento, melhorou. E iniciou sua atividade literária, escrevendo para o "Liberal do Pará" artigos de crítica, impressões de viagem e estudos com problemas de educação.

**4** — Como só o jornal não bastava como meio de vida, José Veríssimo arranjou emprego numa companhia de navios, depois, no funcionalismo público. Para dispôr de maior independência para suas próprias idéias fundou um jornal, a "Gazeta do Norte". Súbito, piorou de saúde e, largando tudo, embarcou para a Europa. Em L'sboa, tomou parte num congresso e fez bonito.

NÚMERO 613 — MIRIM — PÁGINA 28

Rio de Janeiro, 1  
de Fevereiro de 1932

# DA LITERATURA BRASILEIRA

Legendas de MIRANDA BASTOS      Desenhos de RODOLFO

5 — O talentoso paraense contava apenas 23 anos, mas era já um espírito culto e ponderado. De regresso ao Pará, retomou sua atividade. Dizia: "Não basta produzir borracha, cumpre também gerar idéias". No ano seguinte, fundou um colégio. Casou-se. Em 1886 inaugurou o naturalismo entre nós, com "Cenas da Vida Amazonica".

6 — Em 1890 foi nomeado diretor da Instrução Pública do Pará, mas pouco se demorou ai. No ano seguinte, transferiu-se de vez para o Rio, onde encontrou Benjamin Constant feito ministro, reformando a instrução pública com bons intuios mas pouco acerto. Verissimo entrou para o "Jornal do Brasil" e dai fez critica severa àquilo que considerava erro.

7 — Rapidamente se impôs, tal a competência dos seus trabalhos como escritor e a serenidade dos seus julgamentos como crítico. Alguns o atacavam por isso. Modesto e afavel, apesar de ceremonioso, Verissimo nunca revindicou aos que o magaram. Os que o apreciavam e lhe faziam justiça eram em muito maior número, entre eles o grande Rui Barbosa.

Foram Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Sílvio Romero, Raimundo Correia, Capistrano de Abreu e vários outros, que se constituiram fundadores da Academia Brasileira de Letras, que teve seu elemento mais ativo nô pessoa de José Verissimo. Este viveu até 2 de Fevereiro de 1916, quando, enquanto escrevia um artigo, faleceu.

8 — Rui, falando de Verissimo, escreveu: "E' o nosso maior crítico". Era, também, um escritor de fina témpera, entre cujos trabalhos se contam: "Estudos de Literatura Brasileira", "Estudos Brasileiros", "A Pesca na Amazônia" e vários outros. Fundando em 1895 a "Revista Brasileira", José Verissimo ai reuniu os nomes mais em evidência na época.

Rio de Janeiro, 1 de Fevereiro de 1942 — MIRIM — PÁGINA 29 • NÚMERO 613

**Castro Alves,**

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA  
FOI A SUA GLÓRIA

O Cantor Dos Oprimidos  
Nasceu A 14 De Março De 1847

1 — Antônio Castro Alves, que, pelos seus títulos, deve ser considerado o nosso maior poeta social, o mais alto vulto do romantismo brasileiro, nasceu a 14 de Março de 1847, na freguesia de Muritiba, na antiga comarca de Cachoeira, na Baía. O sertão foi, assim, o meio em que viveu, até aos sete anos, o herói da nossa história.

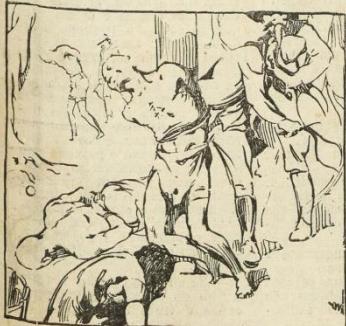
2 — Foram seus pais o dr. Antônio José Alves, conhecido médico, e dona Clélia Brasília da Silva Castro, pessoas de elevada posição, que se preocuparam em transmitir aos filhos os dotes que os distinguiram. Para isto, em 1854, mudaram-se para a capital da Baía, onde o pequeno Antônio passou a frequentar o Ginásio Baiano.

3 — Nessa época estava muito em voga a declamação de versos e discursos, nas festas. Castro Alves, menino muito desembaraçado, inteligente, depressa grangeou um grande círculo de admiradores, pois sempre representava papel saliente em tais reuniões. Àos treze anos, seus versos eram já considerados obras de fino lavor.

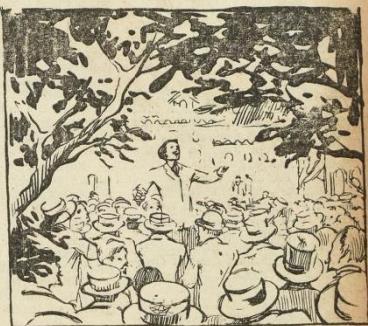
4 — Em 1862, transferindo-se para a Faculdade de Direito do Recife, aos quinze anos de idade, Castro Alves continuou os seus triunfos. Era um belo rapaz, de olhos vivos, vasta cabeleira negra, voz insinuante, traje sempre correto. Apesar do conforto em que vivia, o poeta não se esquecia do sertão e da sua infância.

# O Poeta Dos Escravos

Legendas De Miranda Bastos ☆ Desenhos De Mário Pacheco



5 — Ai viviam escravos em abundância, sob o regime da maior severidade, tratados como cães ordinários. Castro Alves não compreendia que entre os homens pudesse existir diferenças de classes. E abraçou a causa dos desditosos negros, que passou a defender com todo o ardor da sua lira maviosa, a pureza dos seus verões lindos.

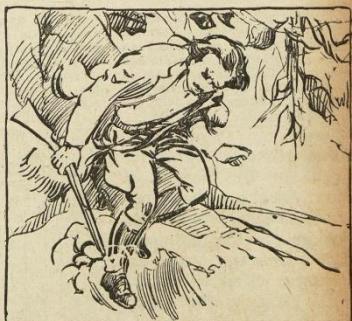


6 — Castro Alves fez-se também republicano. Na praça pública, nos teatros, em toda parte, pregou as suas idéias, engrossando, dia a dia, a corrente dos que as defendiam. Em 1868, de passagem pelo Rio, recebeu uma grande consagração pelos seus feitos. E ao chegar em São Paulo, continuou com o mesmo entusiasmo patriótico.



7 — São Paulo, já uma admirável colmeia humana, empregava milhares de escravos. Os "anti-escravistas" eram poderosa maioria. Nada disto intimidou, porém, o grande vate. Defendeu o direito de liberdade dos negros, enalteceu suas desditas, atraiu para a causa da redenção dos escravos simpatias preciosas e poderosas.

Triste, combalido, Castro Alves regressou à sua terra, em 1870. Insidiosa enfermidade minava-lhe o organismo, matando-o a 6 de Julho de 1871, na capital baiana, aos 24 anos de idade, em pleno apogeu duma gloriosa carreira, privando o Brasil de seu maior épico e os escravos do seu mais harmonioso poeta, cantor de "Navio Negreiro".



8 — Não quis, porém, o destino, que o admirável burilador de "Os Escravos" assistisse o êxito final de sua obra. Em 1868, numa caçada, nos arredores de São Paulo, ao dar um salto, a arma de Castro Alves disparou e feriu-o num pé. Sobreveiu uma infecção e por fim a necessidade de amputar-lhe uma perna. O poeta estava aleijado.



## A Serviço De Um Carater Exemplar

Legendas De Miranda Bastos -- Desenhos De Mário Pacheco



5 — O entusiasmo pelas coisas novas levou-o depois a pregar o advento da República. Pompéia tornou-se uma pena de respeito. Quando resolveu vir para o Rio, os principais jornais disputaram a honra de tê-lo como convidado, pois não só ele era um energético argumentador, mas também um fino escritor.



6 — Certo dia, ele rasgou, indignado, um trabalho que acabava de compor, somente porque, para trocá-lo, Coelho Neto, seu amigo inseparável, disse-lhe que achara o escrito parecido com outro de Schopenhauer, o célebre filósofo alemão, autor das teorias sobre a vontade e o pessimismo.



7 — Pompéia cultivava com o maior desvelo a probidade, e por isso é que se exaltava. Tudo ele fazia "ofício oficial" e depois diretor da Estatística do "Diário Oficial" e depois diretor da Biblioteca Nacional, que sempre um funcionário operoso e exemplar, ainda que sem subserviência.

Era o dr. Prudente de Moraes, que, indignado com a afronta, mandou demitir Pompéia do seu cargo. Sempre fiel às suas convicções escreveram os trabalhos de grande valor, Pompéia viveu até 25 de Dezembro de 1915, quando, dominado por invencível neurastenia, suicidou-se a bala.



8 — O caso seguinte prova quanto ele era independente: Falecera o marechal Floriano Peixoto e Pompéia tinha de fazer o discurso no cemitério; fez-o brilhantemente, exaltando as virtudes do morto e atacando os seus adversários, cujo chefe era o próprio Presidente da República, ali presente.

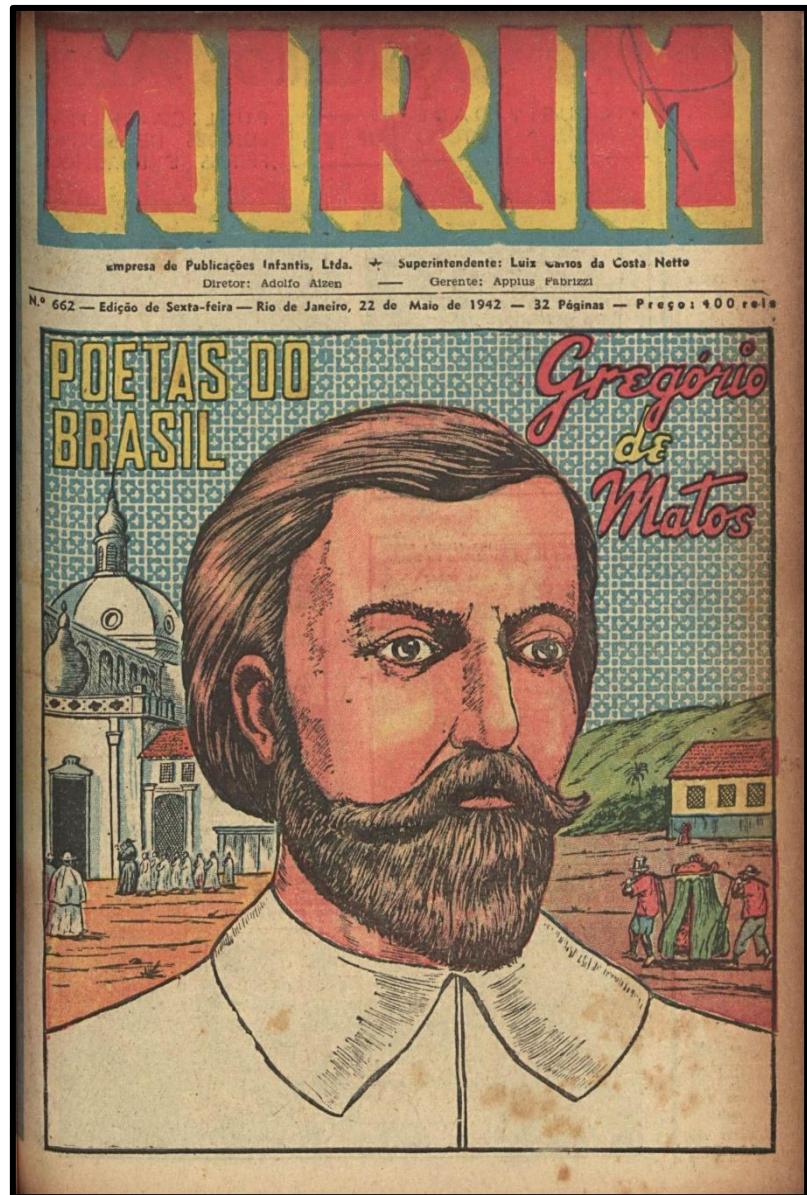
Uma seção publicada pela *Mirim* trazendo a abordagem da exaltação biográfica intitulou-se “Poetas do Brasil”, trazendo o retrato de escritores estampado na capa e um artigo versando sobre o intelectual em pauta no corpo da revista. A figura inaugural foi Gregório de Matos e Guerra, poeta da época colonial, considerado como inaugurador de um certo protonacionalismo na formação literária brasileira e, no caso desse escritor, só houve o registro imagético à capa, sem o texto descritivo de sua obra<sup>56</sup>. A mesma seção trouxe personalidade já enfatizada anteriormente, apresentando Castro Alves, denominado mais uma vez de “poeta dos escravos”, que “põe o seu gênio a serviço do ideal magnífico da abolição”, quebrando “os grilhões com os seus versos poderosos”; era ressaltado ainda que seus versos permaneciam pelo seu “sentido mais alto”, levando em conta seu caráter libertário, continuando o poeta “grande e eterno”, tendo “a juventude brasileira nele um grande exemplo, inspirando a atitude magnífica do homem livre”<sup>57</sup>. Outro autor de poemas exalto foi Casimiro José Marques de Abreu, apontando como “um dos maiores poetas do Brasil” e “uma das vozes mais puras e mais bela da nossa poesia”, não devendo seus escritos “falta nunca nas estantes da juventude brasileira”, constituindo ele “o poeta da saudade, da infância e do coração”<sup>58</sup>.

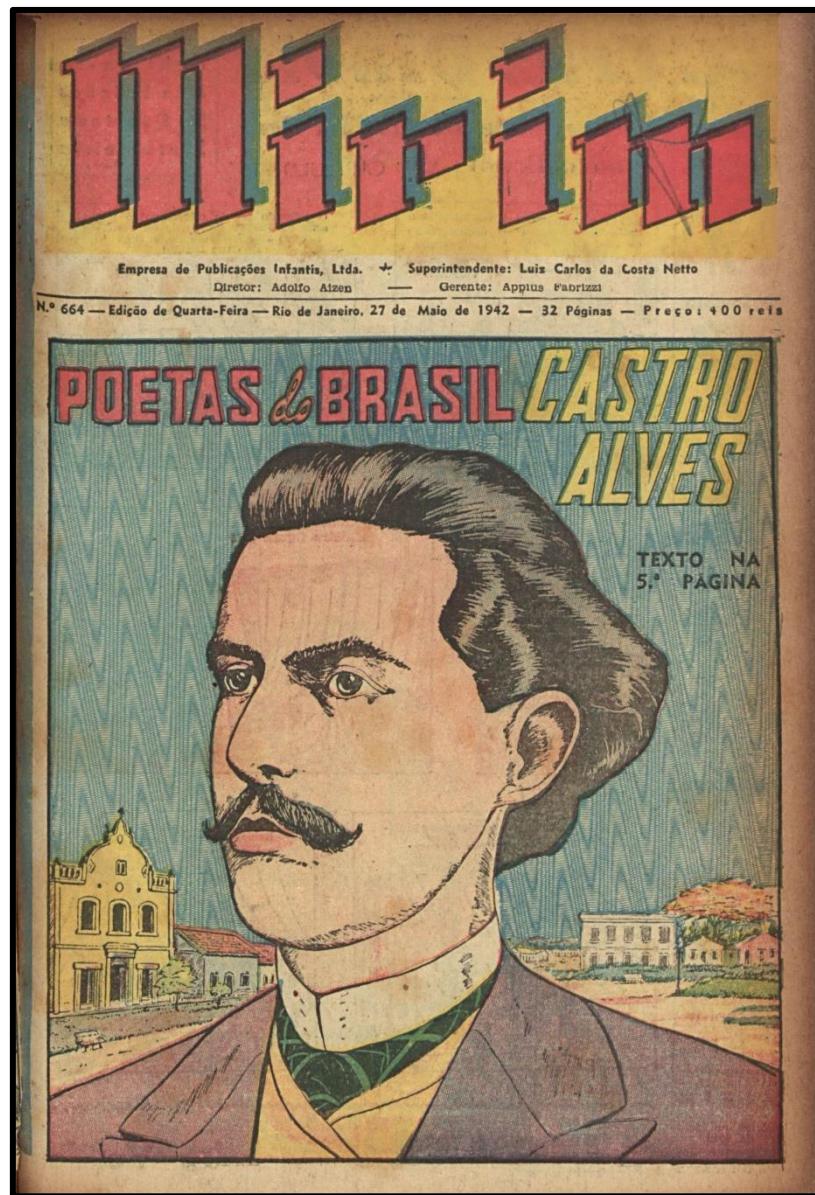
---

<sup>56</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 22 maio 1942.

<sup>57</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 27 maio 1942.

<sup>58</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 29 maio 1942.







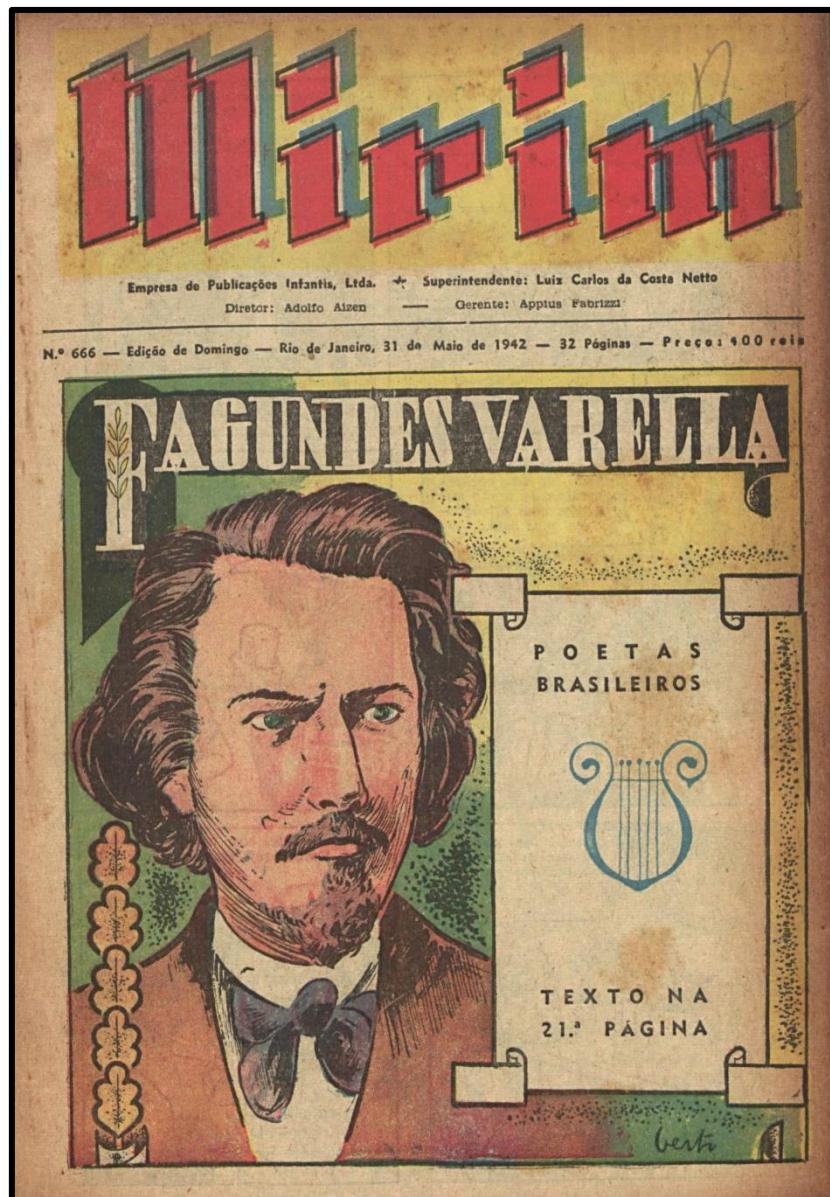
Em seguida, a seção “Poetas do Brasil” mudaria para “Poetas brasileiros”, vindo a ser inaugurada com o escritor Luiz Nicolau Fagundes Varela, indicando que suas obras se encontravam “definitivamente integradas no melhor patrimônio intelectual e sentimental da nossa gente”, uma vez que nele “a alma brasileira encontrou um pintor emocionado e delicado” e “um intérprete sutil e impressionante”, de modo que, em seus versos, “a alma do Brasil e o coração do nosso povo cantam através de uma voz delicada, poderosa e rica”, e, em síntese, “foi poeta e foi brasileiro até a medula”<sup>59</sup>. Antônio Gonçalves Dias foi outro intelectual em destaque, citado como “o poeta da raça” e “um exemplo de idealismo”, que “dedicou sua lira à evocação da vida dos guerreiros indígenas, imortalizando feitos heroicos”; sendo considerado ainda que a juventude tinha nele “o seu grande poeta”, que cantava “tudo aquilo que a raça herdou de seus ancestrais – o heroísmo, a altivez, o sentimento de honra” e “o amor à terra”<sup>60</sup>. Já homenageado anteriormente, Olavo Bilac voltou a figurar na qualidade de “poeta da juventude brasileira”, já que no mesmo “a poesia cívica do Brasil possui uma voz mais clara, mais alta e mais intensa”, pois “seus versos são hinos soberbos de patriotismo”, sentindo-se “a presença do coração da pátria”<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 31 maio 1942.

<sup>60</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 5 jun. 1942.

<sup>61</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 7 jun. 1942.







Qualificado como “o mais genial representante de uma das épocas mais singulares da poesia brasileira”, na qual “os poetas eram muito tristes melancólicos e desanimados, falando na morte com muita ternura”, Manoel Antônio Álvares de Azevedo compôs o rol de autores citados pela *Mirim*, expressando a indicação de que os livros do desse autor “devem ser lidos pela juventude brasileira, que ama os seus grandes poetas”<sup>62</sup>. “Um dos maiores poetas do Brasil” foi a definição expressa para Raimundo da Mota de Azevedo Correia, o qual teria deixado “alguns dos poemas mais bonitos das letras brasileiras”<sup>63</sup>. Identificado como “o poeta negro”, o nome de João da Cruz e Souza foi alocado como “um dos nossos maiores poetas”, tornando-se “um exemplo constante para os jovens, de ideal, de sonho e de dedicação à beleza” e sendo portador de uma “personalidade superior” e uma “mentalidade avançada”<sup>64</sup>. A seção “Poetas brasileiros” contou ainda com Luís Guimarães, que foi alcunhado como “o poeta das coisas simples”, que teria composto uma poesia que “não tem brados”, nem “revoltas” ou “amarguras”, preferindo os “gestos suaves” e os “episódios singelos contados em palavras singelas, em versos claros”, assim como não fazia “versos retumbantes, de sons grandiloquentes”, trazendo em seu lugar “uma poesia de ternura, humaníssima, que fala das coisas singelas da terra, seus quadros encantadores na sua pureza ingênua”<sup>65</sup>.

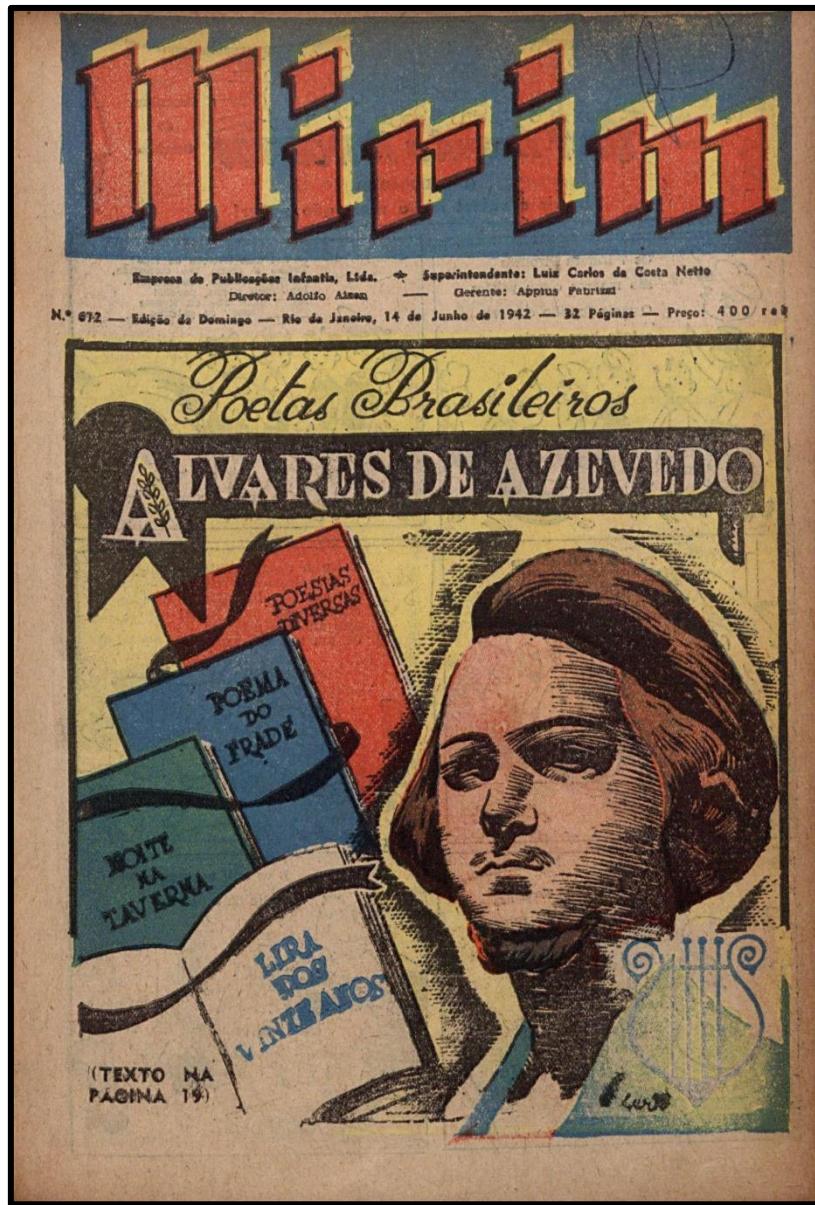
---

<sup>62</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 14 jun. 1942.

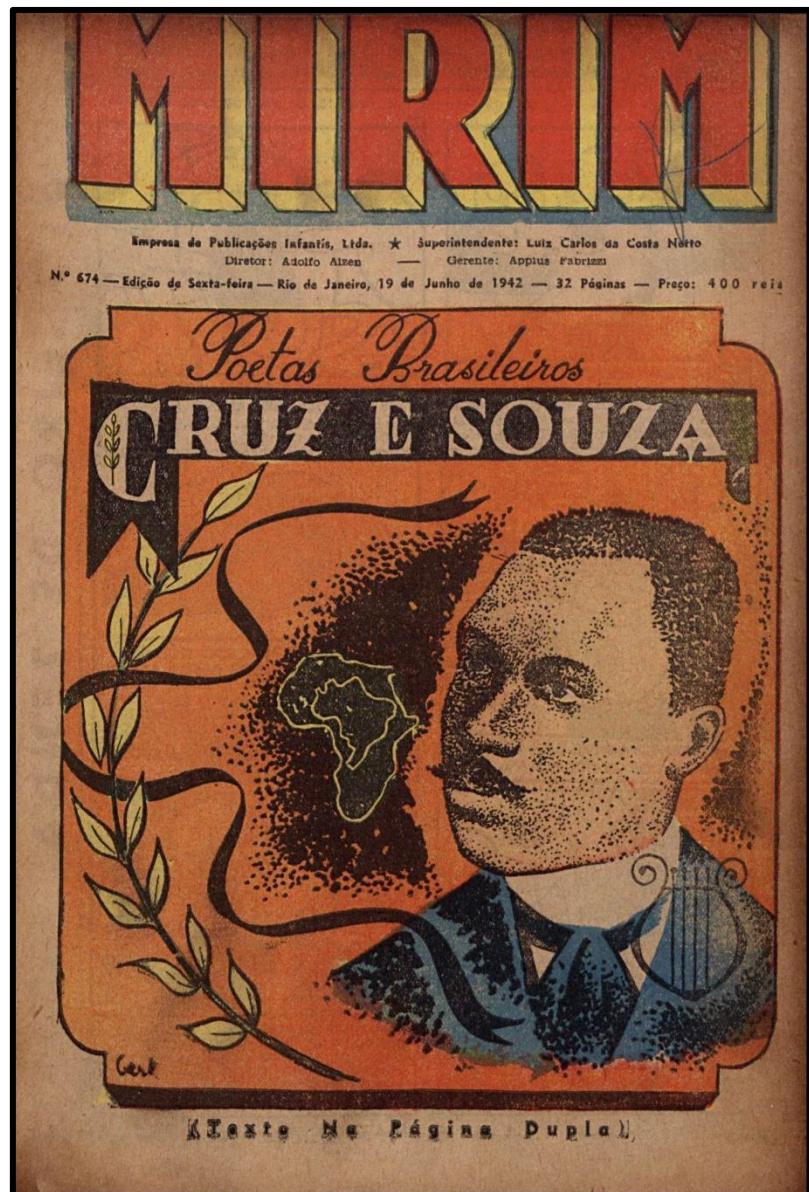
<sup>63</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 jun. 1942.

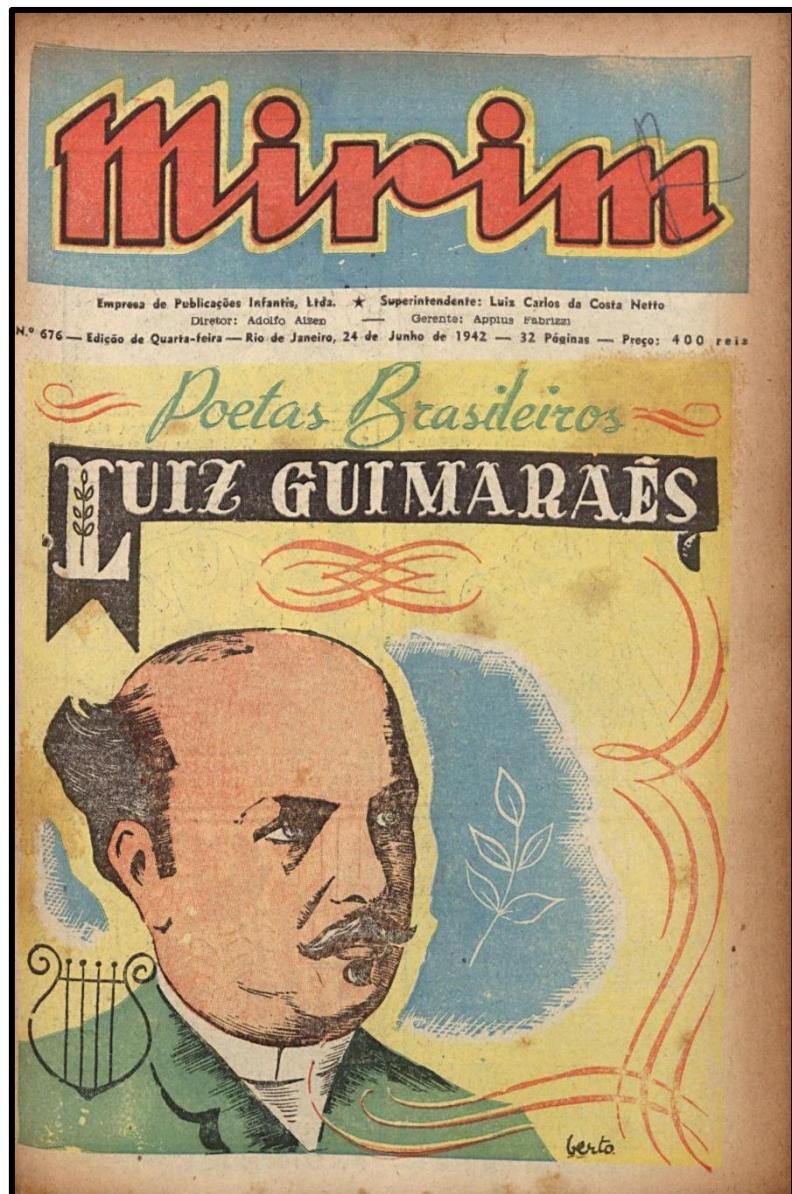
<sup>64</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 jun. 1942.

<sup>65</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 24 jun. 1942.









Homenageado anteriormente na seção “Grandes figuras do Brasil”, Laurindo José da Silva Rabelo, denominado de “o poeta do desengano”, voltou a ser exaltado pelo periódico infanto-juvenil, sendo descrito como um “espírito irreverente”, que dedicara suas sátiras “aos erros, às perfídias, ao orgulho e à incapacidade”<sup>66</sup>. A coluna voltada aos intelectuais, recebeu também o nome de Tobias Barreto de Menezes, caracterizado como “o filósofo poeta”, o qual “revolucionou a sua época”, tornando-se “ídolo e toda uma geração, que via nele um mestre, um guia intelectual”, bem como “um dos poetas mais sentimentais, mais líricos, mais emocionais do Brasil”<sup>67</sup>. O jornalista e poeta Emílio Nunes Correia de Meneses esteve igualmente nas páginas da revista sob a inspiração laudatória, que o considerava como o “poeta de uma geração”, pois “nenhum como ele retratou, no íntimo de seus versos, o espírito do seu tempo, espírito de procura, de dúvidas, de sinceridade”, ao ser “romântico e satírico, dizendo ao mesmo tempo coisas belas e ferinas, tendo sempre uma risada de ironia e uma palavra de bondade”, vindo a constituir “um ídolo entre os seus contemporâneos”<sup>68</sup>. Sob o epíteto de “o simples”, foi apresentado Sebastião Cícero dos Guimarães Passos, já que “nele tudo é simplicidade” e “seus versos são cantantes e fáceis”, mas levando em conta a “singleza” e não a “vulgaridade”, pois teria uma “imaginação colorida”, com “imagens sempre encantadoras e sugestivas”<sup>69</sup>.

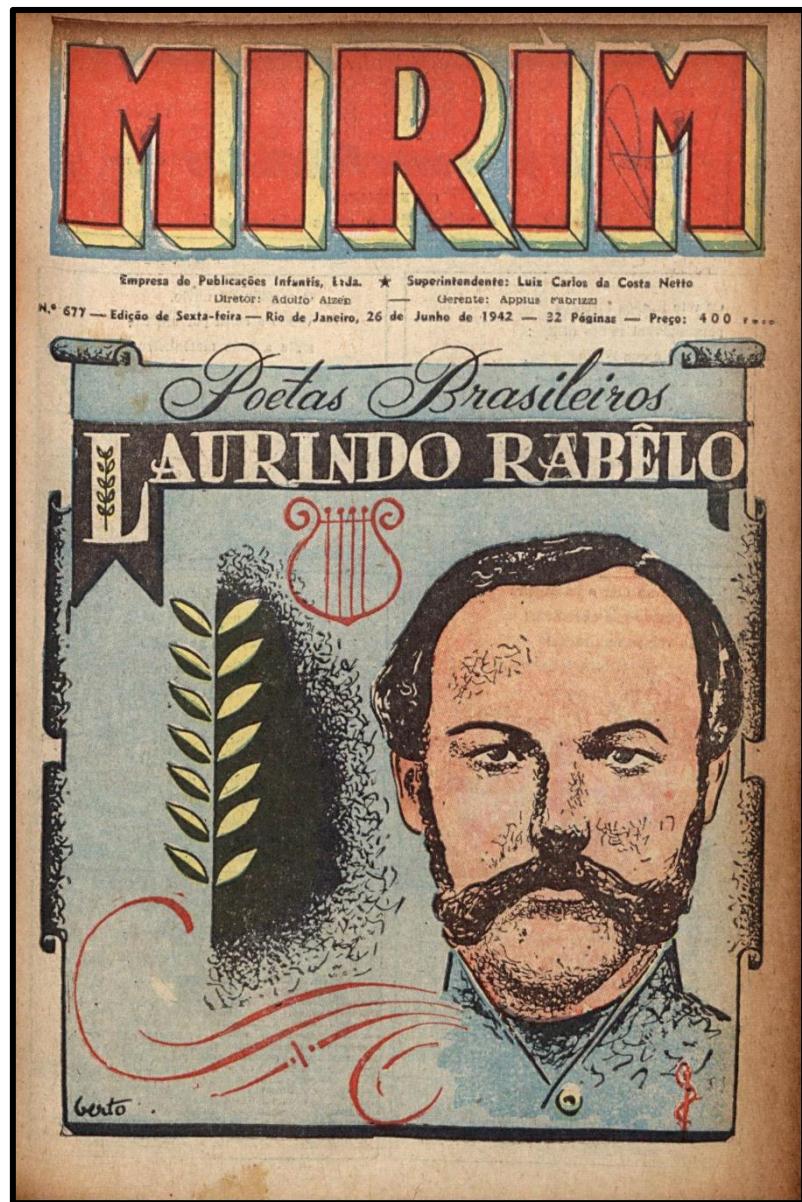
---

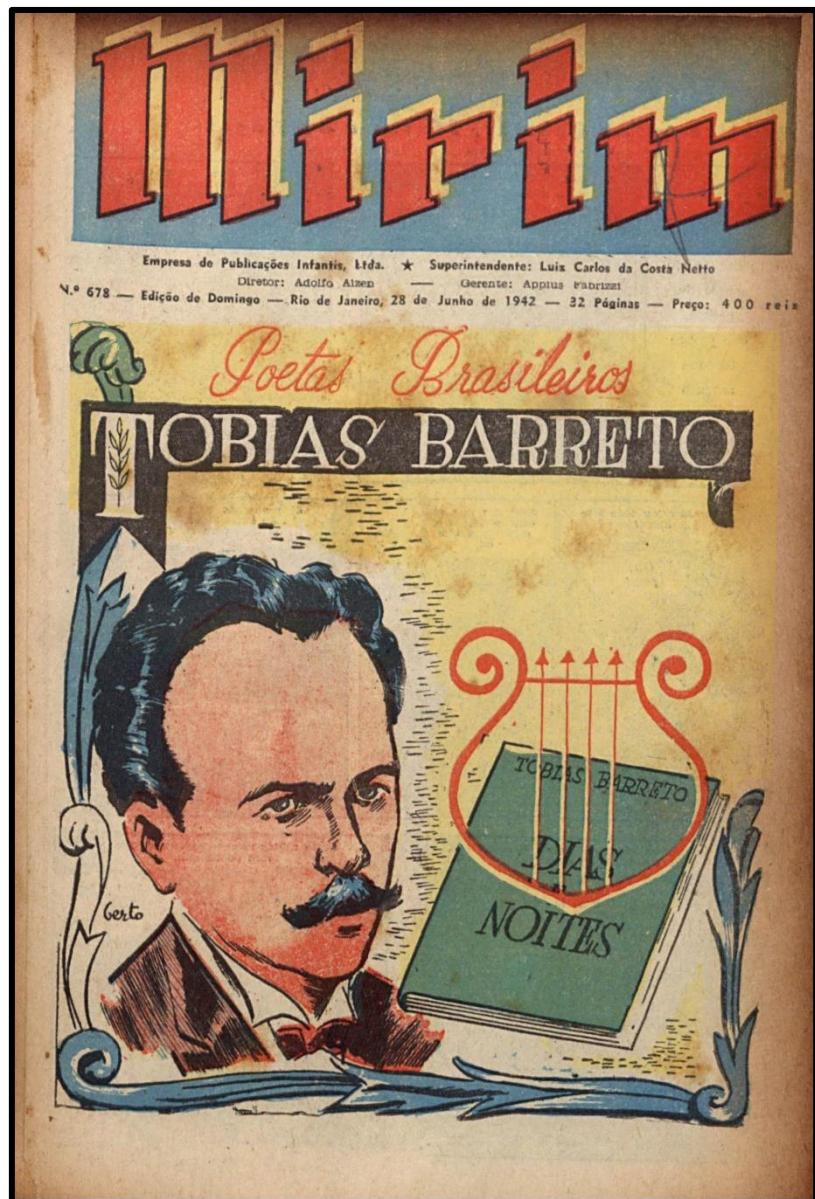
<sup>66</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 26 jun. 1942.

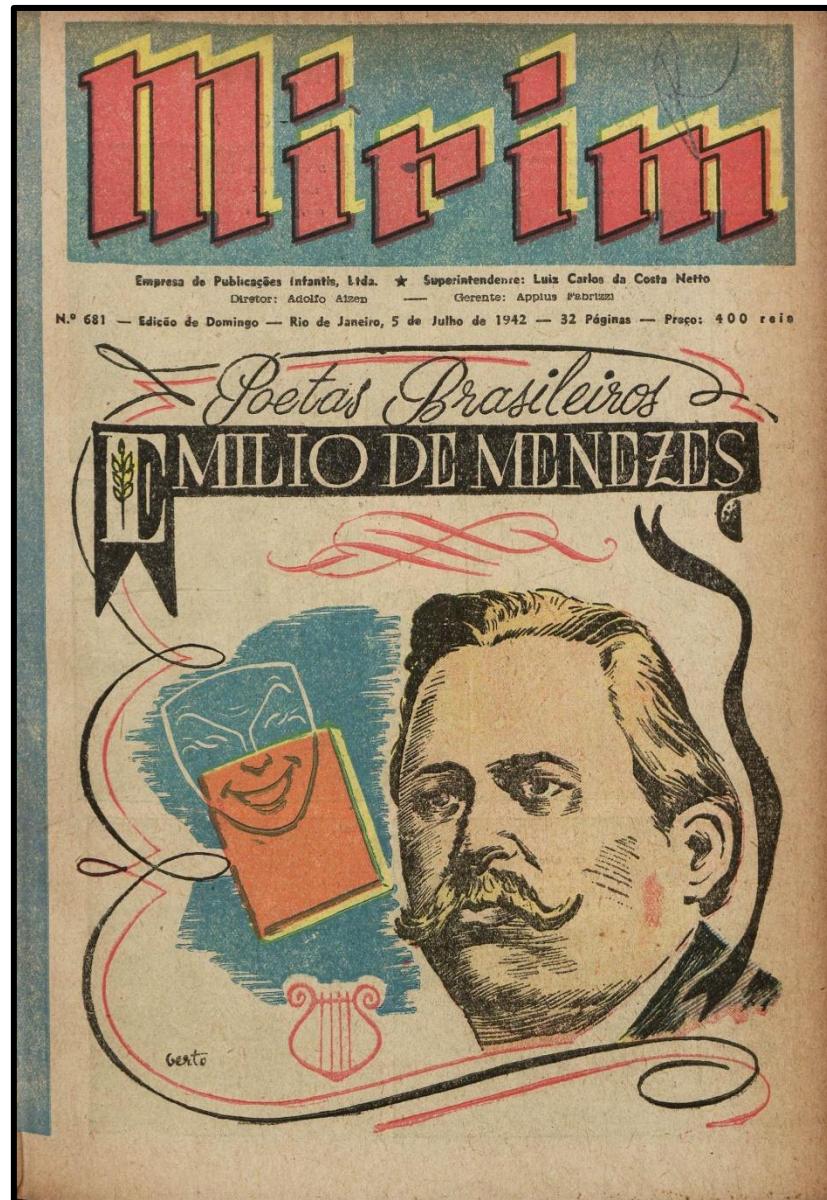
<sup>67</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 28 jun. 1942.

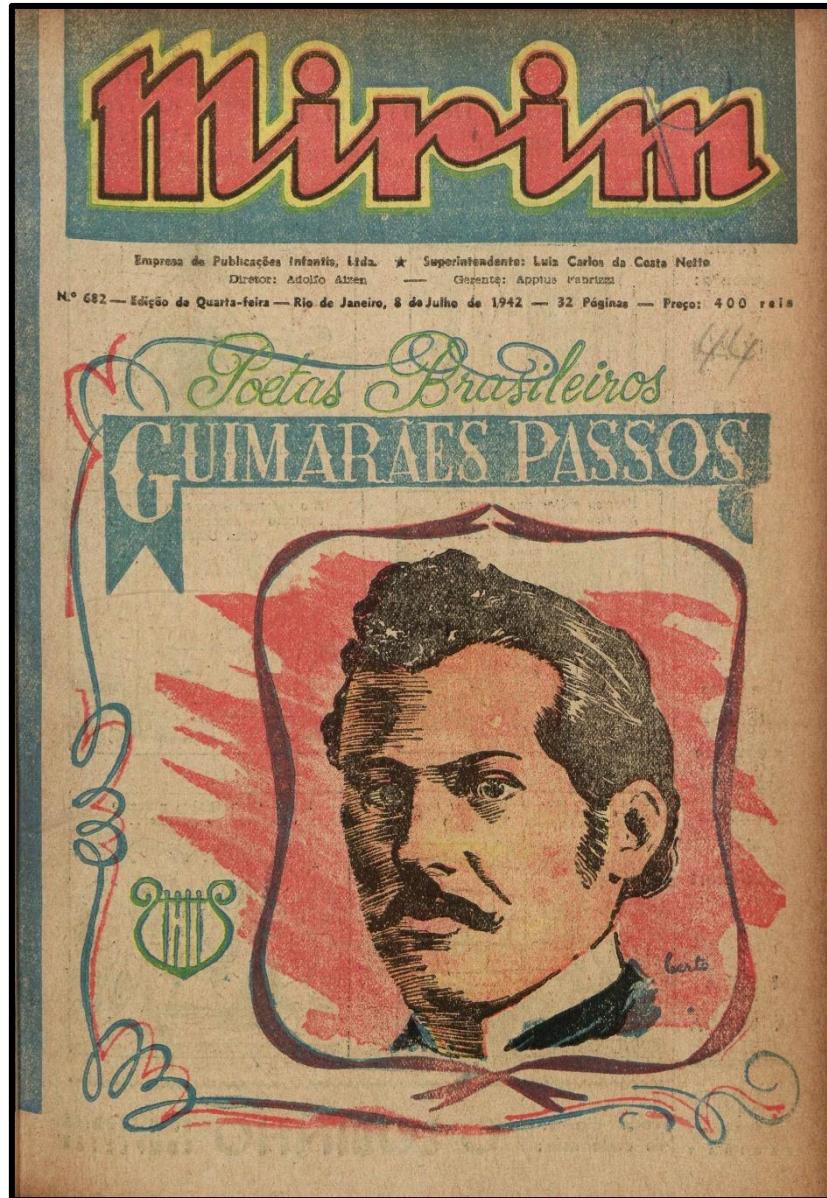
<sup>68</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 5 jul. 1942.

<sup>69</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 8 jul. 1942.









Na seção dedicada à intelectualidade literária, outro destaque foi Luiz Delfino dos Santos, definido como “o grande poeta desconhecido”, mas também reconhecido como “um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos” e “um dos mais fecundos poetas do Brasil”, apesar de não ter publicado sua obra na forma de livro, constituindo-se enfim em “um dos nomes definitivos de nossa poesia”<sup>70</sup>. O jornalista, poeta e contista Vicente Augusto de Carvalho, denominado de “o poeta dos humildes”, foi colocado em destaque por escrever sobre “a simplicidade das coisas”, as “coisa humildes” e as que “só aos olhos dos poetas têm valor”, sendo a “sua poesia uma fonte límpida que desceu de lá do alto, do seu espírito singelo, à procura da eternidade, onde se misturou às outras vozes altíssimas da poesia brasileira”<sup>71</sup>. O “poeta das ‘carapuças’”, Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, também esteve entre as figuras destacas pela revista, apontado como “um dos maiores contistas e comediógrafos que o Brasil já teve”, ao passo que “suas poesias revestem-se de brilhantismo, de graça e espontaneidade”, além de ser “um notável poeta lírico”<sup>72</sup>. Ainda dentre os “Poetas do Brasil” esteve José Isidoro Martins Júnior, apresentado como “o poeta científico”, adepto do republicanismo, que se mostrou “um revolucionário artístico”, pregando a “literatura científica” e tornando-se um “poeta moderníssimo de sua época”, associando as “coisa do mundo” ao “espírito positivo”<sup>73</sup>.

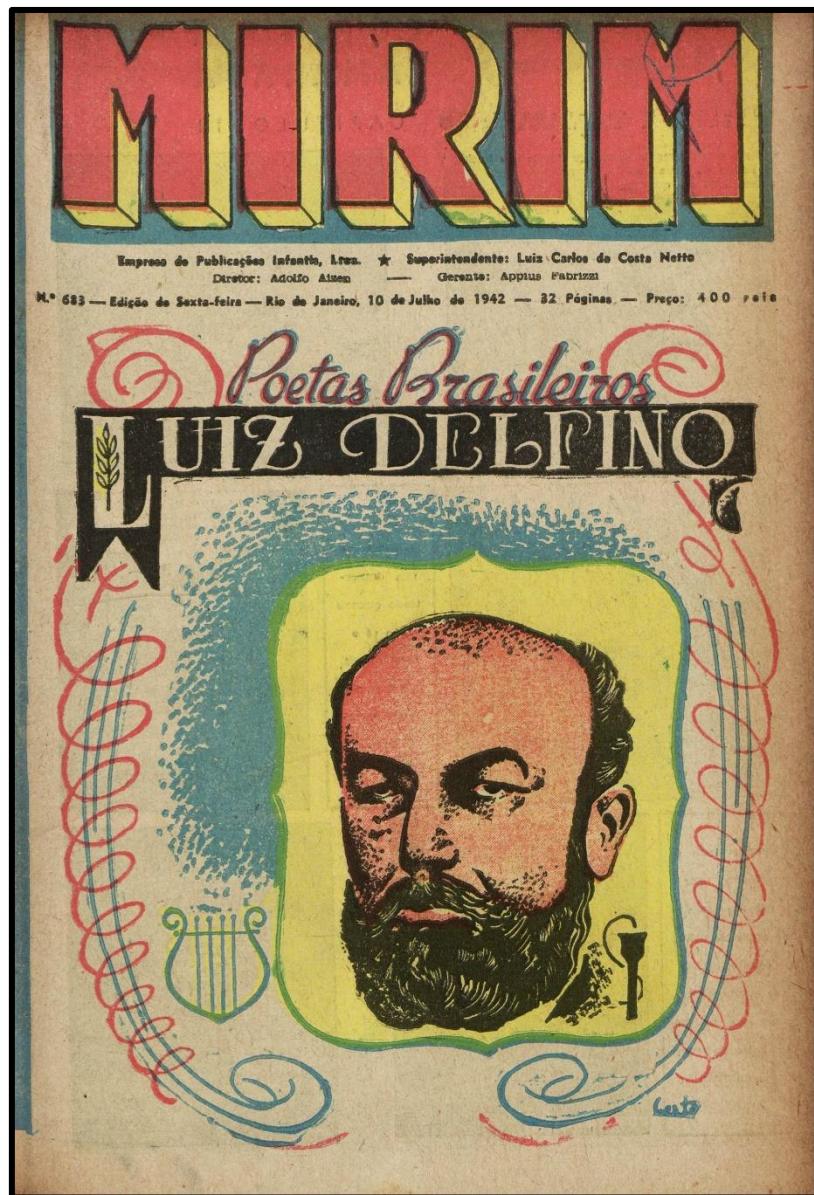
---

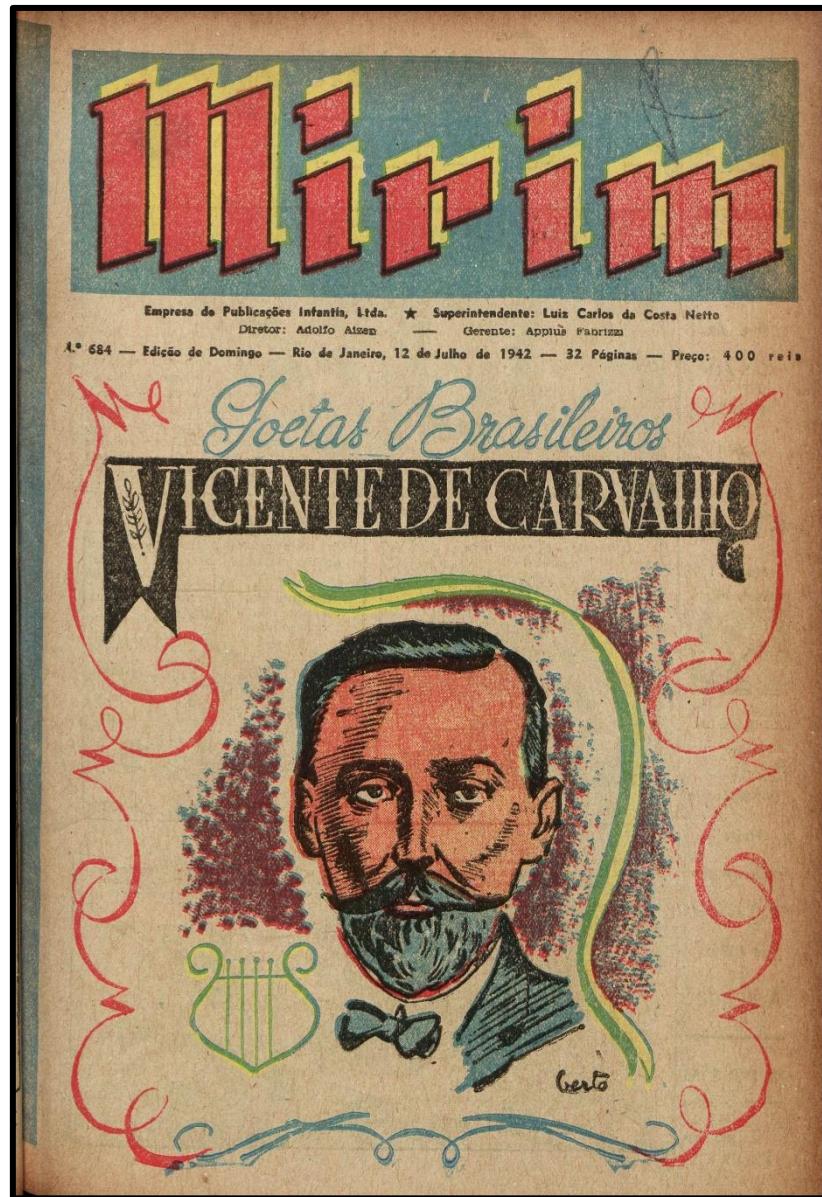
<sup>70</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 10 jul. 1942.

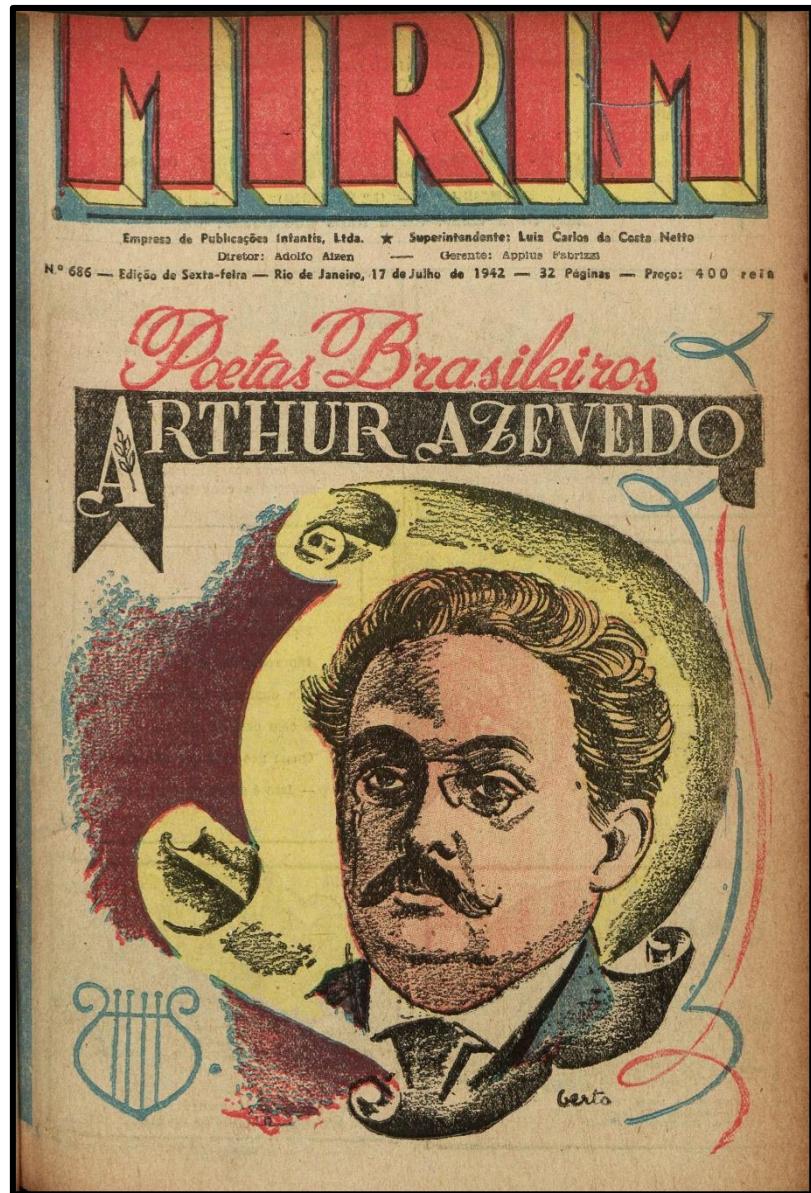
<sup>71</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 12 jul. 1942.

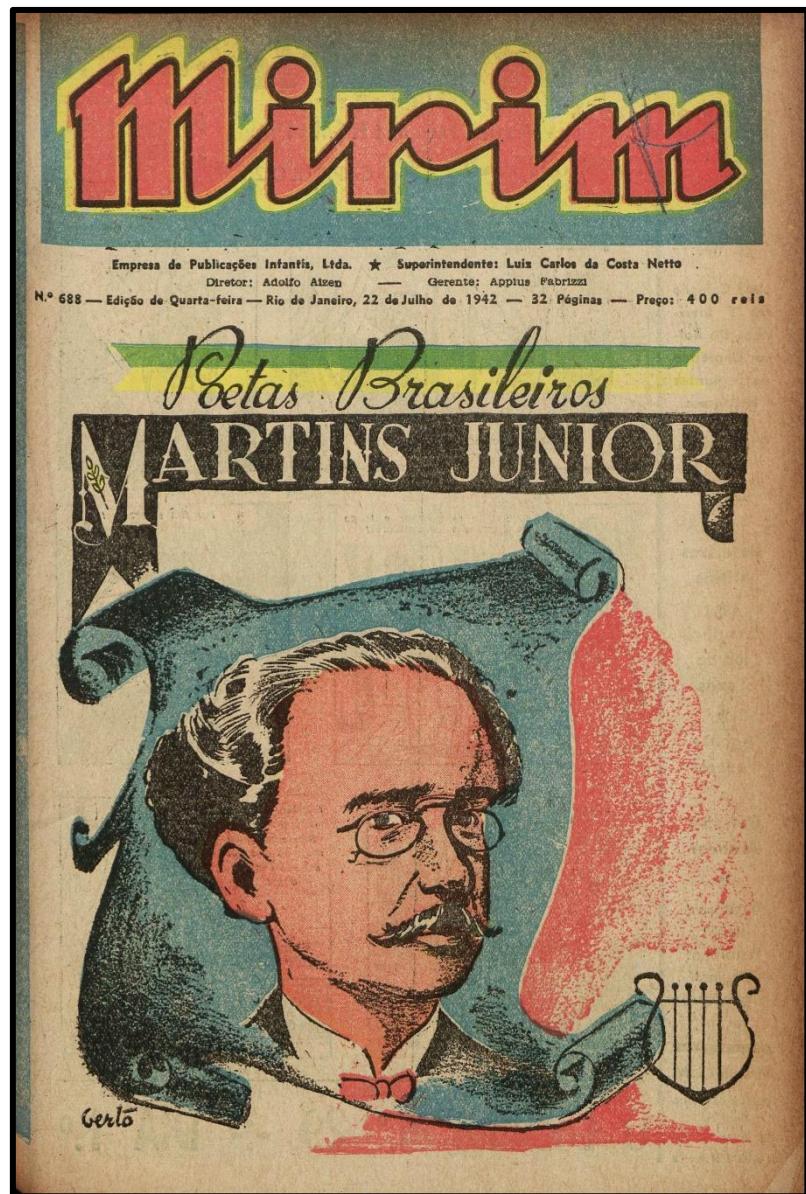
<sup>72</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 jul. 1942.

<sup>73</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 22 jul. 1942.









Intitulado “o poeta do desespero”, figurou nas páginas da *Mirim*, o escritor Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, em cuja obra era refletido “o sofrimento de um homem, e não absolutamente uma pretensão literária, ou o devaneio de um espírito claro, despreocupado, amoroso”, tornando-se sua obra poética “um pessimismo doloroso”, sendo acusado “de ter cheiro de necrotério”, pois ele “negava a amizade, a esperança” e “tudo”, ao passo que, “quanto mais sofria, mais poderosos se tornavam os seus versos”<sup>74</sup>. Da época colonial, foi enfatizada a ação de Cláudio Manoel da Costa, “o poeta inconfidente”, a respeito do qual foi tecida a consideração de que “não foi propriamente um grande poeta”, tendo feito “poesia sem emoção grande nem profunda, versejando por versejar”, mas, “apesar de ser apenas um dilettante, e mesmo assim senhor da sua arte, compôs alguns sonetos verdadeiramente belos”, notabilizando-se “principalmente como lírico”, tornando-se um “delicado e terno poeta”<sup>75</sup>. Identificado como “o poeta da inquietação”, Hermes Floro Bartolomeu Martins de Araújo Fontes foi mais um poeta e cronista ressaltado pelo periódico, lembrado por sua “incurável melancolia”, versejando com um “fim dramático” e a partir da “inquietação que ia” no seu “coração atribulado”<sup>76</sup>. O literato e político Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, denominado de “poeta delicado do ‘Anjo enfermo’” também figurou na seção dedicada à intelectualidade, sendo qualificado como “um dos poucos no trato cotidiano, na sensibilidade e no talento”<sup>77</sup>.

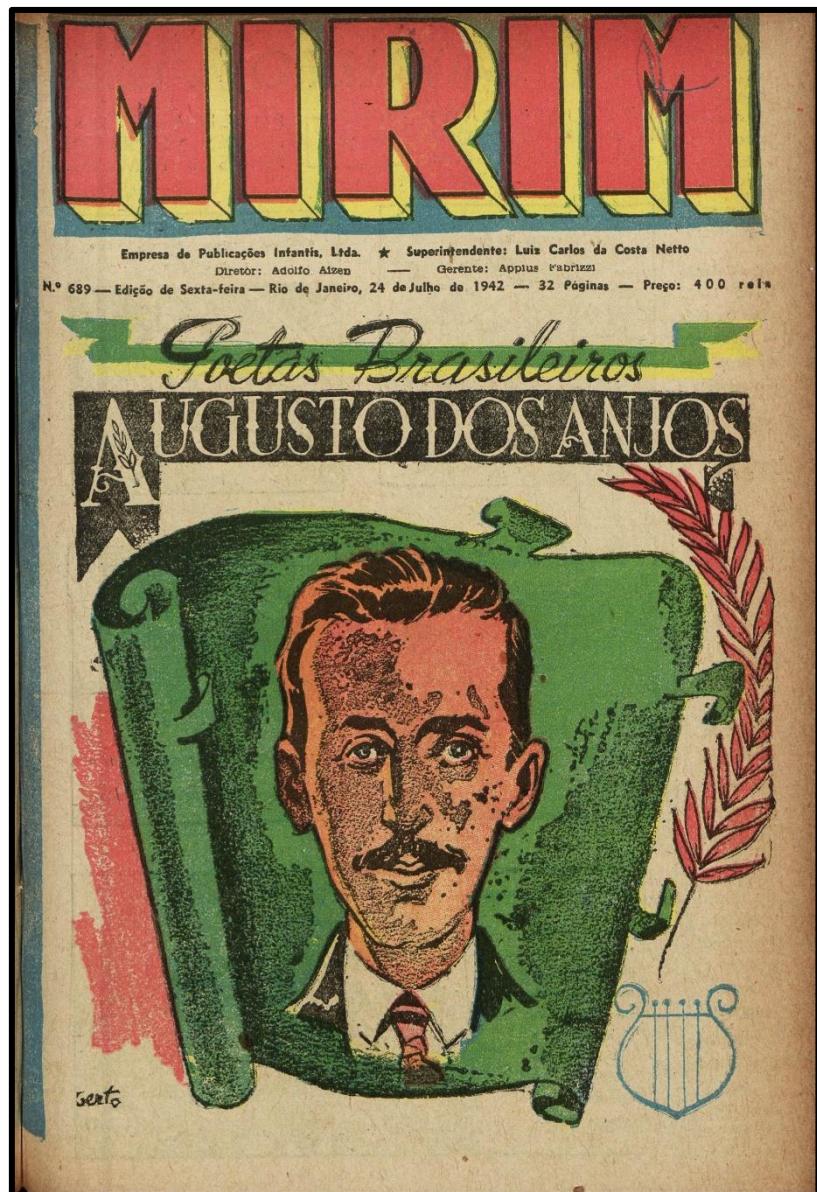
---

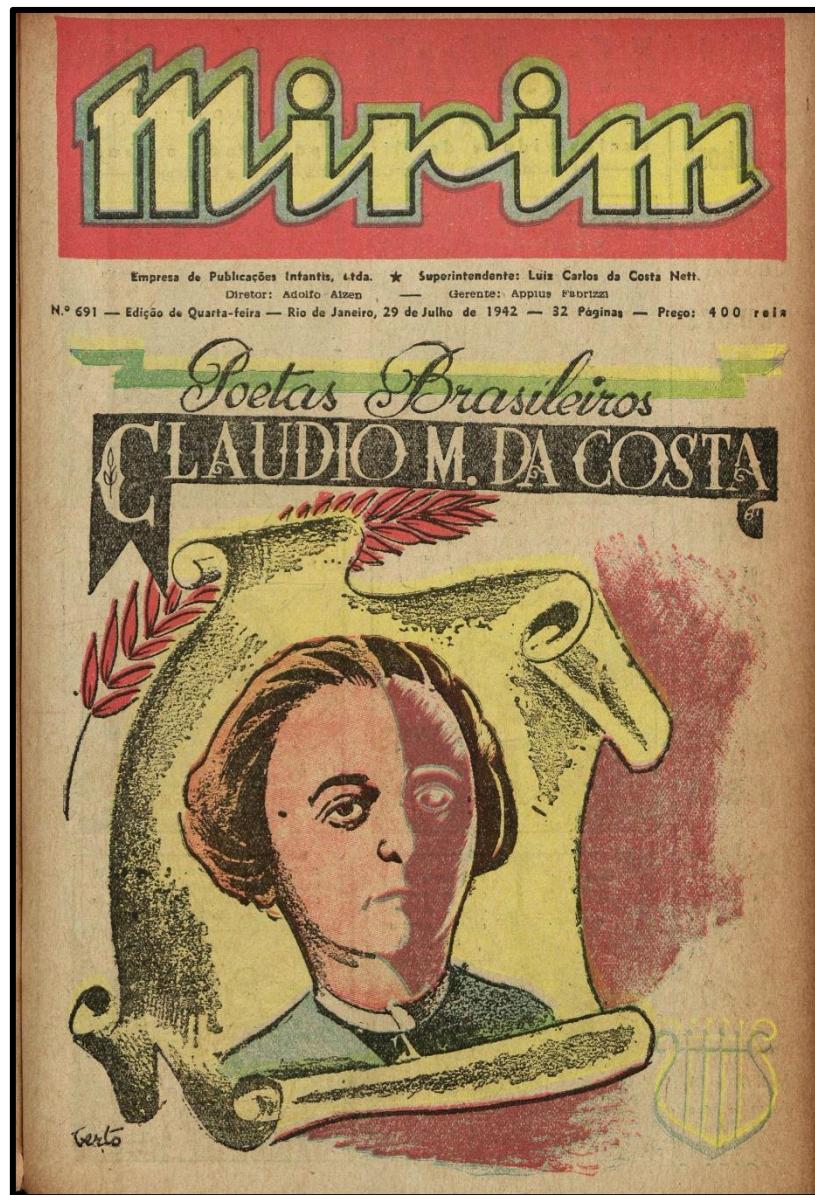
<sup>74</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 24 jul. 1942.

<sup>75</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 29 jul. 1942.

<sup>76</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 31 jul. 1942.

<sup>77</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 5 ago. 1942.









Retornando aos tempos coloniais, a revista infanto-juvenil rememorou o trabalho de Tomás Antônio Gonzaga, definido como “o poeta de Marília” e considerado como “o mais amoroso, talvez, dos poetas brasileiros, nas suas doces expansões”, sendo informado que, apesar de nascido em Portugal, tornara-se brasileiro “pelo coração”, tornando-se “um entusiasta em amor, como em patriotismo”<sup>78</sup>. O “forte e sadio poeta do otimismo” foi a forma de apresentação de Antônio Augusto de Lima, considerado como autor de uma “poesia vigorosa”, encontrando-se em seus versos “o sensato e encantador elogio do trabalho, do amor e da vida”, bem como “tomo o amor à terra em que nascera”<sup>79</sup>. Antônio Mariano Alberto de Oliveira, por sua vez, foi denominado de “voz do Brasil”, sendo apontado como o poeta “nascido para a glória mais alta”, refletindo em sua obra “a alegria fervorosa” dos “jovens, cheios de idealismo, de culto à forma e ao idioma e de amor à beleza”<sup>80</sup>. A lista de “Poetas brasileiros” foi encerrada com Afonso Henrique da Costa Guimarães, conhecido como Alphonsus de Guimaraens, intitulado como “o lírico do céu”, que produzira uma “grande poesia”, qualificada como uma “das mais melodiosas em nosso idioma”, refletindo em seus versos um “mundo de mistério e beleza”<sup>81</sup>.

---

<sup>78</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 7 ago. 1942.

<sup>79</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 12 ago. 1942.

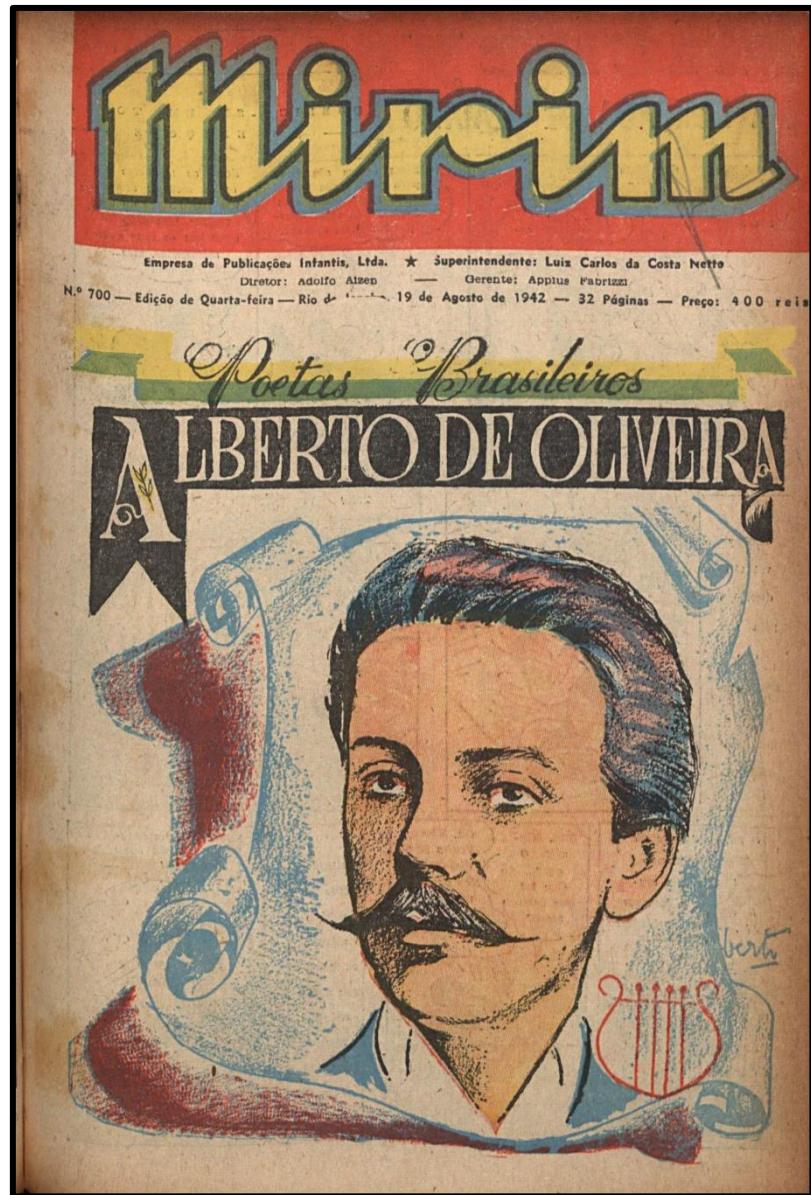
<sup>80</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 ago. 1942.

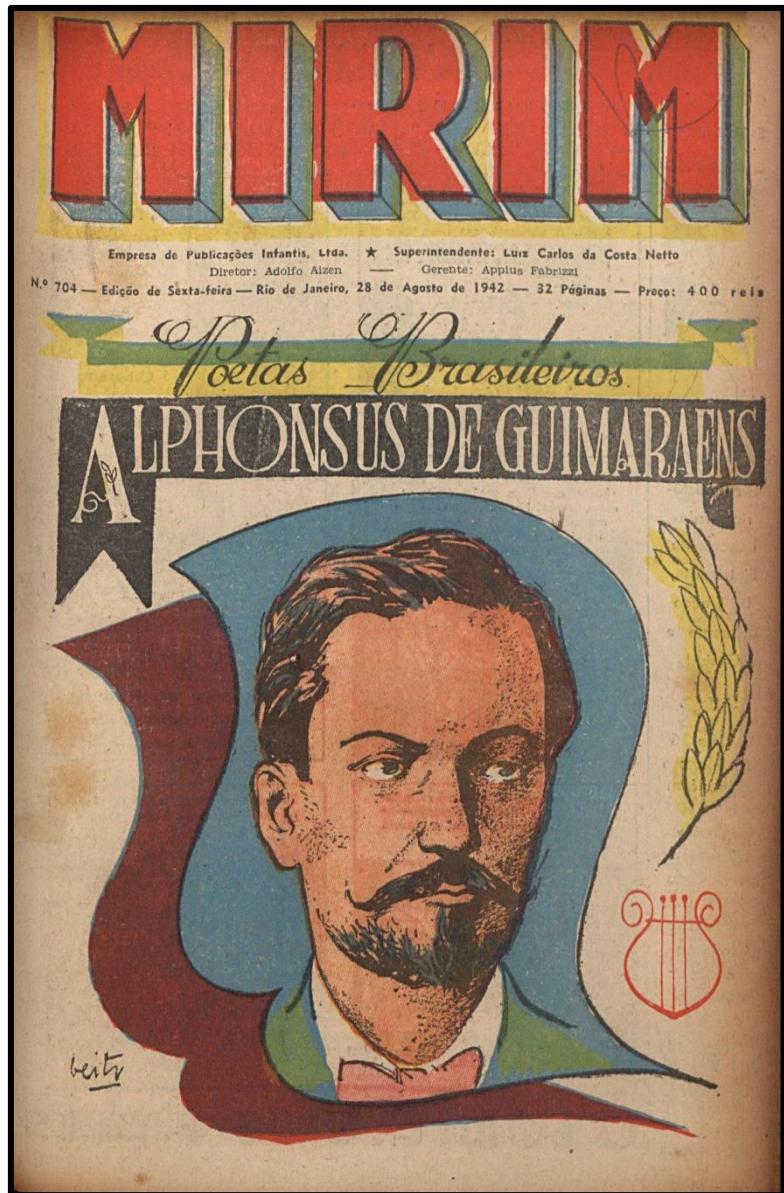
<sup>81</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 28 ago. 1942.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES









Ainda no que tange à intelectualidade, a revista *Mirim* preparou a seção “Jornalistas do Brasil”, projeto que se restringiu a uma única edição, que versou sobre Evaristo Ferreira da Veiga e Barros, descrito como “uma vida inteiramente dedicada ao serviço da pátria” e chegando a ser chamado de “o maior homem do seu tempo”, ao tornar-se “o princípio do jornalismo da época da libertação da terra brasileira”, agindo como “um exemplo incontestável da força de vontade” até chegar a atuar como um “articulista brilhante”, agindo em prol do “amor à terra natal” e a lutar, “sempre, incansavelmente, pelo engrandecimento moral e material do Brasil, não recuando diante de ameaças” e “fustigando os inimigos ocultos da nacionalidade”, vindo a ser “um exemplo para a juventude brasileira, e dos maiores, dos mais legítimos”<sup>82</sup>. Uma seção educativa foi outro segmento que serviu para o enaltecimento dos intelectuais, como foi o caso do escritor Gonçalves Dias mais uma vez destacado pelo periódico, que o apresentava como “o poeta das palmeiras”, levando em conta a abordagem de tal tema expresso em um de seus mais conhecidos poemas<sup>83</sup>. O amor pela natureza foi igualmente abordado na obra do “poeta errante”, Fagundes Varela<sup>84</sup>. A abordagem recaiu também sobre Álvares de Azevedo, considerado como “um dos maiores poetas da nossa fase romântica”<sup>85</sup>. Ainda no campo escolar, a ênfase recaiu sobre a ação abolicionista por meio da poesia realizada por Castro Alves<sup>86</sup>.

---

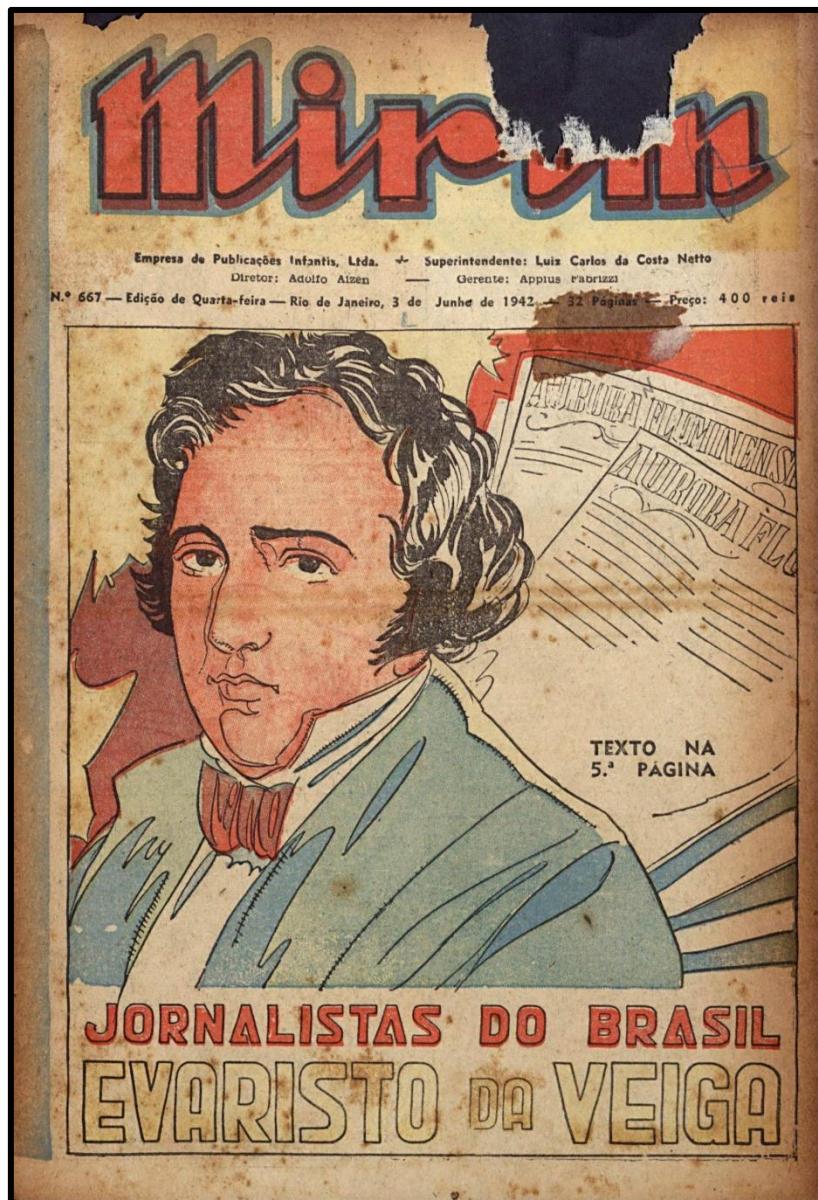
<sup>82</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 3 jun. 1942.

<sup>83</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 7 ago. 1942.

<sup>84</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 2 set. 1942.

<sup>85</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 28 abr. 1944.

<sup>86</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 14 maio 1944.



## MIRIM EDUCATIVO

## Página Organizada Por Técnicos De Educação

# O Poeta Das Palmeiras

## 5.<sup>a</sup> série — 2.<sup>º</sup> período

**N**o sítio Boa Vista, na vila de Caxias, no Maranhão, nascido em 10 de agosto de 1823 um menino que se chamou Antônio Gonçalves Dias.

Era pobrezinho e foi criado longe das vistas do palácio, que era o seu lar. Tinha de fugir para causar das lutas da Independência, mas conseguiu voltar com os amigos, quando o menino não tivera sorte com os portugueses, sentiu-se triste, feliz, pois, depois de moço, falava com infinita saudade de sua infância. E' que nasceu poeta e costumava brincar num veredinho paralelo para sua imaginacão ardente.

Brincava o Menino Diário que multidão de troncos altos que abandonaram milhares de árvores e ramos. Foram as palmeiras, sem dúvida, as mais constitutivas das panelheiras de brinquedo desse menino triste do sertão maranhense. Pois o amor que teve pelo Exílio é permanente até o morrer. Quando na "Canção do Exílio" quis provar a sua amura, que mal se suportava, nem sequer fez, que sua terra "tinha palmeiras".

Hoje, elogio mais bonito e conmovedor ao Brasil:

"Minha terra tem palmeiras,  
onde canta o sabiá.  
Não permita Deus que eu morra  
sem que eu volte para lá;  
sem que inda aviste as palmeiras  
onde canta o sabiá".

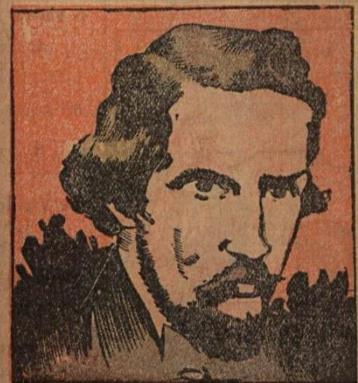
Gonçalves Dála voltou e reviu as suas palmeiras. Mas não morreu à sombra delas. Voltou a terras estranhas. E um dia a saudade surgiu de novo. Que pode estar em pouco tempo a saudade de uma vida inteira?

— Vou para casa — disse Gonçalves Dála.

Mas a malas de ligeiro, chamando por ele Etirol, não acenava amorsamente, para vijar.

As palmas de seu torão natal acenavam amorsamente, chamando por ele Etirol, forças para emprenhar uma viagem horrível. O amor à guerra é sempre o amor ao desventuroado, seguindo-o quando do fundo do mar o desventurado pesta.

A palmas continuam acenando alegremente. E a sombra do poeta vive confundida com a sombra retinente das palmeiras.



*Minha terra tem palmeiras  
onde canta o sabiá.  
As aves que aqui gorjeiam  
não gorjeiam como lá.*

Nosso céu tem mais estrelas,  
nossas varzeas tem mais flores,  
nosso bosques tem mais vida,  
nossa vida mais amores.

Minha terra tem primores  
que tais não encontro eu cá;  
em císmar sozinho, à noite,  
mais prazer encontro eu lá.  
Minha terra tem palmeiras  
onde canta o sabiá.

Gonçalves Dias é também o autor da "Canção do Tamoio", que todo menino devia saber de cor, pela lição de valor, energia e coragem que encerra:

"Não chores, meu filho,  
não chores, que a vida  
é luta renhida:  
viver é lutar!  
A vida é combate  
que aos fracos abate,  
que os fortes, os bravos  
só pode exaltar."

~~Y~~ ~~I~~ ~~X~~ ~~E~~ ~~S~~ ~~T~~ ~~A~~ ~~R~~ ~~P~~ ~~S~~ ~~S~~ ~~X~~ ~~E~~ ~~P~~ ~~S~~ ~~E~~

**MIRIM EDUCATIVO**

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

5.ª série — 2.º período  
(Literatura — estimular o gosto da leitura de boas obras)

## O Poeta Errante



**H**O UVE um poeta brasileiro que era admirado em todos os salões, que brilhava onde aparecia, e poderia levar vida invejável no conforto da cidade e ser amigo de pessoas ilustres, ricas e poderosas

E, no entanto, preferia andar pelos campos e pelas matas, ser amigo da gente simples, dos pobres, dos escravos e dos tropeiros. Cantava a paz e a ventura dos serões, o mar e o céu azul. Não queria um leito macio e abrigado, dentro de uma casa nobre e rica. Pedia, nos seus versos admiráveis:

"faze-me um leito à margem das cataratas ou nas alfombras úmidas e gratas de recôndita gruta..."

Como Gonçalves Dias, ele amava a natureza do Brasil e nada, para ele, tinha mais doçura que um canto de sabiá:

"Serão de mortos anjinhos o cantar de errantes almas dos coqueiros florescentes, a brincar nas verdes palmas, estas notas maviosas que me fazem suspirar?

São os sabiás que cantam nas mangueiras do pomar!

Serão os gênios da tarde que passam sobre as campinas, cingindo o colo de opálias e a cabeça de neblinas e fogem, nas harpas de ouro mansamente a dedilhar?"

São os sabiás que cantam antes da noite baixar..."

O amor à natureza e às coisas do Brasil que inspirou ao poeta o suavíssimo poema — "Evangelho nas selvas", em homenagem a José de Anchieta. Não podia ser mais amigo de sua Pátria do que glorificando em versos aquele professor de bugres, que foi poeta como ele e que aperfeiçoou, com suas mãos de artista de Deus, à alma simples de nossa boa gente.

Esse poeta, que partilhou com Castro Alves, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias a glória da maior popularidade, chamou-se Fagundes Varela e morreu em plena juventude. Se estivesse vivo, completaria no dia 16 de agosto 101 anos.



NÚMERO 706 — MIRIM — PÁGINA 4 • Rio de Janeiro,  
de Setembro de 1941

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

### O Poeta Manuel Antônio

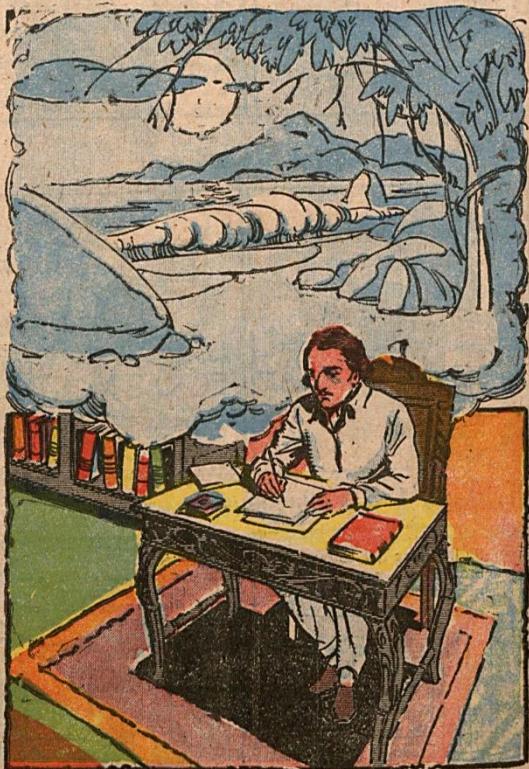
**N**o número 2 da rua do Infante, hoje rua Dois de Dezembro, no Rio de Janeiro, um moço de 20 anos, depois de 45 dias de sofrimentos, chamou a mãe, "beijou-a muito, disse-lhe que estava melhor e pediu-lhe em segredo que se afastasse, queria dormir..." Logo depois, recostando-se no braço do irmão, beijou a mão do pai, olhou-o longamente e disse as últimas palavras de sua vida breve: "Que fatalidade, meu pai!"

Chamava-se Manuel Antônio Álvares de Azevedo e era poeta, um dos maiores poetas da nossa fase romântica. Nasceu em São Paulo na sala da biblioteca de seu avô materno, o conselheiro Silveira da Motta. E, sem dúvida, tendo nascido no ambiente dos livros, a paixão das letras havia de marcar a sua

viagem desventurada. Sua morte ocorreu na data de ontem do ano de 1852, tendo nascido a 12 de setembro de 1811. Pode-

se dizer, entretanto,

que ele já esperava pela morte há muito



MIRIM EDUCATIVO Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

# PARA O ALBUM ESCOLAR

## 10 O Escravo

O MAIS ardente advogado do escravo no Brasil foi um poeta, que morreu aos 24 anos, mas deixou os mais altos poemas que se tem escrito no mundo sobre o direito do povo negro à liberdade humana. Não é preciso dizer que esse poeta foi Castro Alves. Ele não se contentou em pintar o sofrimento do cativeiro com as cores mais impressionantes. Fez um continente inteiro, a desventurada África, levantar os braços de gigante acorrentado e clamor a Deus pelo destino de seu povo, mais negro que a própria pele:

Senhor Deus! onde estás, que não respondes?  
Em que mundo, em que estrela tu te escondes,  
Embuçado nos céus?  
Ha dois mil anos te mandei meu grito  
Debalde corro então todo infinito...  
Onde estás, Senhor Deus?



Você, com certeza, conhece a mais bela estrofe feita à bandeira do Brasil. Ela tem um verso que é considerado o mais lindo de toda a nossa literatura e que foi inscrito em letras de ouro à entrada da Academia Brasileira, depois de um concurso famoso:

**"Ari-verde pendão de minha terra..."**

Pois bem, o que você talvez não saiba é que esse verso, sendo o mais belo elogio à nossa bandeira, é a sua mais terrível acusação, por acobertar o regime do cativeiro no Brasil:

ÚMERO 971 — MIRIM — PÁGINA 20 • Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1948

# MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

"Existe um povo que a bandeira empresta  
Pra cobrir tanta infâmia e covardia!  
Meu Deus, Meu Deus! Mas que bandeira é esta,  
Que impudente na gávea tripudia?  
Silêncio, Musa... chora, o chora tanto  
Que o pavilhão se lave no teu pranto!..."

"Auri-verde pendão de minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte, que a luz do sol encerra  
E as promessas divinas da esperança...  
Tu que, da liberdade após "a guerra,  
Foste hasteado dos heróis na lança,  
Antes te houvessem rota na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!..."



Infelizmente o poeta não viveu para assistir 'a vitória de seu ideal: o pavilhão lavou-se de sua mancha no dia 13 de Maio de 1888. E, sem dúvida, foi nas lágrimas de sua musa, como queria o poeta, pois este poema era recitado nos quatro cantos da pátria e a todos arrebatava e comovia. Chamava-se "Navio negreiro".

Depois de Castro Alves, o poeta que fez os mais lindos versos sobre o escravo, foi Ciro Costa, nascido na cidade paulista de Limeira, a 18 de Março de 1879 e falecido no Rio de Janeiro, a 22 de Junho de 1937, deixando um livro póstumo chamado "Terra prometida". Seu soneto sobre Pai João, figura simbólica do negro velho martirizado no Brasil, foi suficiente para tornar o seu autor conhecido e admirado em todo o país.

Mirim tem o prazer de reproduzir, hoje, este soneto, para o seu álbum escolar:

## O ESCRAVO



Do taquaral 'a sombra, em solitária furna,  
(Para onde, com tristeza, o olhar curioso alongo)  
Sonha o negro, talvez, na escuridão noturna,  
Com os límpidos areais das solidões do Congo.

Ouve-lhe a noite a voz tristíssima e soturna,  
Num profundo suspiro, entrecortado e longo.  
É o ronco, surdo som, zumbindo na cofurna,  
É o urucungó a gemer na cadência do jongo.

Bendito sejas tu, a quem, certo, devemos  
A grandeza real de tudo quanto temos!

Sonha em paz! Sê feliz! E eu que fique de joelhos:  
Sob o fúlgido céu, a relembrar maguado,  
Que os frutos do café são glóbulos vermelhos  
Do sangue, que escorreu do negro escravizado!

Rio de Janeiro, 14  
de Maio de 1944

— MIRIM — PÁGINA 21 • NÚMERO 971

O escritor Euclides da Cunha também compôs o rol de autores laureadas pela revista, com a constatação de que “não há exemplo de brasileiro que possa superá-lo em mérito intelectual, moral e cívico”, sendo seu livro *Os sertões* apontado como o “maior livro brasileiro, verdadeira epopeia da terra selvagem da América”, qualificado igualmente como “um padrão de superioridade moral, de paixão patriótica” e “de bondade humana”, recaindo o estudo de caso expressos nas páginas do magazine infanto-juvenil no “paralelo” traçado “entre o gaúcho e o vaqueiro do norte, ou jagunço”<sup>87</sup>. O segmento educativo serviu para novamente ressaltar a ação de Tomás Antônio Gonzaga, na direção de homenagear “o bicentenário de um poeta inconfidente”<sup>88</sup>. Em outra seção intitulada “Seleta *Mirim*”, a publicação apresentava “um grande poeta”, em referência a Ricardo Mendes Gonçalves, apontado como “um dos maiores poetas do Brasil”, de modo que a revista, “sempre fiel ao programa de chamar a atenção para as belas coisa e os brilhantes nomes das letras, da ciência e das artes do Brasil”, prestava “uma homenagem ao desdito poeta”<sup>89</sup>. Outra celebração recaiu sobre o nome de Casimiro de Abreu, já destacado em “Poetas do Brasil”, cuja obra foi enaltecida pelo agrado que trazia ao público infantil, tanto que a matéria era intitulada como “O poeta do povo e das crianças”<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 13 ago. 1944.

<sup>88</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 set. 1944.

<sup>89</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 13 out. 1944.

<sup>90</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 20 out. 1944.

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

### Cenversas Escoclares

51

*Uma Página De  
Euclides Da Cunha:  
"O Jagunço e o Gaúcho"*

ASSOU-SE, ontem, o aniversário da morte de Euclides da Cunha. Fez justamente 26 anos que morreu tragicamente aquele que "conquistara os mais sagrados direitos ao triunfo e à vida" como escreveu João Luso, uma semana depois de sua morte.

Em verdade não há exemplo de brasileiro que possa superá-lo em mérito intelectual, moral e cívico. Euclides da Cunha não foi sómente o autor do maior livro brasileiro, verdadeira epopeia da terra selvagem da América — "Os Sertões". Foi um padrinho de superioridade moral, de paixão patriótica, de bondade humana. São muitos os episódios emocionantes de sua vida que dão a

medida da elevação de sua alma.

Amava a terra e o

de engenheiro geógrafo pela selva amazônica, ou em missões de sim-

de um zelo e de uma dedicação inexcedíveis. Tudo sacrificou — saúde, conforto, alegria, convívio com os seus, a mocidade inteira, por bem do Brasil.

Quanto à sua obra, acaba de ter a consagração universal. "Os Sertões" foram traduzidos para o inglês e publicados nos Estados Unidos. A impressão geral dos críticos é a de que se trata de uma das maiores obras de toda a humanidade, verdadeira epopeia do Novo Mundo, comparável às obras de Homero, Dante, Virgílio e Gamôes.

Em homenagem a tão insigne brasileiro, Mirim, reproduzirá algumas páginas, relacionadas com o estudo do gado que vem fazendo conforme lhe prometeu,



homem do nosso sertão, ples reporter pelos ser-  
com os extremos de um tões convulsionados de  
apóstolo. Em serviços Canudos, na Bahia, foi

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

Fazendo o paralelo entre o gaúcho e o vaqueiro do norte ou jagunço, Euclides disse que aquele, vendo este em hora de descanso, teria pena. Porque o vaqueiro do norte é a sua antítese, isto é, o seu oposto. O primeiro, filho dos plainos (ou planícies) sem fins, afetos às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheiresca e atraente. A luta pela vida não lhe assume o carácter selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruéis com a terra árida e excida (ressequida). Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sois bravios do Equador.

Não tem no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tornando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza desbravante que o aviventa; e passa pela

vida, aventureiro, jovial, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as disparações, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros palpitando os ventos, o pala in-

novos), no galope fechado ou no corsavear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas (matos baixos e intrincados). O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaracado nos esgalhos das árvores garrachentas. E, rom-

abas flexíveis, e tendo à cinta, rebrilhando, a pistola e a faca — é um vitorioso jovial e forte.

...O vaqueiro ou jagunço criou-se em condições opostas, em uma intermitência de horas felizes e horas cruéis, de abastança e misérias — tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol, arrastando de envelha, períodos sucessivos de devastações e desgraças.

Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o logo, intercalando-lhe a gru- ras nas horas festivas da infância, o espantilho das secas no ser-

tão...

Fez-se forte, esperito, resignado e prático...

Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta, apertado no eclete também de couro; as perneiras de couro curtido ainda; resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado — é esmo a forma rústica de um guerreiro medieval...

O gaúcho, o peleador valente, é, certo inimitável numa carga guerreira... O jagunço é menos teatralmente heróico: é mais tenaz e mais resistente, é mais perigoso, é mais forte, é mais duro...



paravel, como uma flâmina festivamente desdobrada.

As suas vestes são um trajo de festa, anto a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas bombachas, talhadas para a movimentação fácil sobre os baguais (cavalos

pendo pelas coxilhas arrastada

mente na marcha do redemoinho desenofrido, calçando as largas botas russilheras, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de seda, encarnado, ao pescoço, coberto pelo sombreiro de enormes

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

### Conversas Escolares

67

#### O BI-CENTENÁRIO DE UM POETA INCONFIDENTE



Tomás Antônio  
Gonzaga se ba-  
chareiou em  
Coimbra, no  
ano de 1768.

MAIS impressionante revolta do Brasil colonial contra o domínio português foi a chamada Inconfidência Mineira. Nela tomaram parte, além da figura principal — o Tiradentes, cujo heroísmo e martírio tem empolgado e comovido tantas gerações de brasileiros — homens de considerável valor intelectual como sacerdotes e poetas. Estes últimos eram em número de quatro: Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga, e Alvarenga Peixoto, todos excelentes poetas.

Em Vila Rica,  
onde era magis-  
trado, Tomás  
Antônio Gonza-  
ga conheceu  
D. Maria Joa-  
quina Dorotéia  
de Seixas Bran-  
dão, moça lin-  
dissima, por  
quem se apa-  
ixonou.



Destaca-se entre todos pela história romântica o primeiro deles: Tomás Antônio Gonzaga, cujo bi-centenário foi festiado solenemente a 11 de Agosto passado, em Ouro Preto, terra em que foi tão infeliz e de que foi exilado para toda a vida.

Gonzaga era homem culto, formado em Coimbra e magistrado (isto é, juiz) em Ouro Preto. Suas poesias de amor, dedicadas à noiva, D. Maria Dorotéia de Seixas, são célebres. Até hoje figuram nas seletas e foram publicadas com o nome de láras: seu livro tem o título de

**MIRIM EDUCATIVO**

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação



**Tomás Antônio Gonzaga** foi preso como implicado no movimento da Inconfidência Mineira, processado e condenado a degredo.

"Marília de Dirceu". Marília era o nome que ele dava à Maria Doroéia e Dirceu era o seu próprio pseudônimo como poeta, pois, que o nome de Tomás Antônio Gonzaga ele só usava nas suas sentenças de juiz e em outros documentos.

Diz a história que Gonzaga não tinha grande culpa na conjuração e ele próprio o negou. E, caso extraordinário, ele não era amigo de Tiradentes, por causa de uma questão judicial e a-pesar-disso, na hora tremenda da descoberta da inconfidência em que a vida de todos estava ameaçada, Tiradentes defendeu-o com a maior lealdade e, por essa razão, salvou-o da morte.

Isto prova o caráter puro do nosso máximo herói. Podendo comprometer o seu inimigo com uma só palavra, falou em seu favor e marcou para a morte sozinho. Gonzaga, porém, não escapou de uma pena cruel: foi, a princípio, condenado à prisão em Angola, na África, e depois ao degredo em Moçambique. Sorte semelhante tiveram os outros poetas e demais inconfidentes. Só Cláudio Manuel da Costa não seguiu para o degredo porque se enforcou na prisão.

Na hora de partir para o horrível degredo, o poeta mandou propor à noiva de se

são em Angola, na África, e depois ao degredo em Moçambique. Sorte semelhante tiveram os outros poetas e demais inconfidentes. Só Cláudio Manuel da Costa não seguiu para o degredo porque se enforcou na prisão.

"Gracas, Marilia bela,  
Gracas à minha estrela!"

Marília foi fiel à sua memória, não aceitou nenhum casamento e faleceu com cerca de 80 anos, cultivando as recordações de seu amor desventurado.



Tomás Antônio Gonzaga, tal como o pintor estampas de época.

MIRIM — PÁGINA 25 • NÚMERO 1025

**MIRIM EDUCATIVO** Página Organizada Por  
Técnicos De Educação



SELETA "MIRIM"

# UM GRANDE POETA

No dia de hoje, precisamente há 28 anos, morria de maneira trágica em São Paulo um dos maiores poetas do Brasil: Ricardo Gonçalves. Pouco conhecido no resto do país, era justamente admirado e querido naquela cidade onde nascerá a 8 de Agosto de 1883.

Tanto para a prosa como para o verso, era excepcional o talento de Ricardo Gonçalves. Desde os anos da adolescência, em que cursava a Faculdade de Direito, Ricardo se distinguiu de seus colegas pela sua arrebatadora eloquência e pela sua inconfundível e deliciosa poesia. Até hoje, e são passados quase 30 anos que ele faleceu, se recitam em São Paulo primores de sua autoria como o célebre sonetinho, que é uma

ANTONIO  
1934

NUMERO 1025 — MIRIM — PAGINA 24 • Rio de Janeiro, 18  
de Outubro de 1944



Além das sessões especiais, a *Mirim* realizou várias inserções avulsas de natureza biográfico-exortativa. Foi o caso dos quadrinhos abordando a vida de Floriano Peixoto<sup>91</sup>, matéria que viria a ser reproduzida no segmento “Os grandes homens do Brasil”. Ao fazer propaganda da *Suplemento Juvenil*, apresentou Gonçalves Dias, “o poeta da raça”, Maria Quitéria, “heroína da Guerra do Paraguai”, Rodrigues Alves, autor de uma “frase histórica brasileira” e Deodoro da Fonseca, proclamador da República<sup>92</sup>. D. Pedro II, denominado de “rei-filósofo, que morreu de saudade” de seu país, foi homenageado no cinquentenário do seu falecimento<sup>93</sup>. O sacerdote e político Romualdo Antônio de Seixas foi enaltecido como “uma cultura brilhante a serviço de uma inteligência invulgar”, um “nome respeitado”, com “a fama de seu talento e principalmente de suas virtudes”, que lhe deixou “coberto de glórias”, vindo a “ser considerado como um dos brasileiros mais piedosos e retos”<sup>94</sup>. O ex-Presidente da República Epitácio Pessoa recebeu homenagem póstuma, sendo denominado de “um brasileiro ilustre”, de “grande figura do Brasil contemporâneo” e “um dos maiores vultos” brasileiros<sup>95</sup>. O político Inácio Antônio de Assis Martins, Visconde de Assis Martins, abordado na forma de quadrinhos, foi considerado como “um dos mais ilustres estadista do II Império”, portador de “inteligência lúcida” e “cultura notável”, além de “eminente brasileiro” e um dos “maiores filhos da pátria”<sup>96</sup>.

---

<sup>91</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 10 maio 1939.

<sup>92</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 18 jun. 1939.

<sup>93</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 7 dez. 1941.

<sup>94</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 4 fev. 1942.

<sup>95</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 1º mar. 1942.

<sup>96</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 1º abr. 1942.

# MARECHAL O Consolidado Da Republica

**FLORIANO PEIXOTO**

**1 —** O brasileiro que deu nome à capital de um Estado (o de Santa Catarina), tem uma estátua na avenida Rio Branco e chegou à Presidência da República, nasceu pobre, muito pobre. Seus pais tiveram dez filhos. Ele foi educado por um tio e padrinho que o tratava com todo respeito.

**2 —** Sua infância passou-se na fazenda desse tio, o coronel José Vieira de Araújo Peixoto. Chamavam "Engenho do Riacho Grande", e ainda hoje existe em Ipojuca, Estado de Alagoas. Ali começou seus estudos em um professor particular, progredindo bastante desde aquela primaridão.

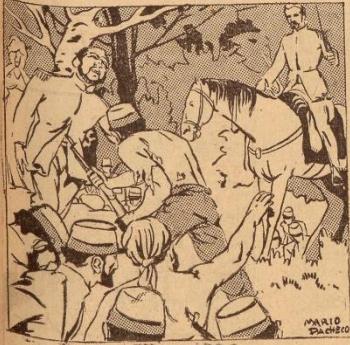
**3 —** Quando, aos dezesseis anos, entrou para a carreira militar, Floriano Peixoto era um rapaz de extraordinária musculatura, tirando sempre o primeiro lugar em ginástica. Estudante alegre, tinha gosto para a pintura e sempre era escolhido para pintar os painéis de bocas do teatro.

**4 —** Pouco antes da guerra do Paraguai, estava Flávio Grande do Sul. Deu ordem: "Aposte!" Depois de "Fogo!" Era só um exerício e não devia haver fuzis, mas, por engano, todos estavam embatizados, riano, em frente à tropa, escapou milagrosamente.

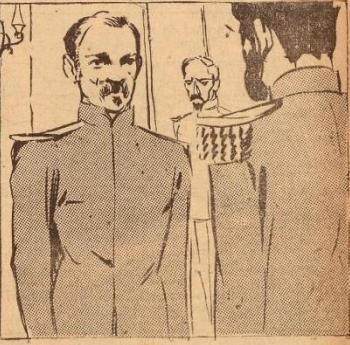
NUMERO 181 — MIRIM — PAGINA 28 • Rio de Janeiro  
de Maio de 1938

# FLORIANO PEIXOTO

Texto do Professor Rafael Murilo ☆ Desenhos de Pacheco



5 — Toda a guerra do Paraguai, do primeiro ao último dia, teve a participação desse grande brasileiro. No dia em que Solano Lopez foi surpreendido pelas tropas brasileiras e morto em combate, Floriano estava presente. Foi testemunha, portanto, do fim da luta.



6 — Regressando ao Brasil, foi promovido a coronel e a general. Veio a propaganda republicana. Deodoro convidou-o para tomar parte no movimento. No dia 15 de novembro, deram ordem a Floriano para atacar os republicanos. Ele respondeu: "No Paraguai eu ataco adversários, aqui sou meuirmos."



7 — Ministro da Guerra, Senador, Vice-Presidente da República, teve de assumir a Presidência, por causa da renúncia de Deodoro. Era um homem tão escrupuloso que, recebendo uma carta de ameaça, quando lhe pediu que respondesse: "Volte depois que eu detatar a Presidência".

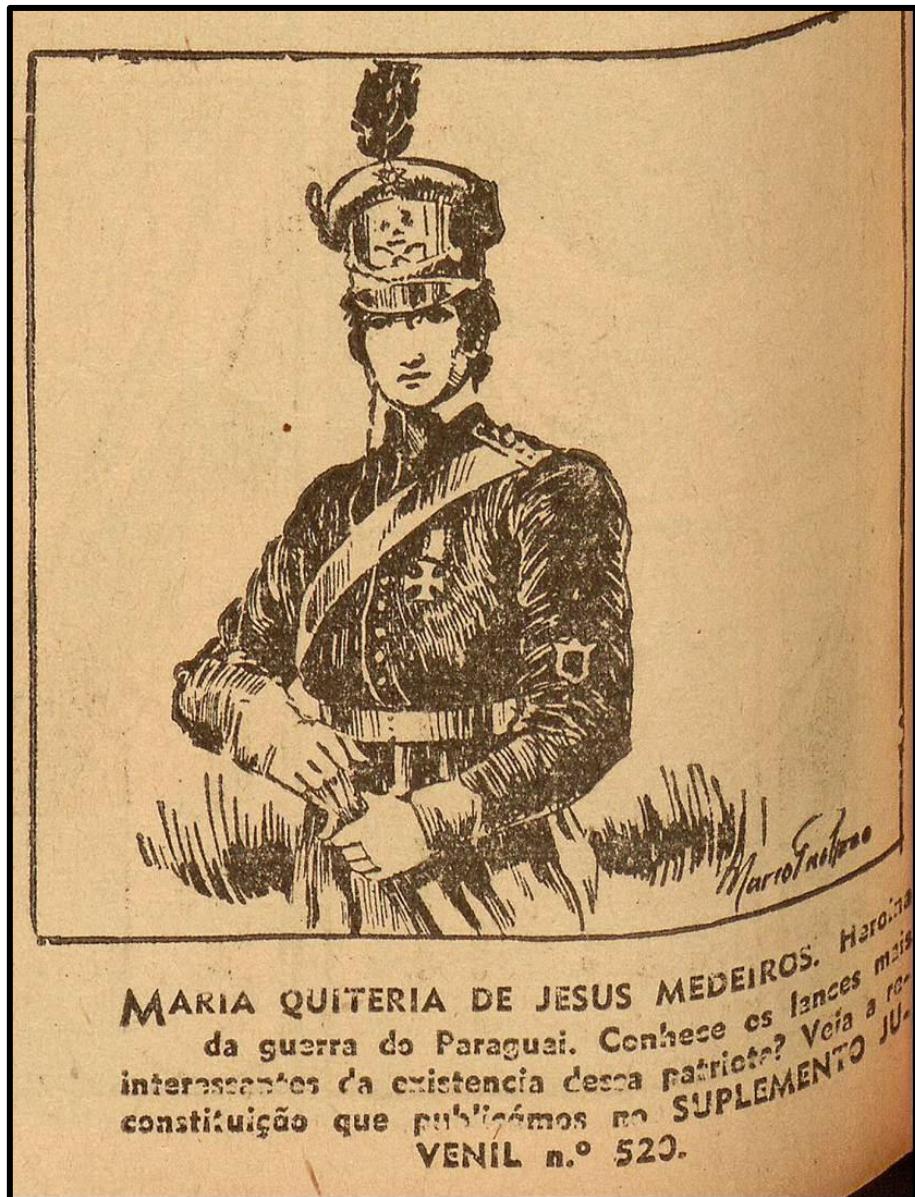
Esgotado pelos seus esforços na guerra do Paraguai e no governo, Floriano Peixoto adoeceu gravemente e morreu pouco depois. Seu corpo embalsamado esteve exposto durante um mês na Igreja da Cruz dos Militares e diante dele desfilou quasi toda a população carioca. Era a ultima homenagem do Brasil a um grande filho.



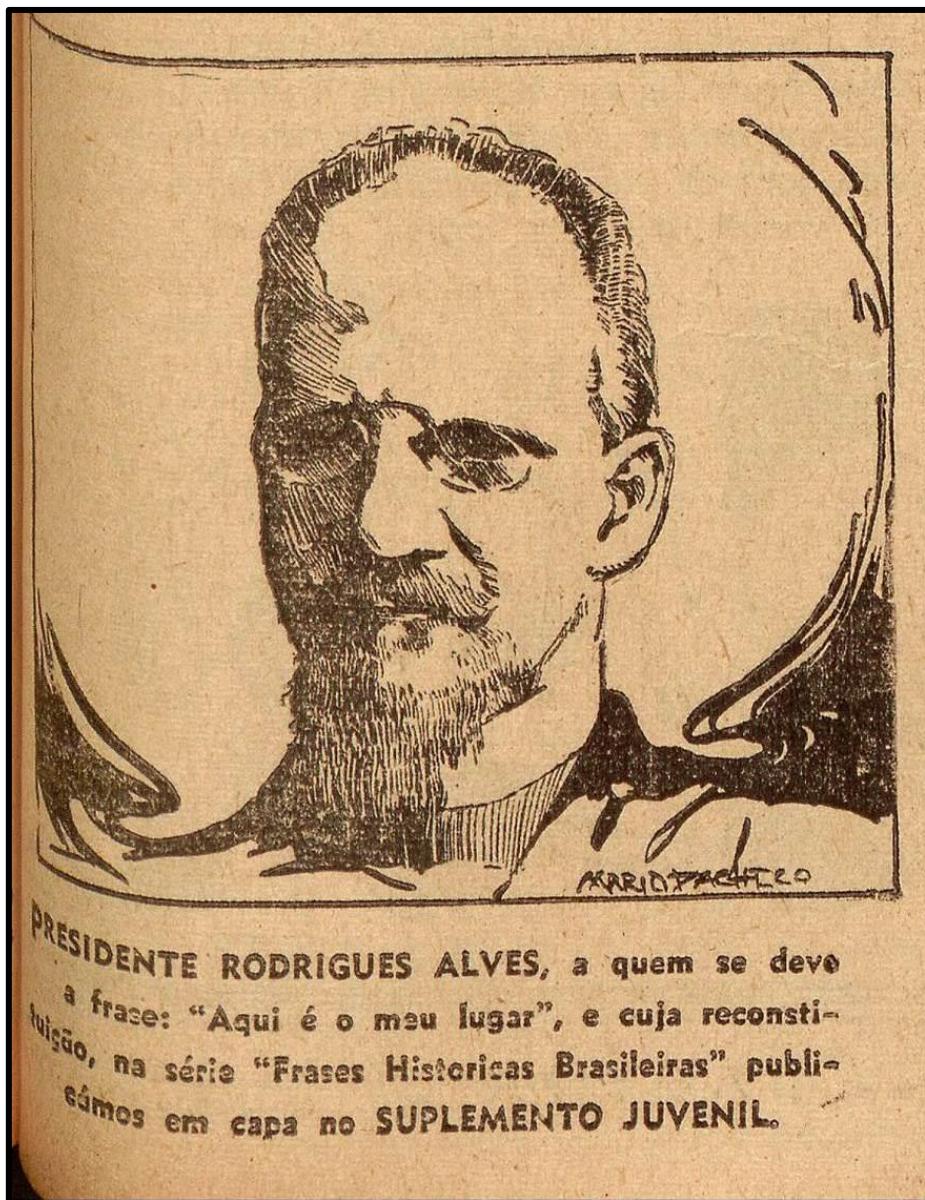
8 — Apesar dessa honestidade, Floriano tinha inimigos políticos. Houve uma grande revolução contra o seu governo. Floriano defendeu a ordem com tal encenação que ficou cheio de orelhas vermelhas. Foi assim que muitas das escolas se apresentaram para defendê-lo e fazia grandes manifestações quando ele ia visitar as fortificações, sob as baixas dos rebeldes.

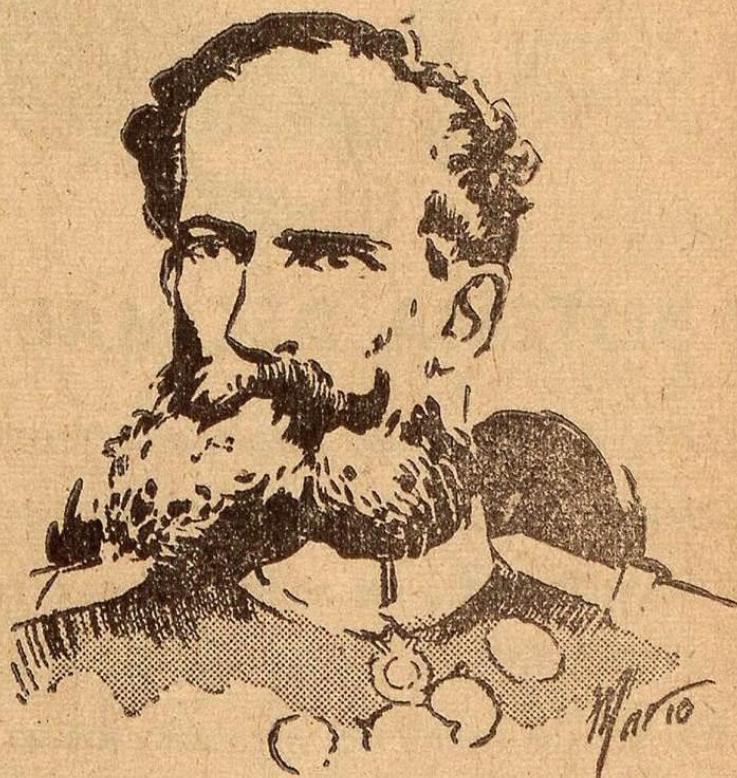
NUMERO 181 — MIRIM — PAGINA 29 • Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1939





MARIA QUITERIA DE JESUS MEDEIROS. Heroína  
da guerra do Paraguai. Conhece os lances mais  
interessantes da existencia dessa patriota? Veja a re-  
constituição que publicámos no SUPLEMENTO JU-  
VENIL n.º 520.





**MARECHAL DEODORO DA FONSECA**, proclamador  
da República Brasileira, cuja biografia, em  
quadrinhos, foi publicada na edição n.º 459 do  
**SUPLEMENTO JUVENIL**

# D. Pedro II, o Rei-Filósofo Que Morreu De Saudade

No Dia 5 De Dezembro, Ha Cinquenta Anos, Falecia  
Em Paris o Imperador Desterrado Do Brasil

**D. PEDRO** de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, segundo imperador do Brasil, nasceu no Rio de Janeiro, no palácio da Boa Vista (Quinta da Boa Vista), a 2 de dezembro de 1825 e faleceu em Paris a 5 de dezembro de 1891.

Imperador constitucional, sucedeu a seu pai, Pedro I, por abdicação deste, a 7 de abril de 1831. Declarado maior, tomou as rédeas do governo a 23 de julho de 1840. Casou por procuração em Nápoles, a 30 de maio de 1843, com a princesa Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon.

De esmerada educação, com uma cultura de artista e de sábio, foi Pedro II o mais ilustrado dos monarcas do tempo. Visitou por várias vezes a Europa. Amou extremamente o seu caro Brasil. Era versado em diversas línguas, inclusive o hebreico e o sanscrito.

Durante o seu reinado travou-se a Guerra do Paraguai, em que se revelou um chefe de Estado desveladíssimo, sempre junto dos soldados, consolando os feridos, animando a tropa, fornecendo-lhe todo o apoio moral e material.



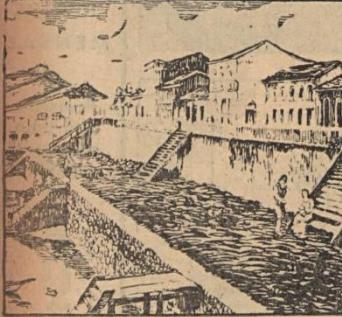
D. Pedro II

Conciente de que o Brasil tinha um caminho de glórias a vencer, nunca impediu a marcha do progresso de sua pátria

em proveito pessoal. Por mais que o pudesse a vir prejudicar a abolição dos escravos, como elemento de descontentamento dos fazendeiros, jamais lhe impidiu a propaganda, e rejugilou-se quando a princesa Isabel, regente durante uma viagem sua a Europa, em busca de saúde, libertou os cativos negros pela Lei Áurea.

Destronado por um golpe republicano, a 15 de novembro de 1889, foi exilado para a Europa, onde arrastou, compungido, a alma dolorida, a sua saudade imensa. Seu pensamento convergia a todo instante para a terra distante. Dois anos só viveu ainda. A saúde combalida e a idade avançada não puderam resistir por mais tempo à dor de se ver indesejável pelo governo novo da terra onde nasceu e que tanto elevara, durante o seu longo e esclarecido reinado.

**Uma Cultura Brilhante a  
Romualdo  
de Seixas**



**1** — Foi num ambiente muito pobre que nasceu, a 7 de Fevereiro de 1787, um menino batizado com o nome de Romualdo. Não só sua família era pobre, como também a vila de Cametá, no Pará, seu berço natal.

**2** — Aos sete anos, não podendo os pais cuidarem da necessária educação, foi o menino entregue ao tio, padre Romualdo de Sousa Coelho. Sua aplicação e comportamento desde logo deram lugar a merecidos elogios.

**3** — Enviado a um seminário, em Portugal, distinguiu-se muito pelo amor aos livros. Uma vez, na biblioteca do Convento, pediu um livro muito raro. E como se admirassesem, acrescentou: — "E pode ser em latim, francês ou italiano"...

**4** — Regressando ao Pará, aos 19 anos apenas, causou assombro por sua cultura. Convidaram-no para lecionar no seminário e ele foi sucessivamente professor de latim, retórica, filosofia e francês, com grande proveito.

NÚMERO 614 — MIRIM — PÁGINA 24

Rio de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1942

## Serviço De Uma Inteligência Invulgar

Legendas do Professor Rafael Murilo ☆ Desenhos de Rodolfo



5 — Lecionava ele no seminário, quando a corte portuguesa veio para o Brasil. Como prêmio aos seus merecimentos, o padre Romualdo foi nomeado para vir ao Rio de Janeiro, como vice-reitor, afim de cumprimentar o príncipe.



6 — Quando houve a guerra pela Independência do Pará. Romualdo já era um nome respeitado no Pará. Por esse motivo, sendo depositas as autoridades portuguesas, ele foi escolhido para fazer parte do governo provisório.



7 — Continuando sempre a crescer a fama de seu talento e principalmente de suas virtudes, D. Romualdo foi eleito deputado. Uma vez no Rio de Janeiro, a Câmara o homenageou, oferecendo-lhe a presidência.



8 — Não se esquecendo dos seus deveres de sacerdote, o Papa nomeou-o arcebispo da Baía. Quando nasceu D. Pedro II e quando faleceu a Imperatriz Leopoldina, foi ele quem fez o sermão oficial, numa linguagem brillante e arrebatadora.

Afinal, coberto de glórias, elevado a Marquês de Santa Cruz, regressou à Baía. Sua casa estava sempre aberta aos pobres. Faleceu o 29 de Dezembro de 1860 e sua bondade lhe dá o direito de ser considerado como um dos brasileiros mais piedosos e retos.

## Um Brasileiro Ilustre



**Epitácio Pessoa, a grande figura do Brasil contemporâneo, que acaba de desaparecer**

da ao mesmo tempo que mandou oferecer-lhes serem os funerais do sr. Epitácio Pessoa a cargo da Nação. Decretou, ainda, o sr. Getúlio Vargas oficial por três dias. O Estado

Escrito pelo Juvenilista  
**Hino Caramuru Miranda**  
 Rua Conde de Bonfim, 123  
 Rio  
 (Premiado)

de Paraíba recebeu com consternação a notícia do falecimento do seu grande filho. O substituto do interventor federal deste Estado brasileiro,

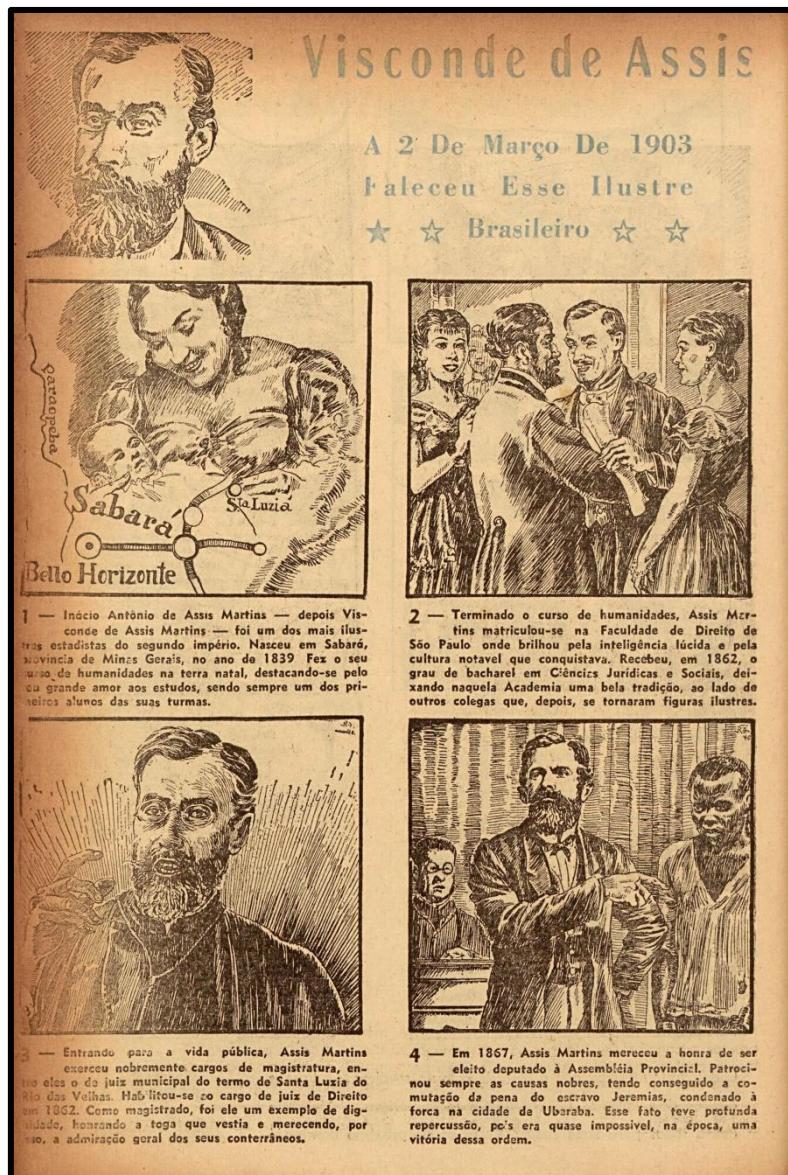
decretou fuso oficial por três nãgens prestadas à memória do dia. associando-se as homens Epitácio Pessoa. Acomodou-se, ferente, uma grande multidão altas autoridades e o representante do presidente da República, como também o interventor federal desse Estado que se encontra capital. Por ocasião de baixar o corpo à sepultura foram dadas as salvas da ordenanças que tiveram direito o ex-presidente da república.

Grande foi a perda do Brasil, e o nosso governo mais uma vez acreditou associando-se ao povo de todo o país pelo falecimento de quem tantos e inestimáveis serviços prestou ao Brasil.

NO dia 13, as primeiras horas da manhã, faleceu no seu retiro em Itaiává, o sr. Epitácio Pessoa, ex-presidente da República. Perde assim, o Brasil um dos seus maiores vultos. O exímio, natural da Paraíba e pertencente a uma família tradicional do norte, afastara-se de toda a atividade pública, para passar os últimos anos de vida sossegado.

Logo após o seu bacheamento em direito, atraçou a carreira política, ocupando vários cargos, entre eles a magistratura suprema da nação (1919-1922) cargo que ocupou com grande sabedoria. Cedo revelou as aptidões que haviam de consagrá-lo, no decurso de brilhante e irriqueta existência, como figura singular de homem de Estado e cultor das ciências jurídicas e sociais. Durante a sua presidência deram-se fatos importantes, destacando-se o primeiro Centenário da nossa Independência (quando se deu a visita do rei Alberto, da Bélgica, que veiu assistir aos festejos); visita do presidente de Portugal, dr. Antônio José de Almeida; repatriamento dos despojos de D. Pedro II e D. Teresa Cristina; levante militar no Rio de Janeiro, em 5 de julho de 1922, logo sufocado; lançamento da pedra fundamental da futura Capital da República, no planalto central de Goiás.

Os últimos momentos de vida do sr. Epitácio Pessoa foram assistidos pelo cardeal D. Sebastião Leme. O presidente Getúlio Vargas, logo que soube do ocorrido, tomou as providências necessárias. Mandou apresentar pésames à família enluta-



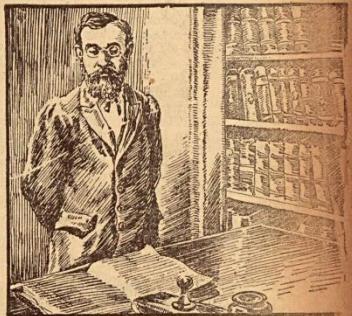
## Martins, O Tribuno Dos Escravos

Legendas de AMÉRICO PALHA

Desenhos de RODOLFO



5 — A atuação do ilustre mineiro na Assembléia foi tão destacada, que, em 1873, foi eleito deputado geral por Minas Gerais. Nesse novo posto, Assis Martins prestou assinalados serviços à Nação. Foi o autor da lei que aboliu a pena dos agötões, com que se castigava os cativos. Libertou todos os seus escravos antes da lei que extinguiu o elemento servil.



6 — A projeção do nome de Assis Martins foi enorme. Como orador, defendia da tribuna, com ardor, causa da liberdade dos negros e todas as questões diárias de serem amparadas pelas conciências retas como sua. Vários problemas nacionais mereceram a sua atenção e seus estudos, muito contribuindo para a sua solução. Os seus colegas o respeitavam e admiravam.



7 — Com a morte do ilustre estadista Visconde de Abreu, o nome de Assis Martins foi incluído na lista tríplice para a vaga aberta no Senado do Império. Nominated pelo imperador para a Câmara Vitalícia, foi ao mesmo tempo agraciado com o título de Visconde de Assis Martins, em recompensa dos grandes serviços prestados ao Brasil durante a sua passagem pelo Parlamento.



8 — Proclamada a República, a 15 de Novembro de 1889, o Visconde de Assis Martins, fiel aos seus princípios monárquicos, recolheu-se à vida privada. Vários cargos lhe foram oferecidos mas, foram inúteis todas as tentativas. O Visconde de Assis Martins não quis servir à República, dedicando-se à vida comercial e bancária, na qual consumiu seus últimos anos de vida.

Foi presidente do Banco Construtor do Brasil e membro do Conselho Fiscal de diversos outros bancos e companhias. Morreu o eminente brasileiro a 2 de Março de 1903, deixando um nome que enche de orgulho a terra mineira seu berço natal, e uma tradição de probidade que o coloca entre os maiores filhos da nossa Pátria, que não pode esquecer o muito que ele fez.

A homenagem ao Padre José de Anchieta foi realizada com a sua efígie estampada na capa da revista, que denominou o personagem de “padrinho de batismo do Brasil”<sup>97</sup>. O militar gaúcho Manuel Luís Osório, Marquês do Herval, também foi homenageado na capa do periódico, sendo apontado como “a lança do Império”<sup>98</sup>. Os segmentos educativos/escolares também serviram para o enaltecimento de personalidades , como foi o caso do médico sanitário Osvaldo Cruz<sup>99</sup>, a enfermeira Ana Néri<sup>100</sup>, alguns dos militares envolvidos na Batalha do Tuiuti<sup>101</sup> e na Batalha Naval do Riachuelo<sup>102</sup>, o padre Manuel de Nóbrega<sup>103</sup> e o médico Miguel de Oliveira Couto<sup>104</sup>. Um dos personagens mais exaltados pela *Mirim* foi o militar Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, o qual foi homenageado na lembrança da data de seu falecimento<sup>105</sup>, tendo estampado o seu retrato na capa<sup>106</sup>, em campanha para o erguimento de monumento em sua memória<sup>107</sup>, tendo sua biografia descrita em quadrinhos<sup>108</sup>,

---

<sup>97</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 8 abr. 1942.

<sup>98</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 10 abr. 1942.

<sup>99</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 5 jan. 1944.

<sup>100</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 24 maio 1944.

<sup>101</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 24 maio 1944.

<sup>102</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 11 jun. 1944.

<sup>103</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 18 out. 1944.

<sup>104</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 22 out. 1944.

<sup>105</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 8 fev. 1942.

<sup>106</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 5 abr. 1942.

<sup>107</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 maio 1942.

<sup>108</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 maio 1942, 20 maio 1942, 22 maio 1942 e 24 maio 1942.

com o destaque para o seu “trabalho” pela “unidade nacional”<sup>109</sup>, com a publicação de “rápidos dados biográficos” acerca desse “vulto histórico”<sup>110</sup> e com a exaltação de “Caxias – o herói”<sup>111</sup>. Outra personalidade de presença recorrente nas páginas da publicação infanto-juvenil foi a do aeronauta e inventor brasileiro Alberto Santos Dumont, com a matéria de capa enfatizando o seu primeiro voo<sup>112</sup>, o destaque à oportunidade em que a Princesa Isabel pode auxiliar o aviador<sup>113</sup>, a “força de vontade” do personagem no texto “Recomeçar”<sup>114</sup>, em estampa alusiva aos “feitos” do aviador na Europa<sup>115</sup>, na citação de um “canto de glória a Santos Dumont”<sup>116</sup>, em texto que conjecturava sobre o que aconteceria caso Dumont não tivesse morrido<sup>117</sup>, em abordagem a respeito de “suas ideias e suas aventuras”<sup>118</sup>, e ainda acerca de suas “aventuras extraordinárias”<sup>119</sup>, e, finalmente, com a exaltação ao aeronauta, a partir da “Semana da Asa”<sup>120</sup>.

---

<sup>109</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 22 maio 1942.

<sup>110</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 31 maio 1942.

<sup>111</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 26 ago. 1942.

<sup>112</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 22 out. 1941.

<sup>113</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 2 ago. 1942.

<sup>114</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 6 dez. 1942.

<sup>115</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 28 jul. 1943.

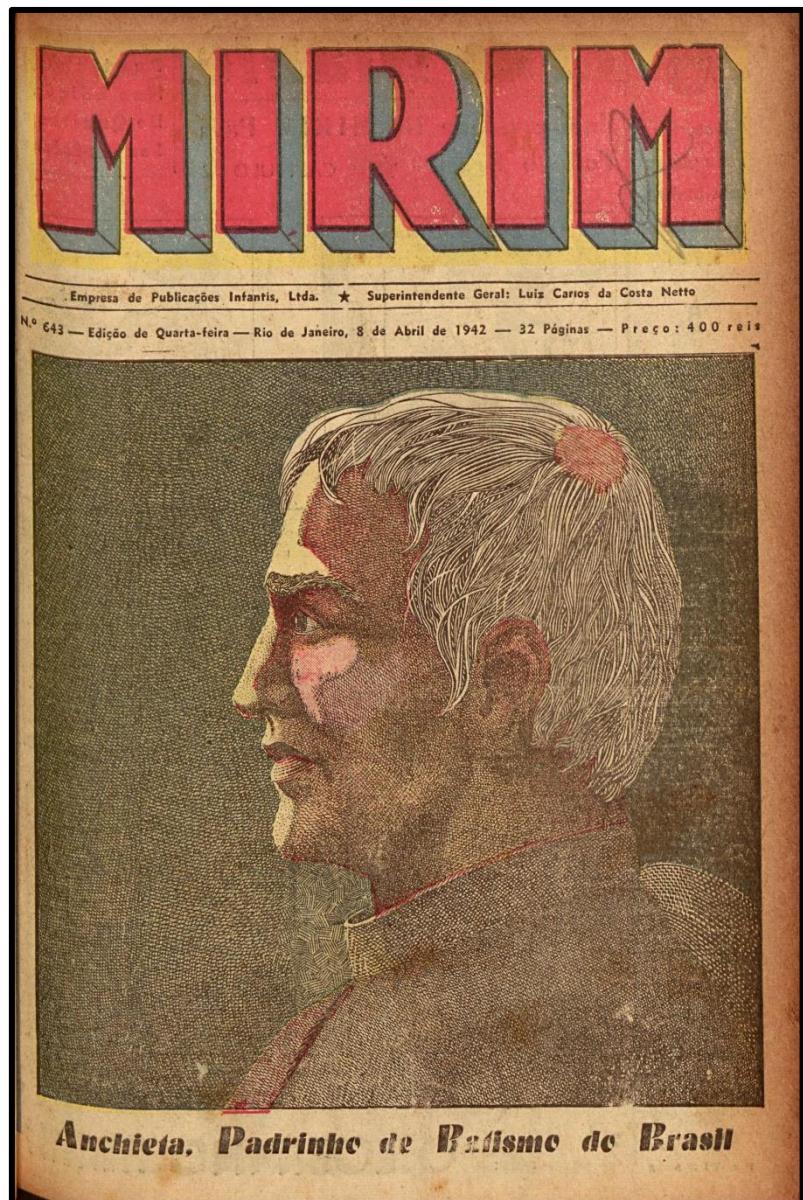
<sup>116</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 17 out. 1943.

<sup>117</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 19 jul. 1944.

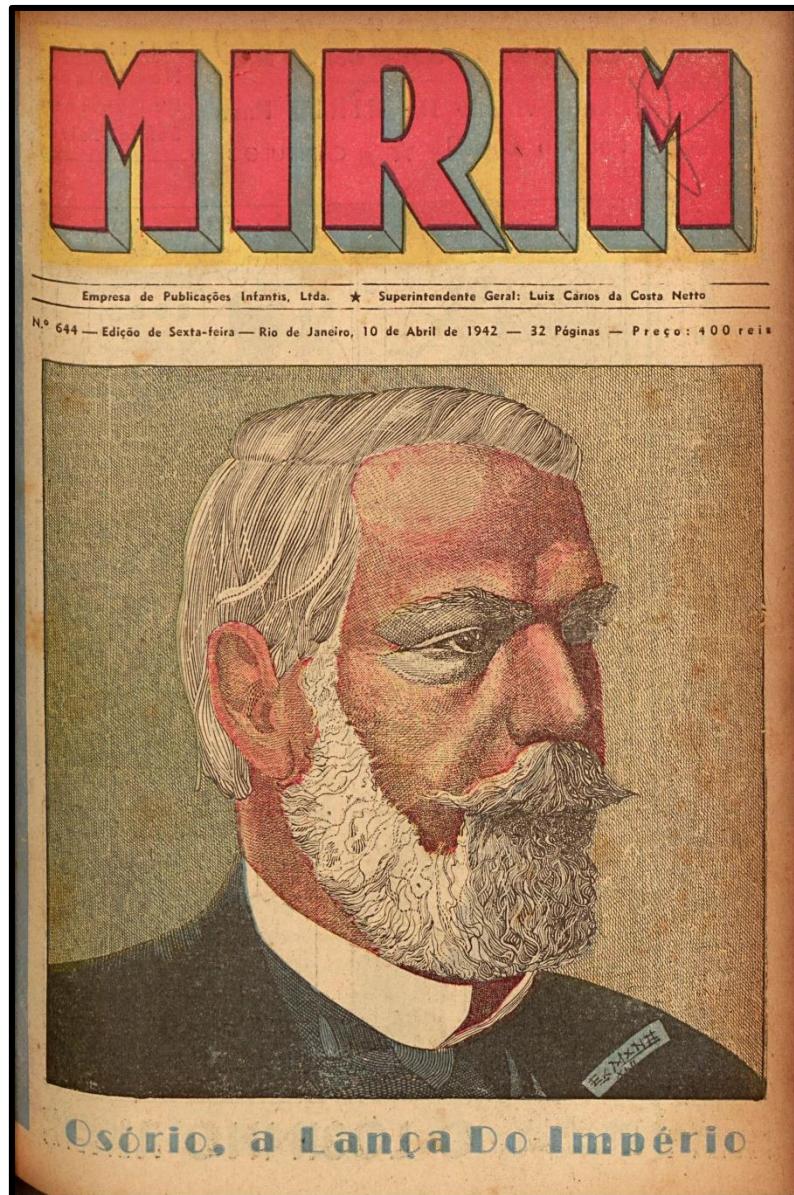
<sup>118</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 21 jul. 1944.

<sup>119</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 23 jul. 1944.

<sup>120</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 25 out. 1944.



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

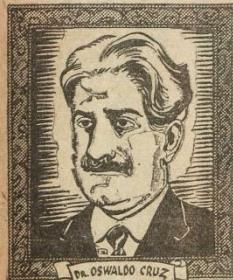


## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

Pragas Domésticas -- II-Continuação

### O Homem Que Venceu Os Mosquitos



DR. OSWALDO CRUZ

**V**OCE conhece a história do rei que foi vencido por um pernilongo? É uma história curiosa que mostra que um pequenino inseto pode desafiar o orgulho de um rei. Efetivamente, até ha cinquenta anos atrás os pernilongos e outros insetos de asas e muitos sem asas, como as formigas savias e as pulgas, eram invencíveis. Surgiram, porém, inimigos terríveis para esses sócios indesejáveis do homem: os cientistas. Em vez de formarem armas para combatê-los, os cientistas fizeram uma coisa muito simples: estudaram a vida, os costumes e a alimentação dos insetos daninhos, para descobrir-lhes os segredos da multiplicação e combatê-los pela raiz.

No caso do pernilongo, por exemplo, que descobriram os sábios? Que só as febreiras sugam o sangue do homem, que, uma vez fecundadas, vão depositar os ovos nas águas paradas, em latas

velhas abandonadas, garrafas quebradas, calhas abertas dos telhados, caixas d'água descobertas, poças da chuva, charcos, plantas de largas folhas côncavas que retem a água, da chuva, etc.; que também, desses ovos saem larvas providas de tubos ou sifões pelos quais respiram e que estão sempre à superfície enquanto elas nadam debaixo da água; que em breves dias essas larvas se transformam em insetos adultos e voam para as casas, quase sempre à tardinha, em cujas paredes pousam, à espera de que os moradores adormeçam para sugá-los à vontade.

**T**UDO isso Mirim conversou com você, em número próximo passado, e prometeu falar-lhe da emocionante campanha de Oswaldo Cruz contra os fatídicos pernilongos do Rio de Janeiro, que transmitiam a febre amarela e só ele o sabia. A história foi assim:

A febre amarela devastava o Rio de Janeiro, há pouco mais de 40 anos atrás. Os estrangeiros apavorados, olhavam para a capital do Brasil como o cemitério dos forasteiros. Realmente o maior número de vítimas era de gente recentemente chegada ao Brasil.

Nessa hora de calamidade pública, Rodrigues Alves, então presidente do Brasil, procurou um homem, que fosse do mesmo tempo sábio, enérgico, e empreendedor: era



DR. RODRIGUES ALVES

Oswaldo Cruz. Muito moço ainda, fizera fama de grande inteligência e capacidade de trabalho e estudo, tendo sido assistente de um célebre médico francês e frequentado cursos de altos personagens da Ciência. Mas todas essas qualidades não seriam suficientes para debelar o mal. Essa campanha exigia um general que fosse, antes de tudo, um herói. E Oswaldo Cruz o era!

**C**ONHECENDO profundamente todas as pesquisas feitas até aquela época sobre as moléstias tropicais, como a febre amarela, estava convencido de que era o pernilongo ou, melhor, o estegomia fasciata ou calopus que assolava o Rio de Janeiro, o culpado da transmissão da moléstia. O convívio com os doentes não passava a moléstia a ninguém, desde que não houvesse mosquitos no quarto do doente.

Assim pensando, Oswaldo Cruz determinou:

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

- 1º) evitar que os doentes fossem picados pelos mosquitos;
- 2º) exterminar esses mosquitos.

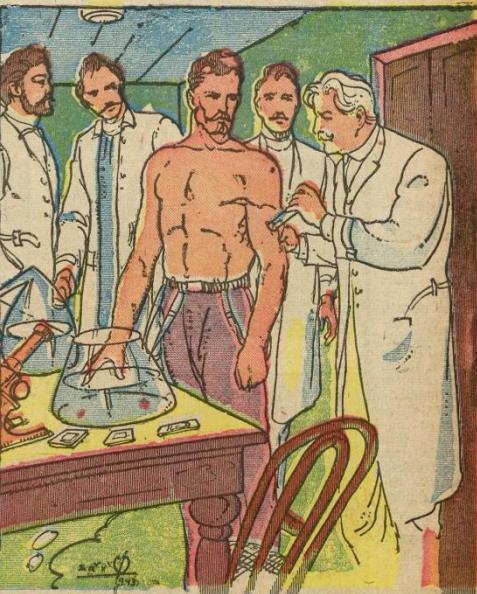
A primeira parte não era difícil de ser conseguida: para isso era bastante colocar telas nos hospitais onde os doentes estivessem isolados e destruir os que porventura neles tivessem penetrado. A segunda parte, porém, exigia esforço muito maior. E foi então que Osvaldo Cruz organizou um verdadeiro exército bem instruído e treinado e declarou guerra aos mosquitos. Quintais, telheiros, chácaras, boeiros, caixas d'água, foram vareados, examinados, esmiuçados por uma verdadeira multidão de mata-mosquitos.

Peixes larvófagos (devoradores de larvas) foram lançados nas lagoas, e todo recipiente que não pudesse ser esgotado foi coberto e calafetado. Em casos em que essas providências não tivessem cabimento, foi espalhada uma fina camada de querosene na superfície das águas. E' o que se chama petrificação. Este processo, pouco dispendioso e eficientíssimo nasceu de uma observação genial. As larvas não podem deixar de respirar através do sifão de que são providos. Que faz a fina camada de petróleo na água? Osbstrui o sifão respiratório e a larva morre asfixiada. Assim o mal se corta pela raiz. As fêmeas não tendo água para depositar os ovos, deposita-os no seco mesmo e as largas não vão por diante. E aquelas que chegam a se desenvolver na água morrem asfixiadas pelo querosene.

**A** CONTECEU, porém, que o povo é sempre povo. Espera milagres da noite para o dia e se este não vêm acusa os seus dirigentes de incapazes e criminosos. E foi o que aconteceu. Osvaldo Cruz foi acusado, até por muitos de seus colegas, de combater uma causa imaginária, deixando o povo perecer sem o socorro eficaz que dele se esperava. Osvaldo Cruz desafiou os descrentes da sua teoria a se submeterem à picada do mosquito que tivesse mordido o amarelento. Apareceram alguns para a experiência, mediante

um prêmio em dinheiro. O sábio colheu alguns pernilongos num tubo e fê-los picar um doente. Recolheu-os em seguida, deixou passar alguns dias e fê-los de novo picar os sãos que se submeteram à experiência. E estes contraram a febre amarela. A um deles que morreu, Osvaldo Cruz autopsiou com lágrimas nos olhos. Era um grande coração que lamentava a vitória da própria inteligência.

E foi assim que Osvaldo Cruz salvou o Rio de Janeiro. Os mosquitos desapareceram e, com eles, os fantasmas da febre amarela.



MIRIM EDUCATIVO Página Organizada Por Técnicos De Educação

## Conversas Escolares

17 A "MÃE DOS BRASILEIROS"



**H**A 64 anos, no dia 20 deste mês de maio, desaparecia no Rio de Janeiro uma extraordinária figura de mulher: Ana Neri.

Não era uma simples heroína guerreira, dessas que à hora do combate servem de estímulo aos homens que pelejam. Não, a qualidade de seu heroísmo era muito mais elevada, porque não era feita de coragem apenas, mas de completa abnegação.

Quando o ditador paraguaio Solano López, dando início aos seus loucos planos de conquista, aprisionou o navio brasileiro "Marquês de Olinda", invadiu o sul de Mato Grosso, franqueou as fronteiras do Rio Grande do Sul e apossou-se da província argentina de Corrientes, o Brasil, tomado de surpresa, teve que aceitar a luta e improvisar quase tudo para enfrentar a um inimigo de antemão armado e treinado, possuindo aguerrida infantaria e numerosa cavalaria.

Os aliados do Brasil, a Argentina e o Uruguai, estavam em muito piores condições e não poderiam oferecer nenhuma resistência apreciável ao terrível conquistador.

Por uma causa justa, porém, o amor à Pátria, o esforço e a inteligência realizaram milagre. São estes três elementos que nunca entram na conta dos ambiciosos conquistadores de terras e que sempre levam à derrota ao fim de algum tempo. Solano López contara nos dedos os soldados de que o Brasil poderia dispôr nos primeiros embates e conhecia perfeitamente a grande fraqueza da Ar-

NÚMERO 975 -- MIRIM -- PÁGINA 8 • Rio de Janeiro de Maio de 1975

# MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

gentina e do Uruguai, arrasados por lutas internas de miseráveis caudilhos e deu os seus golpes espetaculares, pensando amedrontar uma nação inteira. Esta, porém, não se deixou intimidar. Enquanto o exército regular suportava desigual mas heróicamente os primeiros choques, batalhões de voluntários se formavam em todos os recantos do país.

**F**OI num desses batalhões de patriotas que partiu como enfermeira Ana Neri. Era viúva do capitão de fragata Isidoro Neri e



irmã de Maurício Ferreira, comandante desse batalhão, que era o 10.º de voluntários da Baía e se tornou famoso, incorporando-se ao exército combatente como o '41.º.

Ana Neri era mãe de três moços que também serviram no Paraguai: um como oficial, e outros dois como médicos do exército e da armada. Em vez de ficar se lamentando da sorte de seus filhos e de seu irmão, a corajosa brasileira partiu para o campo de batalha em 1865 e só regressou depois que as tropas nacionais entraram em Assunção, isto é, 5 anos depois. E tais foram os abnegados serviços que prestou nos hospitais de Corrientes e Humaitá a milhares de doentes e feridos, que a sua chegada à Assunção logo após as tropas vitoriosas, foi tão festejada, como se ela fosse um cabo de guerra vencedor, como o próprio marquês de Caxias!

Todos a saudavam com o apelido glorioso de "Mãe dos brasileiros". Mas o quanto não custou de sofrimento a essa "mãe dos brasileiros" sorrir para tantos de seus filhos, sabendo que tinha perdido o filho, médico da arma-

da e que o outro, do exército, fora ferido gravemente!

**A**NA Neri, após a vitória, não interrompeu a sua faina. Continuou na capital paraguaia algum tem-



po, ainda no serviço de enfermagem e lecionando, e ao voltar à Pátria transformou a sua residência em enfermaria e asilo de infelizes e orfãos. O governo imperial deu-lhe pensão e agraciou-a com a medalha de recompensa, por serviços extraordinários prestados à humanidade.

Evoquemos o nome de Ana Neri; agora que o primeiro batalhão de enfermeiras no exercício de sua heroica profissão está pronto para partir com os nossos soldados expedicionários para os campos de batalha da Europa.

MIRIM EDUCATIVO Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

## Conversas Escocianas

### 18 A MAIOR BATALHA DA AMÉRICA DO SUL: TUIUTÍ

**E**MBRIAGADO pelas vitórias iniciais da Guerra do Paraguai, o tirano Francisco Solano López, não percebia que os aliados, com o Brasil na vanguarda, trando-lhes as terras do Paraguai:

— Soldados! É fácil a missão de comandar homens livres; basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está ali em frente... Avante, soldados!

E foi assim que os soldados brasileiros atravessaram o rio Paraguai e desembarcaram em terras inimigas, com grande assombro de Solano López. O primeiro a pisar essas terras foi o próprio General Osório, acompanhado do seu estado maior. Foram levando de vencida o inimigo até a localidade de Tuiutí, onde acamparam e concentraram uma força poderosa de 32 mil homens, sendo 21 mil brasileiros, dez mil argentinos e 1.200 uruguaios.

Refazendo-se de sua surpresa o temível caudilho pa-



NÚMERO 975 — MIRIM — PÁGINA 20 • 1º Fº d. Jan. 1944  
de Maio d. 1944

MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

½ de 24 de maio (ha 78 anos precisamente), achando-se de certo modo desprevenido o



exército invasor, irromperam de chofre três colunas paraguaiaias, saindo da mata próxima, sobre o acampamento. Fingiram, a princípio, um assalto à ala direita, e voltaram-se inopinadamente sobre o centro e a ala esquerda com tamanho ímpeto que a divisão de Vitorino e Flores foi obrigada a recuar. Mas não tardou a entrar em ação a nossa artilharia comandada pelo bravo coronel Emílio Mallet. E o terrível fogo da metralha lançou a confusão sobre o inimigo. As divisões Argolo e Sampaio repelem em cargas

sucessivas as investidas inimigas e o fogo torna-se geral. Osório, como o gênio da batalha, está em toda a parte, animando e eletrizando os nossos combatentes; que, em avalanches, se precipitam contra o inimigo, levando-o de vencida. O comandante geral general argentino Mitre, Venâncio Flores, uruguai, e os nossos gloriosos comandantes Argolo, Sampaio, Castro, Panneiro, Vitorino e Antônio Neto,

dão os mais belos exemplos de coragem e audácia aos seus comandados. A famosa cavalaria paraguaia foi desstroçada e debandou. O resto do inimigo fugiu por todos os lados deixando 6 mil mortos, 370 prisioneiros e recolhendo aos seus hospitais 7 mil feridos. Era uma derrota completa. Os brasileiros puseram fora de combate mais de metade do exército paraguaio, não chegando a ter a metade das perdas inimigas.

Esta batalha de Tuiuti, considerada a maior da América do Sul, foi decisiva para o espi-

rito agressor de Solano López, pois embora ainda continuasse a combater por mais três anos, colocou-se na defensiva e sempre recuando, até ser morto num encontro final com o general Câmara.

E dizem que foi o cabo Chico. Diabo que lhe deu o tiro de misericórdia. Por essa razão correram mundo estes terríveis versinhos que bem dão a medida do horror que



tinha ao ditador paraguaio o nosso povo simples:

*"O cabo Chico Diabo  
Do diabo Chico deu cabo".*

O diabo Chico era Francisco Solano López.

**MIRIM EDUCATIVO**

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

## Conversas Escelares

32
A Batalha Naval  
Do Riachuelo

**A** A 79 anos, o dia de hoje era um domingo da Santíssima Trindade. A maruja brasileira acabava de assistir missa à bordo da nau capitânea, a fragata Amazonas e da canhoneira Jequitinhonha,



ADMIRANTE BARROSO

do rio Paraná a cerca de 5 milhas abaixo de Corrientes, localidade argentina, capital da província de mesmo nome, que estava de novo em mãos dos paraguaios. Do lado fronteiro, próximo à foz do pequeno rio chamado Riachuelo, estava assentada nas margens do Paraná uma linha de baterias disfarçadas pelo mato, destinadas a colher a esquadra brasileira com o fogo cerrado de 22 canhões.

Tomada de surpresa com o aparecimento da esquadra inimiga, a esquadra brasileira estava de fogos abafados. Mas, da fragata Amazonas, o comandante supremo, almirante Francisco Manuel Barroso manda disparar o sinal coletivo: — Preparar para o combate! E em todos os navios tudo se apresta “para a faina geral da batalha”. Aproveitando-se da demora de nossa esquadra para levantar ferros, a esquadra inimiga, rente à margem esquerda, navegou até a foz do Riachuelo para colocar-se sob a proteção das baterias mascaradas de terra. Era um ênredo cuidadosamente preparado.

do é a nossa esquadra caiu nele, salindo em perseguição dos pseudo-fugitivos. Solano Lopez conseguiu seu intento: atrair os nossos navios para canhoneá-los de terra.

E, assim, nossa esquadra recebeu um medonho batismo



MARCILIO DIAS

quando, por volta das nove horas, a Mearim, que estava de vigília, içou o sinaj de inimigo à vista.

A esquadra brasileira estava ancorada na margem direita

fogo ao aproximar-se do Riachuelo. Travou-se, então, a luta desesperada: 9 navios brasileiros contra 14 embarcações inimigas, sendo 8 navios e 6 chatas, ou baterias flutuantes, ar-

NÚMERO 983 — MIRIM — PÁGINA 8 ● Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1943

**MIRIM EDUCATIVO** Página Organizada Por  
Técnicos De Educação



Mapa Cor. - Disponível das Esquadras Beligerantes

madas de canhões. A nossa canhoneira Parnaíba foi abordada por três navios e a luta no seu convés foi à arma branca. Um oficial paraguaio conseguiu derribar o pavilhão do mastro, mas, este foi reposto à custa da vida de vários heróis, entre eles o guarda-marinha João Guilherme Greenhalg, o capitão Pedro Afonso, o tenente Maia e o marinheiro Marcilio Dias.

Corre em socorro de Parnaíba a própria fragata Amazonas e arremete contra os navios que a abordavam. E foi, então, que se deu o extraordinário acontecimento. Subitamente inspirado, o almirante Barroso resolve transformar o navio chefe num ariete (arma de guerra antiga, destinada a derribar muralhas).

Eis como o próprio almirante descreve o sensacional episódio: "Subi, e minha resolução foi acabar de uma vez, toda a esquadra paraguaia, o que teria conseguido, se os quatro vapo-

res inimigos, que estavam para cima, não tivessem fugido. Pus a proa sobre o primeiro e o

esmigalhei, ficando completamente inutilizado, com água aberta e indo pouco depois à pique. Segui a mesma manobra com o segundo, que era o "Marquês de Olinda" (o "Marquês de Olinda" era um navio brasileiro que os paraguaios tomaram antes de declarar guerra). Inutilizei-o. Depois ao terceiro, que era o "Salto", o qual deixei no mesmo estado. Os quatro restantes, vendo a manobra que eu praticava, e me dispunha a fazer-lhes o mesmo, trataram de fugir rio acima. Depois de destruir o terceiro vapor, pus a proa em uma das canhoneiras flutuantes, a qual, com um choque e um tiro foi no fundo".

Era a vitória completa! Daquela data em diante a esquadra inimiga não valia mais nada, pois, perdera 4 vapores e as baterias flutuantes. O pouco que restou, foi desarrornado e roto pelo fogo. E o inimigo perdeu o seu comandante supremo com mais de 1500 homens.



Uma Cena Da Batalha Naval Do Riachuelo

MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Pela  
Técnicos De Educação

## Conversas Escalares

### 77 Um Apóstolo Do Brasil Colonial

**H**O UVE um homem simples e pobre a quem o Brasil colonial deve mais que aos seus administradores e conquistadores. Chamava-se Manuel da Nóbrega e nasceu nesta data em 1517 e faleceu no dia em que completava 53 anos e, portanto, a 1 de Outubro de 1570.

Manuel da Nóbrega era padre jesuíta e se fez missionário embarcando para o Brasil em 1549,

com diversos companheiros, trazido pelo governador geral Tomé de Sousa.

A small black and white portrait of Padre Manuel da Nóbrega, showing him from the chest up, wearing clerical robes.

Padre Manuel da Nóbrega.

Tinha, portanto, apenas 32 anos e por cerca de 20 passou a vida contribuindo para a fundação das primeiras cidades, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e S. Paulo, dos primeiros colégios, das primeiras igrejas bem como catequizando os índios e pacificando os colonos. Convertiu os índios com espírito verdadeiramente cristão e se tornou o mais ardente advogado dos pobres selvagens continuamente perseguidos pelos brancos brutais e ambiciosos que os queriam escravizar. Ao lado de An-

NÚMERO 1038 — MIRIM — PÁGINA 8

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1953

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

chieta e de Vieira. Nóbrega completa a trindade venerável que implantou a fé e o sentimento humano no coração da grande pátria em formação.

O padre Manuel da Nóbrega era um apóstolo austero que não temia oferecer a sua liberdade e a sua vida para restaurar a justiça e a paz entre indígenas e colonos.

E apesar de não ter poder político, não hesitava em acusar em praça pública os grandes que prometiam maldade contra os homens ou pecado contra Deus.

Contam que ele, por mais de uma vez, diante de uma porta fechada, onde morava algum malfeitor, fosse qual fosse, exclamava:

— Atrás dessa porta estão crucificando de novo Jesus Cristo!

Queria dizer com isso, que algum pecador ali se abrigava e foi por culpa dos pecadores que Jesus morreu.

Graças, pois, a êsses

se manchou com os crimes que endoaram o domínio espanhol nas Antilhas, no México e no Perú."

Sabe-se que nessas re-



Convertia os Índios ao cristianismo.

heroicos soldados de Deus, como Manuel da Nóbrega, Anchieta e Vieira, "o domínio português sobre o Brasil não vos primitivos foram trucidados em massa e deles nada resta senão ruínas de suas pitorescas e belas civilizações.

MIRIM EDUCATIVO Página Organizada Por Técnicos De Educação

## Conversas Escalares

### 79 A Glorificação De Um Brasileiro

**N**A praia de Botafogo, foi inaugurado, a 3 do corrente, um monumento em memória de Miguel Couto, falecido há dez anos, e que não foi apenas um sábio médico, mas um varão exemplar, grande mestre de várias gerações de doutores, patriota insigne, amigo incomparável dos que sofreram na doença e na miséria.

Foi uma festa comovedora a que estiveram presentes inúmeros discípulos, hoje professores de medicina, antigos clientes agradecidos, entre os quais ricos e pobres, e autoridades do governo.

Caibe ao filho do grande mestre, que tem o mesmo nome e

é também médico, agradecer a homenagem que o povo prestava ao seu incomparável amigo.

Não é exagero empregar esta expressão para definir a personalidade de Miguel Couto, pois que incomparável amigo de seu povo éle nunca o deixou de ser. Filho do povo, ascendeu aos mais elevados degraus da sociedade, e sua figura impressionante do sábio e de apóstolo projetou-se além dos limites da pátria. Era tão admirado no estrangeiro como no seu próprio país. "Sua glória serena" — disse um cientista argentino — toda a ciência, de doutra e de címr humano honra

mais a seu país que a força das armas e

as riquezas do solo maravilhoso".

Pois a pesar de toda essa glória conquistada, Miguel Couto nunca se esqueceu que era um filho do povo e era mais fácil a um doente pobre ser atendido por ele em bairro humilde, que a um rico em seu próprio consultório.

**M**I GUEL Couto nasceu a 1º de maio de 1865, no Rio de Janeiro. Aos cinco anos perdeu o pai e a pobre viúva se viu na necessidade de trabalhar como moura na costura, para sustentar e criar seu filho e dar-lhe educação esmerada. Graças ao seu heróico esforço, cobiou ao pequeno Miguel a estrada da vi-

tória: aos 15 anos aquél humilde garoto era estudante notável da Faculdade de Medicina. Frequentando aulas e hospitais durante o dia e estudando à noite à luz do lampião de querosene, enquanto sua mãe costurava, diplomou-se com alta distinção e após alguns anos de incansável clínica pelas ruas obscuras da Prainha e outros bairros modestos, fazia concurso para professor da Faculdade e era classificado em primeiro. Contam que um velho preto da Prainha sabendo da vitória do médico e benfeitor de sua pouquíssima família, foi cumprimentá-lo cheio de orgulho e alegria, dizendo:

— Qual! Ninguém

Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1944

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

pode com a gente,  
não é dr. Miguel?

O sábio moço re-  
cebeu o abraço e res-  
pondeu, sorrindo:

— Você tem ra-  
zão: ninguém pode  
conosco porque nós  
somos o povo.

E tinha razão: o  
sua vitória era uma  
vitória popular e ele  
honrava a sua origem  
modestíssima.

Anos mais tarde  
ele escrevia:

"A formação de  
meu caráter fez-se  
sob a influência pre-  
ponderante de duas  
mulheres: a primeira,  
minha mãe, que cos-  
turava dia e noite  
para extrair do ano-  
nitmo da nossa ex-  
tréma pobreza um  
doutor; também não  
lhe fui um filho, mas  
uma filha e, enquan-  
to viveu, privei-me de  
constituir família pa-  
ra não diminuir a de-  
dição que lhe de-  
via..."

**E**RA esse o gran-  
de brasileiro cuja  
memória se con-  
sagrava naquela ma-  
nhã de outubro. No  
pedestal de seu mo-  
numento, sob a sua  
imponente figura es-  
culpida em bronze,  
há duas cenas em re-  
lívio: uma representan-  
do o santo médico  
à cabeceira do enfér-  
mo, estendendo-lhe a  
mão direita e afogan-  
do-lhe a cabeça com  
a mão esquerda, num

g e s t o invariável,  
quando queria consolo-  
lar e infundir confian-  
ça; outra representa-  
ndo o mestre dian-  
te de três discípulos,  
a transmitir-lhe sua  
ciência e experiência.

Por trás do monumen-  
to, um mapa do Bra-  
sil com três inscri-  
ções, que lembram  
serviços inestimáveis  
por ele prestados à  
pátria, em estudos  
feitos na Câmara dos  
Deputados, de que foi  
figura da maior real-  
ce.

Miguel Couto  
Essas inscrições são  
as seguintes:

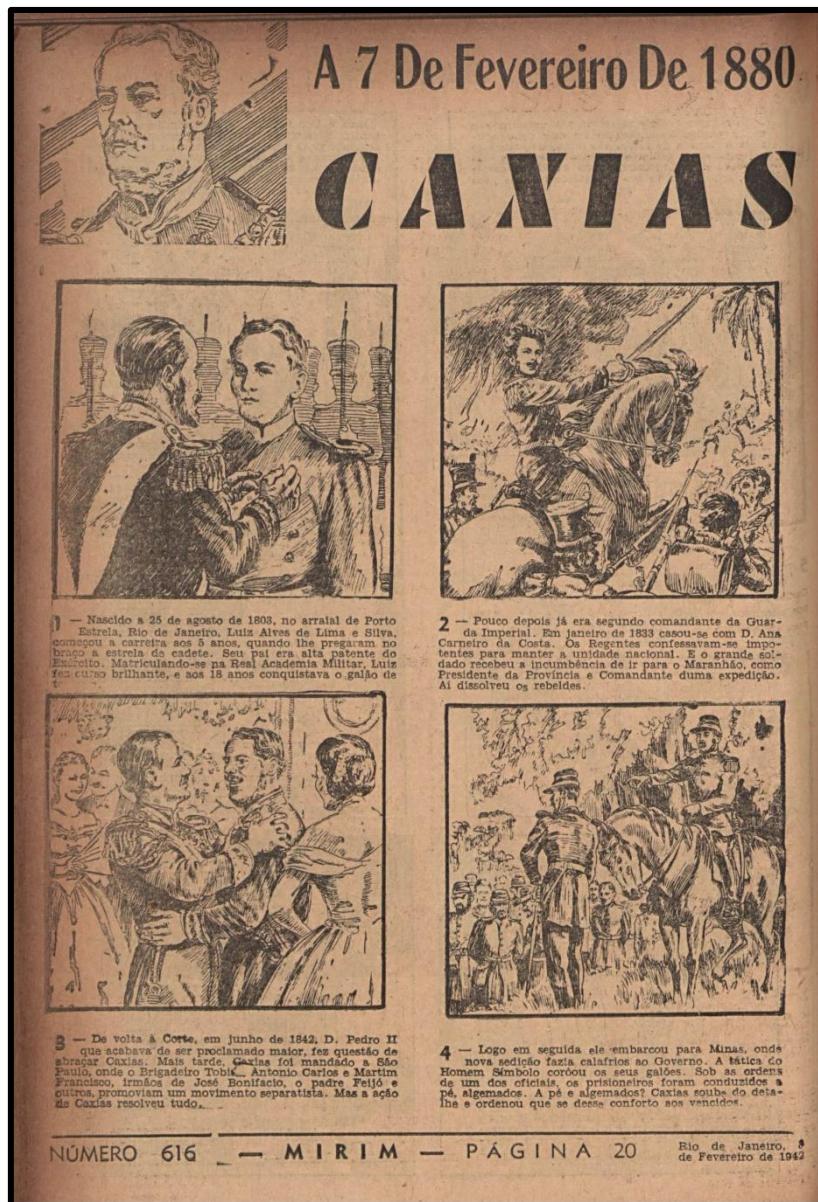
"Educação do povo  
— Defesa nacional —  
Seleção e imigra-  
tória."

que aqui vêm ter.  
Nessa ocasião pintou  
com os côres mais vi-  
vas o perigo que re-  
presentava para o  
Brasil a "imigração  
japonesa".

Hoje, que a huma-  
nidade livre e demo-  
crática luta com  
aquele povo trai-  
çoeiro, feroz e desu-  
mono, cresce nossa  
admiração por Mi-  
guel Couto, que tam-  
bém neste particular  
se mostrou profeta e  
patriota digno como  
os que mais o sejam.



Miguel Couto



# O Brasil Perdeu Um Grande Homem

Legendas do Professor Rafael Murilo ☆ Desenhos de Rodolfo



5 — Caxias recebeu em seguida a missão de enfrentar os Farrapos. A vitória lhe coube mais uma vez. Caxias era um homem íntegro, e em lugar do "Te Deum" vitorioso, em Bagé, pediu que se rezasse uma missa para aqueles que de um lado e do outro haviam tombado.

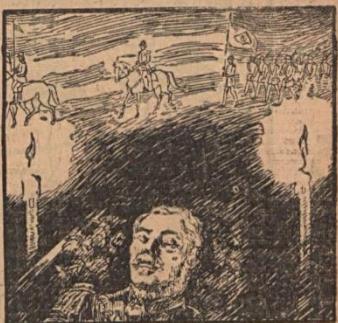


6 — Honrado com a promoção a Conde, Caxias, que se sentia enfermo e cansado, teve enfim calma. Veio para o Rio. S. Paulo fez-lo deputado; o Rio Grande fê-lo senador. Em 1851 o ditador argentino Rosas entrou em guerra contra o Brasil, e a Caxias coube batê-lo. Foi promovido a Tenente-General e a Marquês.



7 — Subiu, porém, ao poder, o Partido Liberal, adversário do Conservador, a que pertencia Lima e Silva. E, ao estalar a Guerra do Paraguai, o Comando em Chefe das operações não foi entregue desde logo a quem tinha de ser o Chefe Supremo. Mas um dia foi feito o inevitável. E Caxias venceu em Ibororó, em Avai, em Lomas Valentinas.

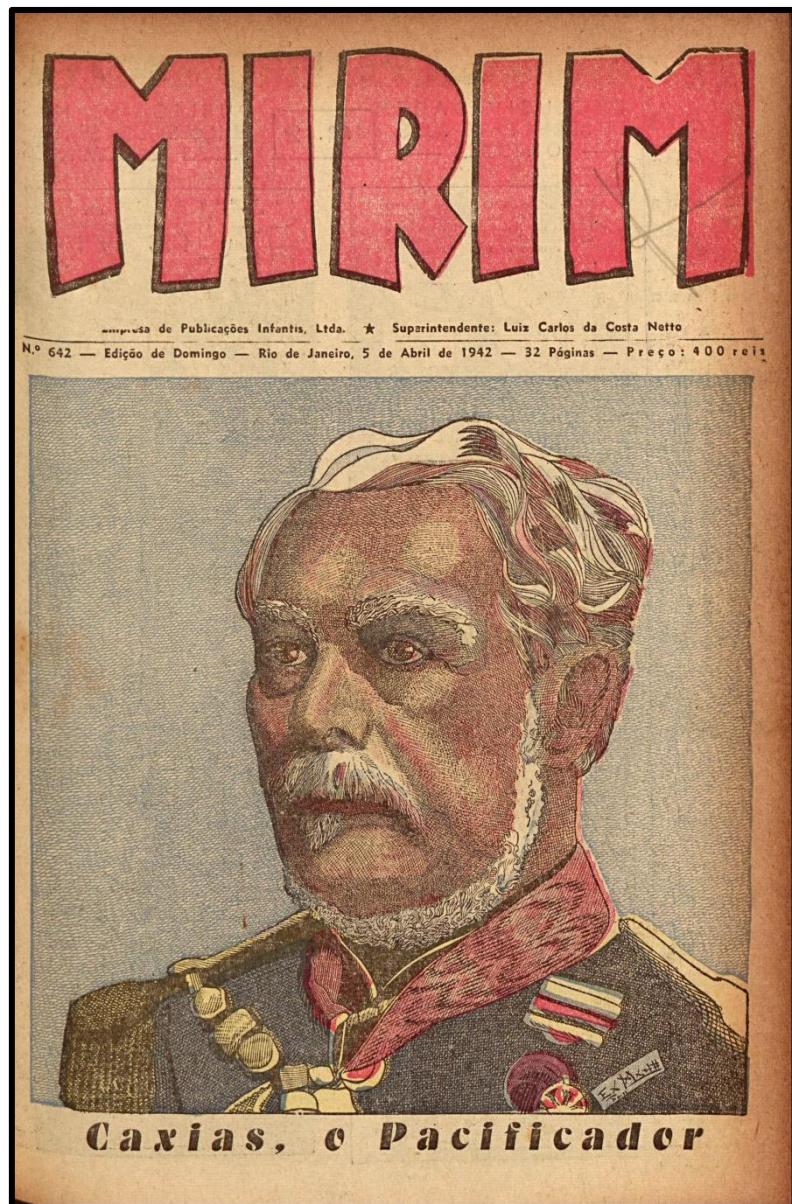
Caxias é o símbolo do Exército, porque aliando a um grande gênio estratégico admiráveis qualidades de caráter, soube conquistar vitórias que tiveram a virtude de pacificar rapidamente várias regiões do país. Caxias soube ser o símbolo de uma classe e é o orgulho de uma Pátria.



8 — Promovido a Duque, novamente no Senado, depois no Supremo Conselho da Justiça Militar, no Conselho do Estado, na Presidência do Ministério, Caxias reafirmou sua grande capacidade, faleceu a 7 de fevereiro de 1880, na fazenda Santa Mônica, Província do Rio de Janeiro, aos 77 anos.

Rio de Janeiro, 8  
de Fevereiro de 1942

— MIRIM — PÁGINA 21. NÚMERO 616



**MIRIM**

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS LTDA.

Superintendente Geral: Luis Carlos da Costa Netto  
Diretor: Adolfo Azen  
Gerente: Appius Fabrizzi

APARECE TRES VEZES POR SEMANA

Assinatura Anual  
(16-6 numerus) ..... 450000  
Seis Meses ..... 225000  
Três Meses ..... 138000

EDICOES DE DOMINGO

ANO V — PAGINA 660  
Rio, 17 de Maio de 1942  
32 Paginas — Preço: 500 Reis

42-2926

## Dois Bustos De Caxias

Serão Os Trofeus Conferidos Aos Colégios A Que Pertencerem Os Vencedores Dos Grandes Certames Patrocinados Por MIRIM, "Suplemento Juvenil" e "O Lobinho" — 18 Estabelecimentos De Ensino Cariocas Já Se Inscreram Na Formidável Maratona Intelectual Juvenil Nacionalista — "Carta Aberta Aos Professores"

A GRANDE Maratona Intelectual Juvenil Nacionalista, criada com os dois certames históricos de MIRIM, "Suplemento Juvenil" e "O Lobinho", é o assunto predominante em todos os colégios do Brasil.

A quem caberão os dois trofeus que serão conferidos aos estabelecimentos de ensino a que pertencerem os vencedores dos certames?

E de onde serão esses colégios? Do Distrito Federal? Do Estado do Rio? De São Paulo? Da Paraíba do Norte? Do Rio Grande do Sul? Do Amazonas? De Goiás ou Mato Grosso? De Pernambuco ou Minas Gerais?

E torna-se empolgante o pleito. Mais empolgante ainda porque não se trata de um concurso comum, que é decidido por maioria de votos, coisa fácil de se obter... Não.

Os certames serão decididos rigorosamente pelo valor, pela inteligência e pelo talento!



Duque de Caxias

Es porque a Juventude Brasileira está toda empenhada nessa jornada maravilhosa de intelectualidade e patriotismo. A figura magnifica de Caxias, o patrono do Soldado Brasileiro, motivo central dos certames, está sendo estudado, carinhosamente pela mocidade que a evoca em contos interessantíssimos na época do Movimento de Sopocaba, que a reconstrói em toda sua glória de coragem e sublimação, em desenhos bellissimos.

E os estabelecimentos de ensino de todo o Brasil apoiam a belíssima iniciativa, incentivando os seus alunos a concorrerem à grande Maratona de Inteligência e procurando com isso poder se honrar de possuir os trofeus que serão conferidos aos colégios a que pertencerem os vencedores dos certames, trofeus de uma alta significação cívica: dois bustos de Caxias!

**"Carta Aberta Aos Professores"**

Os professores brasileiros estão apoiando de maneira entusiástica os dois certames de MIRIM, "Suplemento Juvenil" e "O Lobinho", tornando mesmo o tema dos certames, "Caxias", matéria de estudo nas aulas, incentivando os alunos a concorrerem aos mesmos.

O "Suplemento Juvenil" publicará em sua edição de amanhã uma "Carta Aberta Aos Professores", que decreto será recebida com simpatia pelos mestres brasileiros.

18 COLEGIOS CARIOCAS JÁ DERAM AS SUAS ADESÕES AOS GRANDES CERTAMES, CANDIDATANDO-SE AOS DOIS TROFEUS!

Mostrando o interesse despertado pelos certames nos colégios cariocas, 18 estabelecimentos de ensino já se inscreveram na grande Maratona Intelectual Juvenil Nacionalista, com suas representações de

CONCLUI SE  
21<sup>a</sup> PÁGINA

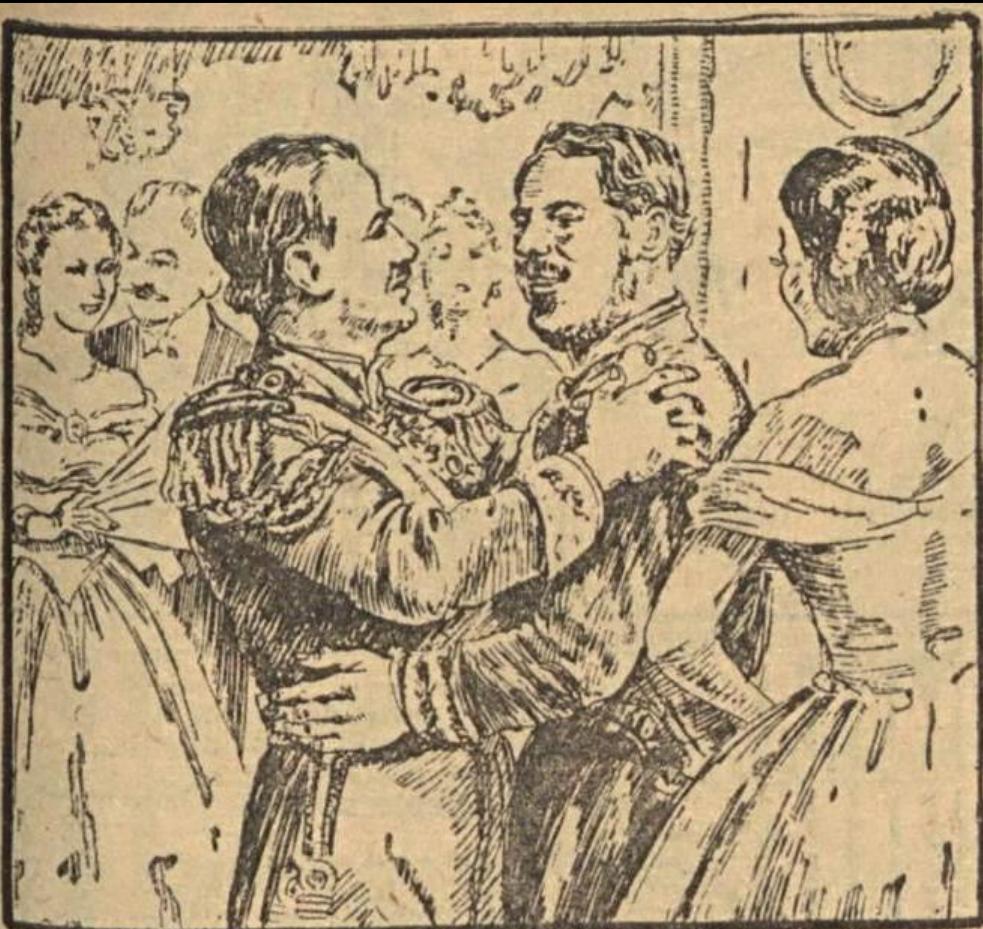
## A Vida Do Duque De Caxias



— Nascido a 25 de agosto de 1803, no arraial de Porto Estrela, Rio de Janeiro, Luiz Alves de Lima e Silva, começou a carreira aos 5 anos quando lhe pregaram no braço a estrela de cadete. Seu pai era alta patente do Exército. Matriculando-se na Real Academia Militar, Luiz fez curso brilhante, e aos 18 anos conquistava o galão de tenente.



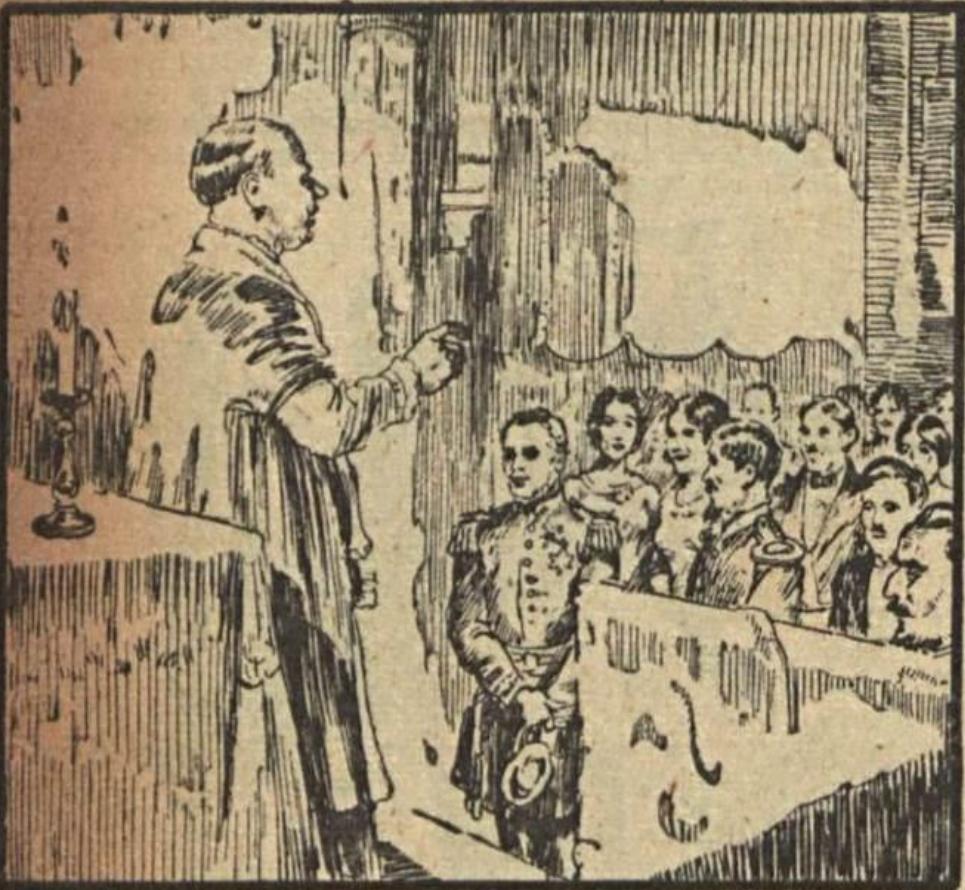
**2** — Pouco depois já era segundo comandante da Guarda Imperial. Em janeiro de 1833 casou-se com D. Ana Carneiro da Costa. Os Regentes confessavam-se impotentes para manter a unidade nacional. E o grande soldado recebeu a incumbência de ir para o Maranhão, como Presidente da Província e Comandante duma expedição. Ai dissolveu os rebeldes.



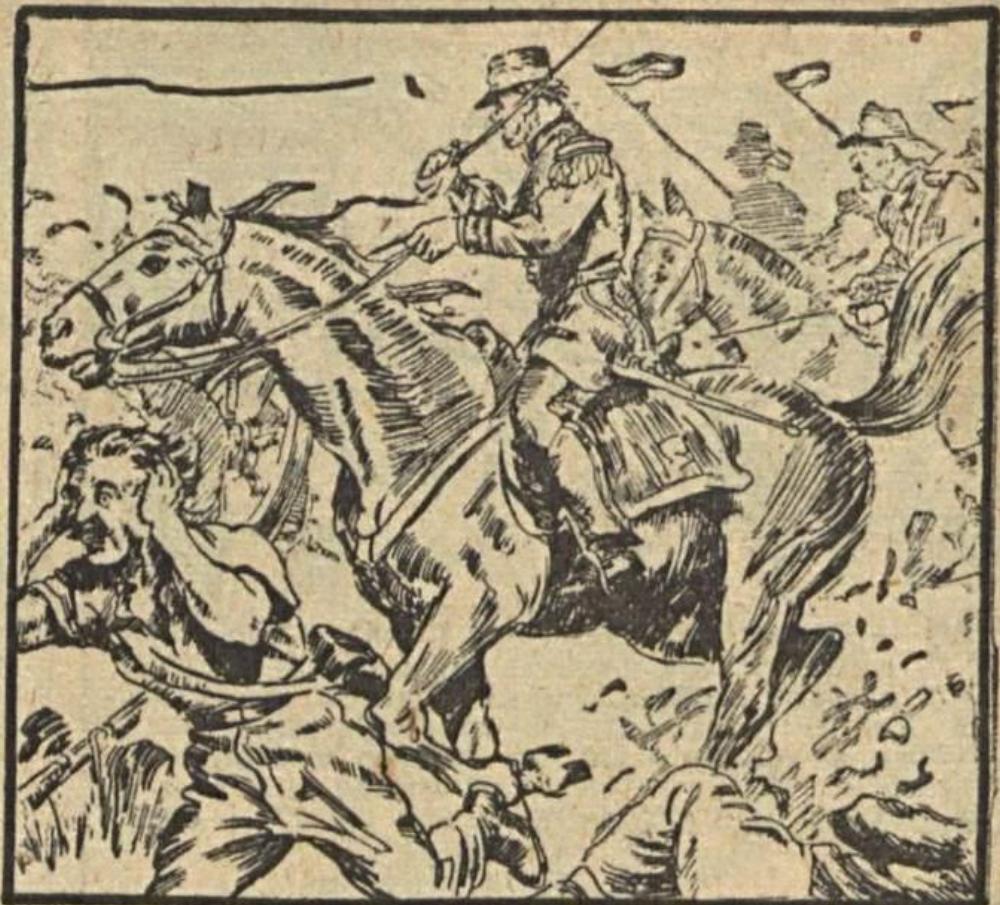
**3** — De volta à Corte, em junho de 1842, D. Pedro II que acabava de ser proclamado maior, fez questão de abraçar Caxias. Mas tarde, Caxias foi mandado a São Paulo, onde o Brigadeiro Tobias, Antonio Carlos e Martim Francisco, irmãos de José Bonifácio, o padre Feijó e outros, promoviam um movimento separatista. Mas a ação de Caxias resolveu tudo.



**4** — Logo em seguida ele embarcou para Minas, onde nova sedição fazia calafrios ao Governo. A tática do Homem Símbolo coroou os seus galões. Sob as ordens de um dos oficiais, os prisioneiros foram conduzidos a pé, algemados. A pé e algemados? Caxias soube do detalhe e ordenou que se desse conforto aos vencidos.



**5** — Caxias recebeu em seguida a missão de enfrentar os Farrapos. A vitória lhe coube mais uma vez. Caxias era um homem íntegro, e em lugar do "Te-Deum" aos vitoriosos, em Bagé, pediu que se rezasse missa para aqueles que de um lado e do outro haviam tombado.



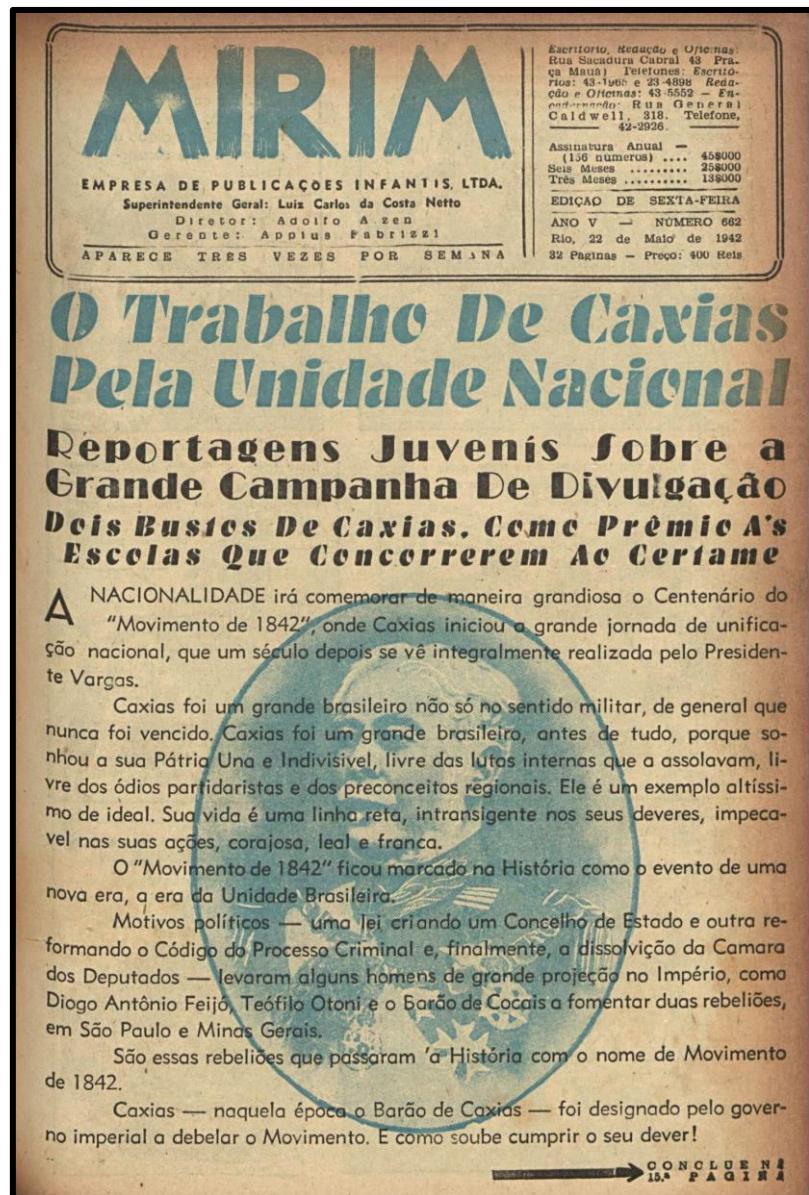
**6** — Honrado com a promoção a Conde, Caxias, que se sentia enfermo e cansado, teve enfim calma. Veiu para o Rio. S. Paulo fê-lo deputado; o Rio Grande fê-lo senador. Em 1851 o ditador argentino Rosas entrou em guerra contra o Brasil, e a Caxias coube batê-lo. Foi promovido a Tenente-General e a Marquês.



7 — Subiu, porém, ao poder, o Partido Liberal, adversário do Conservador, a que pertencia Lima e Silva. E, ao estalar a Guerra do Paraguai, o Comando em Chefe das operações não foi entregue desde logo a quem tinha de ser o Chefe Supremo. Mas um dia foi feito o inevitável. E Caxias venceu em Itororó, em Avai, em Lomas Valentinas.



**8** — Promovido a Duque, novamente no Senado, depois no Supremo Conselho da Justiça Militar, no Conselho do Estado, na Presidência do Ministério, Caxias reafirmou sua grande capacidade, faleceu a 7 de fevereiro de 1880, na fazenda Santa Mônica, Província do Rio de Janeiro, aos 77 anos.



**MIRIM**

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, LTDA.

Superintendente Geral: Luiz Carlos da Costa Netto  
Diretor: Adolfo Alzen  
Gerente: Appius Fabrício

APARECE TRÊS VEZES POR SEMANA

Editorial Residência Oficinas:  
Rua Sacadura Cabral 43 Praça  
Mauá Telefones: Estrela  
Rios: 43-141 e 23-4892 - Renan-  
ção e Otávia: 43-5552 - En-  
trevista: Rua General  
Caldwell 318 Telefone,  
42-2926

Assinatura Anual  
(156 Numberos) ..... 45000  
Seis Meses ..... 25000  
Três Meses ..... 13500

EDIÇÃO DE DOMINGO  
ANO V — NÚMERO 666  
Rio, 31 de Maio de 1942  
32 Páginas — Preço: 400 Reis

## Rápidos Dados Biográficos Do Duque De Caxias

**MIRIM**, "Suplemento Juvenil", no sentido de participarem das grandes comemorações nacionais do Centenário do Movimento de 1842, instituiu a Maratona Juvenil Nacionalista, constituída de dois certames para a Juventude Brasileira — um de contos sobre o Movimento, e outro de Histórias em quadrinhos sobre a Vida de Caxias.

**MIRIM** dá aqui uma rápida biografia do Duque de Caxias, a maior figura do Exército Brasileiro, e que servirá de maior orientação para os participantes dos certames.

Luiz Alves de Lima e Silva, o único brasileiro que, durante os sessenta e sete anos de duração do regime imperial foi agraciado com tão alto título de nobreza, nasceu em território fluminense, no município que outrora se chamou São João do Meriti e hoje tem o nome de Caxias.

Seu avô, o brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva, obteve de D. João VI a graça de alistar-lo no Exército aos nove anos de idade, o que se deu em aviso régio.

Assim, mal concluirá os seus preparatórios, aos 14 anos de idade, a 25 de agosto de 1817, prestava compromisso e jurava à

Bandeira no Quartel do 1º Regimento de Infantaria.

Aos 18 anos, iniciava o curso da Academia Militar da Corte e dali, breve, saíra no posto de tenente.

Como tenente, fez o ilustre militar a cam-

Partiu depois para o Rio Grande do Sul, onde pôs fim à Guerra dos Farrapos, que duraram dez anos, e pacificou o Rio Grande do Sul.

Em 1851, ao ser iniciada a Campanha do Paraguai, partiu fren-

cões, bem como todas as medalhas com que se premiava naquela época o valor militar e patriótica.

Fez a campanha do Paraguai como Marquês de Caxias, vencendo como comandante em chefe, as batalhas de Tuiuti, Humaitá e Uruguaiana, entrando triunfalmente em Assunção a 5 de Janeiro de 1869.

Por decreto de 23 de março desse mesmo ano, o Imperador Pedro II, distinguiu-o, pelos relevantes e extraordinários serviços prestados à Pátria, com o título de Duque de Caxias.

**REUNIÃO DOS REPÓRTERES JUVENIS**  
SÁBADO PRÓXIMO

Sábado próximo haverá, em nossa redação, às 16 horas, uma reunião dos repórteres juvenis cariocas.

Nessa reunião os repórteres juvenis mostrarão o quanto tem feito pela Maratona Juvenil Nacionalista, suas atividades e trocarão idéias. Temos muitas novidades para eles. Vamos iniciar outras atividades, de grande importância.

As 16 horas, portanto, de sábado próximo, todos os repórteres juvenis cariocas em nossa redação!



Duque de Caxias

panha da Independência, na Baía, da qual resultou a expulsão das forças portuguesas comandadas pelo general Oribe.

Elevado à dignidade de barão, durante a Guerra dos Farrapos, e à de conde durante a campanha contra o ditador Rosas, mereceu sucessivamente todos os títulos e condecora-

**"Quem Foi Maior Do Que Caxias. Quem Foi Maior Soldado e Mais Brasileiro Do Que Ele. Nas Circunstâncias Dramáticas e Heroicas Do Tempo Em Que Conduziu Os Nossos Exércitos Para Um Grande Destino?"**

Agamemnon Magalhães — Interventor de Pernambuco

# MIRIM

EMPRESA DE PUBLICAÇÕES INFANTIS, LTDA.

Superintendente Geral: Luis Carlos da Costa Netto  
Diretor: Adolfo Alzaga  
Gerente: Apolito Fabrizzi  
APARECE TRES VEZES POR SEMANA

Escritório, Redação e Oficinas:  
Rua Sacadura Cabral, 43 (Praça Mauá) Telefones: Escritório: 2-1905 e 2-4882 — Redação e Oficinas: 2-4302 — Encadernação: Rua General Caldwell, 318 Telefone: 2-2926

Assinatura Anual —  
(156 números) .... 45000  
Seis meses ..... 25000  
Três meses ..... 13000

EDIÇÃO DE QUARTA-FEIRA

ANO V — NUMERO 703  
Rio, 26 de Agosto de 1942  
32 Páginas — Preço: 400 Reais

## Caxias-O Herói

**N**inguém representa, em nossa história, o Herói nacional supremo, como o Marechal de campo Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias.

Profundamente brasileiro, foi Caxias profundamente valoroso em todos os instantes de sua vida militar. Nas campanhas em que foi chefe, jamais deixou de ser chefe do primeiro ao último instante. Comprendia perfeitamente a relevância das missões que o país lhe confiava: e para que essas missões fossem cumpridas condignamente, estava sempre à frente dos seus comandados, estava sempre na vanguarda, estava sempre ao lado dos que avançavam ao encontro do inimigo. Foi esse sempre o segredo dos seus triunfos, porque, ao lado da sua agilidade na solução dos problemas estratégicos, Caxias colocou sempre a bravura pessoal: e os seus soldados tinham fé na sua inteligência e na sua coragem, nos seus conselhos e acima de tudo nos seus exemplos.

Caxias foi Herói, acima de tudo, no momento decisivo de Itororó, quando, à frente dos seus guerreiros, peito descoberto, ele investiu para a frente, acutilando o inimigo na ponte do arroio. A sorte da batalha dependia do valor dos combatentes: Caxias arrojou-se com o peito aberto, e os seus guerreiros foram ao lado dele e a vitória foi do Brasil.

Caxias — Herói do Brasil, é um tema admirável para o estudo da Juventude Brasileira, para quem o exemplo do Marechal ilustre é um farol de dignidade humana e de civismo e brasiliade!





## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

### A Melhor Princesa

**A** 29 de julho, comemorou-se o aniversário do nascimento da Princesa Isabel, que foi uma das maiores mulheres de nossa História. Você já conhece de sobre o nome dessa princesa que assinou a Lei-Áurea, libertando todos os escravos negros do Brasil. Mas talvez não saiba que, pela sua extraordinária bondade, pela simplicidade de suas atitudes, pela lealdade, honestidade e cortesia demonstradas em todos os seus gestos, pelos seus hábitos de ordem, pontualidade, civilidade, respeito, responsabilidade, economia e cooperação, a Princesa Isabel se tornou um modelo digno de ser imitado pelas brasileirinhas de todos os tempos.

Não tinha orgulho de cor, não tinha orgulho nenhum de ser Rainha. Amava imensamente o Brasil, sua Pátria, pois a Princesa Isabel era carioca, você sabia? — Mesmo no exílio, (você sabe que, quando foi proclamada a Re-



Alberto de Santos Dumont, num desenho do livro para crianças que, sobre o grande inventor brasileiro, acaba de aparecer.

pública, toda a família real teve que deixar nossa Terra, não foi?) pois, mesmo no exílio, a Princesa não esquecia a Pátria distante e não perdia ocasião de auxiliar seus compatriotas. Quer um exemplo?

Uma vez, em Paris o nosso patriôco Santos Dumont, tentando um vôo para a realização de seu grande sonho, caiu com seu balão na copa de um enorme castanheiro do parque da família Rothschild e lá ficou, algumas horas,

4.ª série — 2.º período

(Educação Cívica: Bondade, pontualidade, civilidade, cortesia, cooperação, etc.)

preso. A Princesa Isabel morava perto, soube do acidente e tratou logo de preparar uma deliciosa merenda, que enviou ao compatriota ilustre, animando-o com estas palavras:

"Suas evoluções aéreas lembram-me o vôo dos nossos grandes pássaros do Brasil! Que o senhor possa tirar, de seu aparelho, o partido que eles tiram de suas asas para glória de nossa Pátria comum!"

E assim, graças a essa gentileza extraordinária, Santos Dumont, com-

provando sua vocação de pássaro, tomou a primeira refeição desse dia na fronde do castanheiro...

Mas não ficou nisso o gesto amável da Princesa. Dias depois, ainda ofereceu ao ilustre aviador, uma medalha de S. Bento, protetor contra acidentes, dizendo:

"Ofereço esta medalha pensando em sua boa mãe e pedindo a Deus que o proteja sempre e o faça trabalhar para glória de nossa Pátria"

Isabel, Condessa D'Eu."



O balão de Santos Dumont prendeu-se contra as árvores de um parque. (Desenho do livro "Santos Dumont — Para Crianças")

Felizes os brasileiros que encontram uma segunda mãe em terra estranha e não abandonam, por falta de uma palavra amiga, de uma prova de apoio e admiração, de um justo incentivo, a realização de um ideal que visa o engrandecimento da Pátria!



Longe Ou Perto Da Pátria, Procura a Glória e a Grandezza Do Brasil.

## Recomeçar!

**H**A tempos *Mirim* mostrou a você de que é capaz quem tem força de vontade, contando-lhe a história daquele mendigo que sonhava com um rei e que conseguiu descobrir a América, justamente porque não desanimou perante nenhuma dificuldade.

Hoje apresenta-lhe um outro exemplo extraordinário: Santos Dumont que, a despeito de todos os obstáculos, realizou o ideal com que sonhou desde menino.

Santos Dumont queria dar direção aos balões, mas, para tanto, seria necessário prové-los de um motor a petróleo, como os que se usavam na época, e isso parecia a todos uma imprudência incrível porque o gás que enchia o bojo dos balões era inflamável, quer dizer, pegava fogo á-toa... Imagine você, quem mar petróleo ali perto!

Santos Dumont reconhecia que o perigo era grande, mas seu desejo de realizar a experiência era maior. Construiu, então, um balão alongado como um charuto, pois dessa forma mais facilmente fenderia o ar, e instalou um motor a petróleo na barquinha de vime, de onde pendia um cabo de 60 metros. Chegou a hora da experiência: o balão-charuto, que se debatia no ar como um peixe fora da água, ao grito de "Larga!" elevou-se no azul, ao ritmo do motor e aos aplausos frenéticos da multidão. Transpôs o céu das árvores e começou a evoluir sobre um mar de chapéus, agitados nas mãos do povo. O vento zunia nas cordas que sustinham a barquinha, fustigava-lhe o rosto, brincava-lhe nos cabelos, enfurnava-lhe a camisa, agitava-lhe a gravata, refrescava-lhe a cabeça escaldante de emoção! Era quase um deus, realizando um milagre! E

o balão descia, subia, voltava-se para a direita, para a esquerda, combinava movimentos verticais e horizontais...

A multidão, de olhos pregados no espaço, seguia-lhe o vôo, sem perder nenhum de seus movimentos.

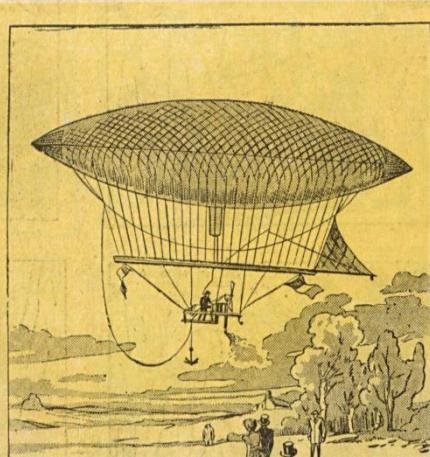
E Santos Dumont navegava pelo céu, com a deliciosa sensação de sentir-se pássaro! A marcha tinha a docura de um deslizamento, com balanços suavíssimos. E ele estava deslumbrado! "Numaeronave tudo é puro e limpo!", pensou.

Mas, de repente, elas que o balão se fecha no ar como um ca-

nivete gigantesco! E os milhares de olhos que o contemplavam entusiasmados viram-no vir tombando desavorado, de uma altura de 400 metros!

Era a morte!

Santos Dumont, suspenso na barquinha desarticulada, não teve a menor dúvida: era a morte! Em menos de 2 minutos, os pedaços de seu corpo e de seu motor se confundiram no solo. E o nosso herói olhava para baixo e assistiu à sua própria queda; a terra, as casas com suas chaminés, as torres das igrejas com seus parafusos, a galharia das árvores.



Construiu, então, um balão alongado como charuto...

5.ª série — 3.º período

Ciências Naturais — Aplicações científicas do calor — motor de explosão

tudo vinha ao seu encontro, para devorar-lhe a vida como um monstro enfurecido.

E a velocidade da queda aumentava. Nisto, porém, Santos Dumont viu um grupo de meninos que empinavam papagaios num campo espacoso. Iluminado por uma idéia súbita, gritou para baixo, o mais alto que pôde:

— Puxem a corda contra o vento!... Com toda a força!... Para lá!... Para lá!...

Menino sempre foi muito esperto. Santos Dumont ainda estava gritando e já os garotos tinham agarrado a corda e corriam a toda a velocidade pelo campo a fora. Arrastado assim de encontro ao vento, amorteceu-se a queda do balão e o choque foi pequeno.

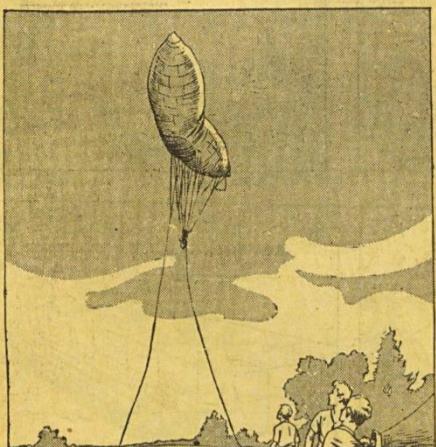
Santos Dumont saiu da barquinha atordoado! Estava salvo!... Salvo pelos garotos de Paris!

E ao povo, que correu ao seu encontro explicou, simplesmente:

— Subi de balão e desci de papagalo!...



O "Prêmio Deutsch" acabava de encontrar o seu vencedor.



Mas, de repente, eis que o balão se fecha no ar como um canivete gigantesco...

Os meninos pulavam de alegria por haverem empinado aquela pipa tão preciosa!

Este acidente, que assumiu quase as proporções de uma catástrofe, não foi o primeiro nem o último de sua vida de conquistas aéreas.

E quando lhe perguntavam, depois deste ou de algum outro acidente, o que pretendia fazer, respondia sempre, sem a menor hesitação:

— Recomeçar!

E que o nosso admirável patrício tinha uma vontade de ferro; não se cansava; não desanimava; não poupava esforços utéis; não se deixava levar pelas opiniões dos que queriam passar por entendidos e era um homem sóbrio, sem vícios, corajoso, simples, honesto, trabalhador e generoso.

Foi, gracas a essas extraordinárias virtudes, que, no dia 15 de outubro, justamente há 41 anos fazendo em seu balão-churrasco a volta da Torre Eiffel em menos de 30 minutos, Santos Dumont conseguiu levantar o prêmio Deutsch de 129 mil francos.



# MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

## Canto De Glória a Santos Dumont

Narbal Fontes

*Glória a ti, que viveste de aventuras  
E realizaste o sonho de um milênio  
E hoje, no céu, as tuas criaturas  
Vibram, contando a história de teu gênio!*

*Enobreceste a humanidade  
Porque eras simples e eras bom!  
Herói do sonho e da vontade,  
Santos Dumont! Santos Dumont!*

*Glória a ti, pela audácia desmedida,  
Pela lição que a tua história encerra!  
E embora estejas para além da vida,  
Tua presença paira sobre a terra!*

*Enobreceste a humanidade  
Porque eras simples e eras bom!  
Herói do sonho e da vontade,  
Santos Dumont! Santos Dumont!*

*Glória a ti, que fizeste uma conquista,  
Enaltecedo o povo brasileiro  
E erguendo a Pátria à altura de ser vista  
Na mesma hora, pelo mundo inteiro!*

*Enobreceste a humanidade  
Porque eras simples e eras bom!  
Herói do sonho e da vontade,  
Santos Dumont! Santos Dumont!*

**NOTA** — Iniciamos, hoje, a Semana da Asa. São sete dias de glorificação aos heróis do ar, tendo a frente o nome aureolado do nosso pioneiro Santos Dumont. Depois de amanhã, comemora-se a volta à torre Eiffel; realizada em 1901 pelo dirigível e a 23 será

comemorado o primeiro voo realizado no mundo por um aparelho mais pesado que o ar. Essa proeza sempre realizou-a também Santos Dumont em 1906. Você, que é um entusiasta dos grandes feitos de grandes homens do Brasil, com certeza já está partici-

pando, na escola ou fora dela, das homenagens a que tem direito o nosso aeronauta e todos os aviadores brasileiros. Elevemos a nossa aviação à grandeza sonhada por Santos Dumont, não só para defender o Brasil como para aproximar os brasileiros distantes.



## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

### Conversas Escalares

38

### Se Santos Dumont Estivesse Vivo...

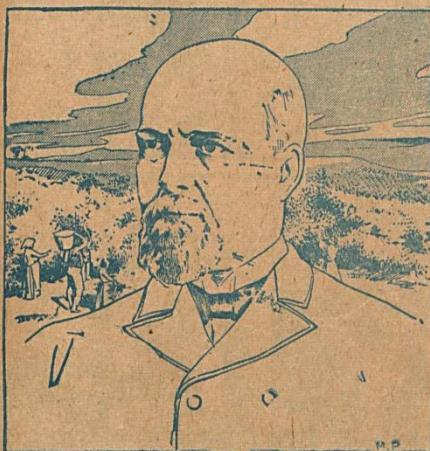
...completaria amanhã 71 anos. Este mês de julho tem duas datas que assinalam o começo e o fim da vida do genial inventor brasileiro: o dia 20 é o do seu nascimento e o dia 23 é o da sua morte. Vamos, pois, dedicar algumas

das nossas conversas, relembrando fatos de sua vida extraordinária.

Alberto Santos Dumont nasceu no dia 20 de julho de 1873, na parada de João Aires da estrada de ferro que liga Palmira a Barbacena, no Es-

tado de Minas. O lugar em que está situada a casa em que nasceu, chama-se Ca-bangú.

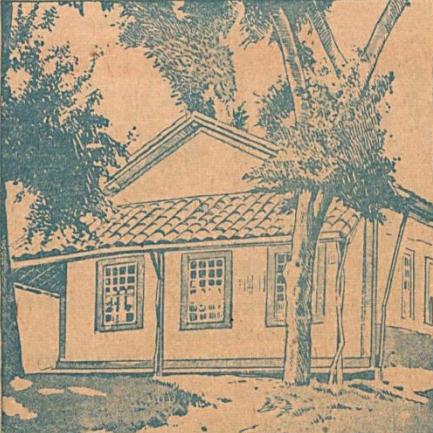
Santos Dumont era filho do engenheiro Henrique Dumont, descendente de franceses, mas brasileiro de Minas, embora educado e diplomado em Paris. Seu pai pertencia à família Dumont de Paris e viera ao Brasil em companhia de dois irmãos para negociar com diamantes brasileiros. Aquí, os três irmãos Dumont adquiriram, com grande sacrifício, um diamante que até hoje é célebre e se chama "Estrela do Sul", e que foi encontrado em 1853 por uma escrava, próximo à vila de Bagagem, em Minas. Os três negociantes pretendiam obter um grande lucro, vendendo a jóia na França ao imperador Napoleão III. Mas a França estava em guerra com a Rússia, a chamada guerra da Criméia, e não se interessou pela compra do lindo diamante. Ora, os três Dumont, o avô e os tios-avós do futuro inventor brasileiro, não puderam pagar o empréstimo que



O engenheiro Henrique Dumont, pai de Alberto Santos Dumont.

**MIRIM EDUCATIVO**

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação



A casa em que nasceu o inventor do avião.

nasceu é a mais modesta possível, situada numa garganta da Mantiqueira, no ponto culminante da estrada de ferro. Tinha três janelas na fachada, porta e janelas do lado, quarto de frente, varanda, sala e cozinha. O teto era de esteira de bambú trançados, o grande fogão era de tijolos. A cinco metros da casa era a mata virgem, onde em noites de lua os guarás, ou lobos do Brasil, uivavam a poeiras passos.

Depois que Dumont se tornou glorioso e conhecido em todo o mundo, o governo brasileiro ofereceu-lhe essa casa onde nasceu, pela qual tinha grande amor. Consertou-a e aformoseou-a e hoje ela é um museu da cidade de Santos Dumont, nome atual de Palmeira.

fizeram para aquisição da jóia e faliram. Tempos depois, o diamante foi vendido a um raja da Índia (raja quer dizer príncipe) pelo preço de 2 milhões de francos, que hoje em dia equivale a mais de 2 milhões de cruzeiros.

Um dos Dumont já tinha família no Brasil onde nasceram seus três filhos. O mais velho era justamente o Henrique, o futuro pai de Santos Dumont. Henrique foi confiado a uma tia em Paris, onde frequentou a Escola Central de Engenharia e, uma vez formado, embarcou para o Brasil, onde foi trabalhar na Estrada de Ferro Central do Brasil, ramal de Minas. Casou-se com D. Francisca dos Santos, filha do comendador Paula Santos com quem teve oito filhos. O último filho foi Alberto. A casa em que este



Desde pequeno, Alberto Santos Dumont tinha uma profunda inclinação pela mecânica.

Rio de Janeiro 1º de Julho de 1914 — MIRIM — PÁGINA 25 • NÚMERO 99

# MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

## Conversas Escalares

39

Santos Dumont, Suas Idéias  
e Suas Aventuras

(Continuação)

II

**A**LBERTO era um menino cheio de curiosidade e paixão pela mecânica. Na grande fazenda que seu pai instalou no sertão de Ribeirão Preto, havia, completas instalações de máquinas para beneficiar o café, um locomóvel e um trenzinho para transporte da colheita. O menino apren-

deu a lidar com todas as máquinas, desmontava-as com habilidade e guiava o trem e o locomóvel como um maquinista experimentado.

Lhe todos os livros que lhe calam nas mãos sobre máquinas e invenções mecânicas. Os que mais apreciava, porém, eram os livros de Júlio Verne,

o célebre escritor francês, que contou em aventuras empolgantes a história maravilhosa de invenções de toda espécie, que ainda naquela época ainda não se tinham realizado. Mirim já lhe falou sobre a influência que esse insigne romancista e cientista exerceu sobre inúmeros inventores de gênio. Santos Dumont, em seus livros, conta que deve a Júlio Verne as suas primeiras idéias sobre a dirigibilidade dos balões.

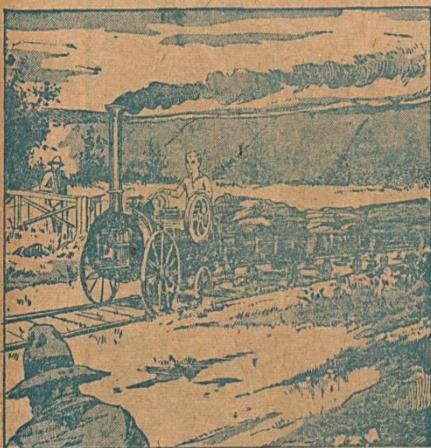
Certo dia, ele ficou decepcionado porque alguém lhe falara que a dirigibilidade em aeronavegação era irrealizável.

— Então é verdade — perguntou ele — que os homens não inventarão nunca um navio para navegar pelo céu?

— E' verdade, Alberto — lhe responderam. O homem não dirigirá nunca um navio no espaço.

— Mas, como é que os balões de São João sobem tão alto e ficam pelo ar um tempo enorme? Se a gente fizesse um balão muito grande, tão grande que desse para levantar um homem, um carro leve e um motor, ele não poderia ser dirigido como um vapor nas águas?

— A coisa não é tão facil



...guiava o trem e o locomóvel como um maquinista experimentado.

## MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação



Os que mais apreciava eram os livros de Julio Verne, certo o do Capitão Nemo a bordo do "Nautilus"...

quanto você imagina. Essa história de voar tem milhares de anos. Nasceu com o homem. Sempre ele morreu de inveja dos pássaros, dos insetos e até dos peixes voadores. As penas das aves já foram consideradas sobrenaturais. O homem primitivo cobria-se com elas e atirava-as do alto das montanhas, na louca esperança de sair voando. E você, com certeza, já sabe a história do Padre Guzmão, que conseguiu fazer subir um aerostato perante a Corte de Lisboa, mas não levou grande mistério e o seu autor acabou morrendo na miséria, em Toledo, cidade da Espanha.

Veja que a humanidade não poupa sacrifícios para realizar um sonho, mas tudo tem sido inútil. O grande balão que você imagina já existe há mais de cem anos. Quando ele subiu nos ares, em Annonay (leia Anomé), na França, os camponeses de três léguas de em torno ficaram apavorados pen-

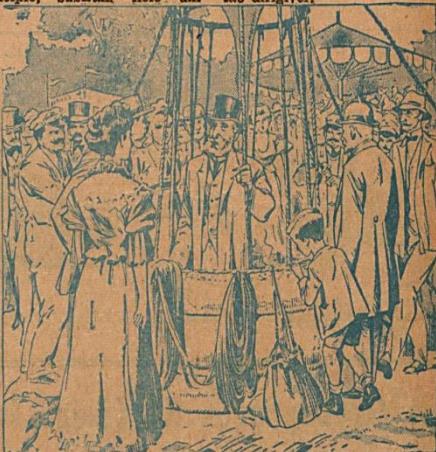
sando que era a Ira, que vinha caindo despregada do céu. A princípio, subiram nele um

pato, um galo e um carneiro. Depois subiram homens. Mas, que adianta, se ele não é dirigível?... Quanto ao motor e ao propelador de que você fala, já foi adaptado ao balão por um engenheiro francês, chamado Giffard (leia Gifár) há cerca de 30 anos. Esta experiência, infelizmente, foi a mais desastrosa possível. O cientista Giffard pagou com a vida a loucura de fazer funcionar um motor debaixo de massas de gás inflamável. E se conclui pela impossibilidade de dirigir um balão nos ares.

Mas, Alberto não se conveniu com toda essa conversa:

— Ele será dirigível — disse consigo. E pôs-se a fabricar aeroplanos da palha, com propelador de estilingue, balões de São João, e papagaios para empinar nos dias de vento na fazenda.

E conforme prometeu a si mesmo, cerca de vinte anos depois, viajava em Paris, num balão dirigível!



Alberto ficava estasiado por tudo quanto era balão que via...

**MIRIM EDUCATIVO** Página Organizada Por Técnicos De Educação

## *Conversas Escclares*

# 40

### Aventuras Extraordinárias De Santos Dumont

III

**H**OJE, aniversário da morte de Santos Dumont, ocorrida em 1932, na praia de Guarujá, em Santos, conforme lhe prometeu, "Mirim" vem relembrar um novo episódio de aventurosa vida de inventor, levada por aquele insigne brasileiro.

Esta aventura aconteceu-lhe no tempo em que fazia experiências com balões esféricos sem direção nenhuma. Quem ascendia num balão as-

sim ficava sendo joguete da alegria, não sabia onde iria descer e teria que sujeitar-se às maiores surpresas, inclusive a de ir parar num país estranho.

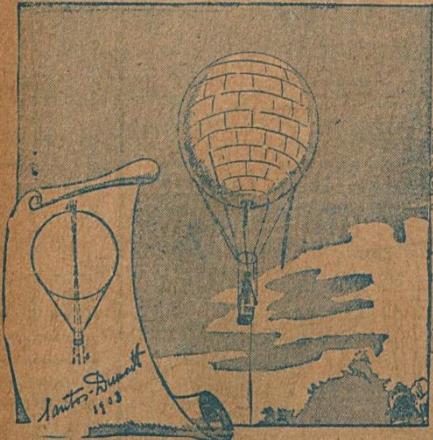
Num dia de tempo bonito, aparentemente sereno elevou-se aos ares, partindo da praça Massena em Nice a encantadora cidade do sul da França.

Pretendia fazer evoluções sobre o recorte gigantesco das montanhas e sobre a orla do Mediterrâneo, pois Nice é uma cidade marítima.

Contemplava o grandioso espetáculo, quando o barômetro (aparelho para medir a pressão do ar) acusou uma queda brusca. Era um aviso de tempestade iminente. Mal teve tempo de tomar conhecimento do fenômeno inquietante e uma rajada de vento o tangueu na direção de Cimier, povoação próxima de Nice, com a ameaça de arrastá-lo para o alto mar. Para evitar esse perigo, só havia um remédio: subir mais, fugindo da corrente aérea.

E o meio de subir em balão esférico é jogar fóra algum lastro (em forma de pequenos sacos de areia). Assim o fez e o balão atingiu a altitude de mil metros. Momentos depois, tentou descer de novo a uns 300 metros, para achar um vento propício. Mas apesar de acionar a válvula do balão, que é o meio de descer, forçando a perda do gás, observou que não descia... Qualquer coisa absolutamente imprevista e terrível estava acontecendo...

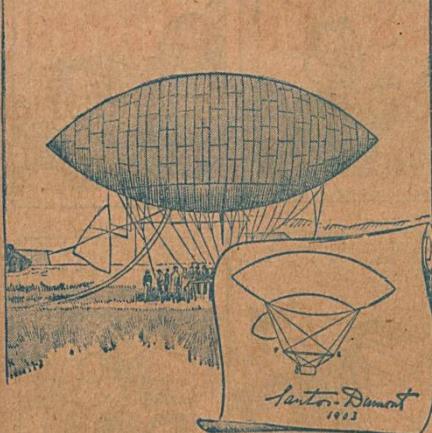
Acionou a válvula de novo violentamente e, em vez de queda o barômetro acusou ascensão. No entanto, por todos os motivos, era capaz de jurar que o balão descia. O barômetro estava maluco com



O "Brasil"

**MIRIM EDUCATIVO**

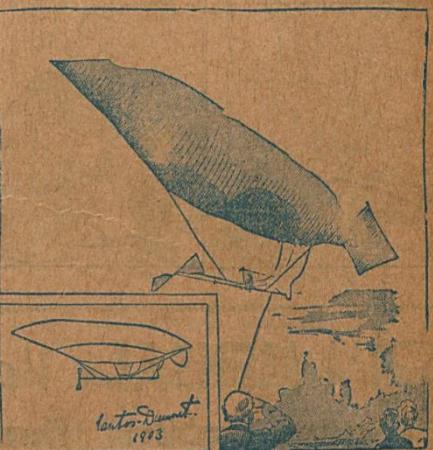
Página Organizada Por  
Técnicos De Educação



O balão "N.º 3", cheio de gás, se iluminou.

Certeza. Foi um momento de angústia! Só tardiamente achou explicação para aquele mistério tremendo: o balão subia e descia sobre uma coluna de ar, como uma bola de celuloide na ponta ou ápice de um repuxo. Só havia um recurso: apelar para a válvula novamente. Mas foi em pura perda... Lá estava o barômetro sinalizando indicação continua as censas... A terra lá em baixo, se afundava, completando a encenação do terror... Para poupar a última cartada, fechou a válvula. O balão ascendeu a 3 000 metros. Por um tempo que lhe parecia interminável, não despregou os olhos do barômetro até que ele marcou um início de descida. Jogou lastro para suavizá-la. E então, olhou para baixo e viu a tempestade raiando a seus pés... As frondes das árvores ondeavam, num canto da tormenta e foi levado de roldão, numa carreira alucinante, aflorando o oceano encapelado do bosque... Dentro da barquinha, Dumont lutava heroicamente, inutilmente, atirado de um canto para outro, como folha seca... Exausto, a roupa em tiras o rosto banhado e contumido, as mãos sangrando nas cordas, num último esforço, atirou a âncora que oscilou no abismo como um pêndulo fatal: agarrava-se, como um grampo, à cabeleira desgrenhada das árvores, mas logo se desprendia... Tudo estava perdido!... Nisto, o cabo pendente enrodilhou-se numa fronde, retezou-se, deu um repelão. Dumont foi cuspido e não viu mais nada.

Quando abriu os olhos, estava rodeado de camponeses que lhe costuraram a roupa e chamaram médico para costurar-lhe a pele.



O balão "N.º 4".

# MIRIM EDUCATIVO

Página Organizada Por  
Técnicos De Educação

## Conversas Escolares



### A Semana Da Asa

**E**IS-NOS chegados à Semana da Asa, a gloriosa semana comemorativa de Santos Dumont e das asas mecânicas que seu gênio inventivo criou. E acontece que ainda estamos conversando com você sobre as inspiradoras do gênio brasileiro — as aves. Dois assuntos que se completam. Cumpre-nos, pois, a exemplo do que já fizemos, por ocasião de seu aniversário natalício, ocorrido a 20 de Julho, dedicar-lhe algumas páginas de MIRIM. Santos Dumont é um brasileiro que merece ser estudado e amado pelos meninos, pois que sua vida é um exemplo, seu esforço pela humanidade é edificante e sua bondade é o melhor elogio que se pode fazer ao coração dos brasileiros.

Vamos traduzir aqui, especialmente para você, um discurso que Santos Dumont pronunciou em francês em Paris, por ocasião de uma festa em homenagem aos heróicos aviadores Costes e Le Brix, (leia Coste e Lebri), que acabavam de fazer a volta ao mundo, num vôo incomparável. Tratava-se de

uma proeza assombrosa, dada a relativa fraqueza dos aviões daquela época. Com esta saudação Santos Dumont mostrou ser não só um grande orador, mas uma criatura modesta, generosa e profundamente humana. MIRIM, oferecendo a você, as palavras proferidas pelo inventor, dá-lhe uma oportunidade de melhor conhecer os sentimentos do genial patriício:

"Costes e Le Brix:

Do mais profundo, do meu coração eu vos saúdo. No comégo deste Século, nós, os fundadores da Aeronáutica, havíamos sonhado para ela um futuro pacífico e grandioso. A guerra — que fazer? apoderou-se de nossos trabalhos para fins de ódio fraticida.

Obrigado por terdes, com a vossa viagem triunfal, demonstrado aos povos da terra a grandeza pacífica da aviação. Partindo da França, de um salto houveis atingido o Equador; no segundo aranço, estareis no Novo Mundo. E' formidável!... Homero não a pediria de maior para os seus deuses.

A vós, a honra de terdes, os primeiros, num só vôo, atravessando o Atlântico de Este a Oeste. Como é bela também a vossa epopeia americana, traçada com o sulco de vosso aeroplano, através dos territórios de todas as Repúblicas de nossa jovem América. No Brasil, nas planícies do Prata, entre os povos dos Andes, por toda a parte, festejaram-vos como os heróis, como os mensageiros do Progresso. Continuando vosso raid, por etapas imensas e fulminantes, atravessastes a Ásia! Porque não direi também de vós: "Prodígiosos, elés maravilharam a terra dos prodígios!"

Na Europa, não descestes senão na Grécia — homenagem ao Povo Único.

Hije, Paris vos aclama, emocionado, porque na aviação jamais se fez nada de tão grandioso, nada de tão belo; e amanhã, os representantes das vinte duas Nações, unidas pela grandeza de vossa obra, vos prestarão homenagens.

Neste momento, nós, o Aéro Clube, estamos orgulhosos, porque o Aéro Clube de França foi o ninho, foi o fundador da Aeronáutica.

Eu vos felicito por vossa fabulosa epopeia aérea, e vos felicito ainda por terdes mostrado aos povos deslumbrados, aos povos maravilhados de vinte capitais, que nas veias dos franceses circula sempre o sangue dos gigantes!

Bravo!».



Dessa maneira, a *Mirim* integrou-se ao projeto estado-novista voltado a uma supervalorização do civismo em meio ao público infanto-juvenil, como uma estratégia para reforçar os pressupostos nacionalistas. Para a execução de tal plano, a exaltação biográfica teve um papel decisivo, com a recorrente busca por enaltecer determinados personagens considerados como aqueles que tiveram um papel relevante na formação brasileira. Nesse sentido, a própria revista manifestava sua intenção de apresentar “à juventude da nossa terra o exemplo das grandes vidas” e “o roteiro indicado pelas figuras ilustres do Brasil, que deixaram aos porvindouros o estímulo oferecido pelas suas vitórias, alcançadas com justiça, dedicação e amor à pátria”. Buscava assim lembrar “aos jovens de hoje”, os “construtores do amanhã, os serviços prestados à nação”, portais personalidades em destaque<sup>121</sup>. Assim, o periódico contribuiu significativamente para o projeto de exaltar certos “vultos” que, por meio de suas ações, serviriam como exemplos de moral, civismo e patriotismo para as gerações futuras, as quais, por sua vez, de acordo com tal lógica, continuariam a cultuar tal fé patriótica.

---

<sup>121</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 3 jun. 1942.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

